

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

ANISSIS MOURA RAMOS

O CONCEITO DE DEUS PAI: UM DIÁLOGO ENTRE A TEOLOGIA DE  
TORRES QUEIRUGA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin  
Orientador

Porto Alegre  
2010

ANISSIS MOURA RAMOS

O CONCEITO DE DEUS PAI: UM DIÁLOGO ENTRE A TEOLOGIA DE  
TORRES QUEIRUGA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia,  
da Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de  
Concentração Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Leomar A. Brustolin

Porto Alegre

2010

ANISSIS MOURA RAMOS

O CONCEITO DE DEUS PAI: UM DIÁLOGO ENTRE A TEOLOGIA  
DE TORRES QUEIRUGA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia,  
da Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de  
Concentração Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Leomar A. Brustolin

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin – PUCRS

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS

---

Prof. Dr. Pedrinho Arcides Guareschi - UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- a Deus, por me orientar, mostrando-me os caminhos que devo seguir;
- aos professores e funcionários da Faculdade de Teologia da PUCRS;
- de modo especial, ao coordenador do Curso de Teologia e meu orientador Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin, pela forma solícita com que me acolheu, desde o primeiro contato, conduzindo-me, orientando-me sempre com muita paciência e dedicação;
- aos colegas do curso, sempre dispostos a me ajudar, destacando o colega e amigo Pe. Ronaldo Miguel da Silva que, incansavelmente, me ajudou nos momentos de dúvidas;
- ao Pároco Pe. Luiz Inácio Ledur, que contribuiu permitindo a realização da pesquisa em sua paróquia;
- às pessoas que responderam à pesquisa, sendo decisivas para realização da mesma;
- à colega Georgia Welp, por me auxiliar na melhor compreensão da teoria junguiana;
- aos meus pacientes, que inúmeras vezes tiveram que trocar seus horários, para que eu pudesse atender à demanda do curso;
- aos meus amigos que me acompanharam e me apoiaram no decorrer desta caminhada.

**“Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas transformem-se pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que é agradável a Ele, o que é perfeito”. (*Rm* 12,2)**

## RESUMO

A pesquisa busca aproximar a Teologia e a Psicologia visto estudos na área da saúde mental mostrarem que o ser humano, que crê em Deus, apresenta melhor prognóstico, quando acometido de alguma patologia desta área. Por isso, foi proposto um diálogo entre o Teólogo Andrés Torres Queiruga e o Psicanalista Carl Gustav Jung, no qual se trabalha o conceito de Deus em Torres Queiruga e o entendimento de paternidade em Jung. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa com vinte e um cristãos católicos em uma Paróquia no centro de Porto Alegre/RS, a fim de investigar se o conceito de Deus, utilizado pelos católicos, está ou não, de acordo com a expressão evangélica do *Abbá* de Jesus. A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa qualitativa foi a descritiva-explicativa, sendo os resultados analisados pelo método de análise de conteúdo de Bardin, obtendo como resultado sete categorias: o Pai Juiz, o Pai Rigoroso, o Pai Compassivo, o Pai Amoroso, o Pai Cuidador, o Pai Misericordioso e o Pai Legislador, permitindo assim concluir que o conceito de Deus utilizado pelos cristãos católicos, nem sempre coincide com a expressão evangélica do *Abbá* de Jesus.

**Palavras Chaves:** Deus. Pai. Paternidade.

## ABSTRACT

This work brings together Theology and Psychology, having in view that some studies on mental health indicate that those people who believe in God end up with a better prognostic when suffering from any mental pathology. That is why it is proposed a dialogue between a Theologist, Andrés Torres Queiruga, and a psychoanalyst, Carl Gustav Jung. Such dialogue works with Queiruga's concept of God as Father and Jung's understanding of what Fatherhood is. Firstly, a qualitative research was carried out among twenty-two Catholic Christians at a church located at the center of Porto Alegre / RS. Such research aimed at investigating whether the concept of God as Father, which is used by the Catholics, is - or not - in accordance with the evangelical expression of it, which is called *Abbá* of Jesus. This work followed a descriptive-explicative method and its results were analyzed according to Bardin's content analysis method, through which seven categories were obtained: Father as a Judicious Figure, Father as a Demanding Figure, Father as a Compassionate Figure, Father as a Loving Figure, Father as a Careful Figure, Father as a Merciful Figure, and Father as a Lawmaker Figure. It was possible to conclude that the concept of God as Father used by the Catholic Christians not always finds its equivalent in the evangelical expression of it, the *Abbá* of Jesus.

**Keywords:** God. Father. Fatherhood.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 CRÍTICA MODERNA DO CONCEITO DE DEUS NA TEOLOGIA DE TORRES QUEIRUGA .....</b>	<b>14</b>
1.1 INFLUÊNCIA DE XAVIER ZUBIRI .....	16
1.2 A LEITURA LITERAL DOS CONTEÚDOS BÍBLICOS.....	18
1.2.1 O olhar crítico sobre os textos sagrados.....	21
1.2.2 A história e o significado dos fatos.....	24
1.2.3 A nova hermenêutica dos estudos bíblicos.....	25
1.2.4 A questão da interpretação.....	28
1.3 DEUS AMOR: O CAMINHO DA FÉ CRISTÃ.....	32
1.3.1 Jesus: revelação do amor de Deus.....	35
1.3.2 Jesus revela o <i>Abbá</i> .....	37
<b>2 NOÇÃO DE PATERNIDADE NO PENSAMENTO DE C.G. JUNG.....</b>	<b>46</b>
2.1 AUTOR E OBRA.....	46
2.2 A ESTRUTURA DA VIDA PSÍQUICA.....	50
2.3 ARQUÉTIPOS, IMAGENS E DEUS.....	57
2.3.1 O Arquétipo do Pai.....	59
2.3.2 O Arquétipo da Mãe.....	64
2.3.3 Deus.....	68
<b>3 ANÁLISE SOBRE O CONCEITO DE DEUS.....</b>	<b>74</b>
3.1 O PAI RIGOROSO.....	74
3.2 O PAI LEGISLADOR.....	79
3.3 O PAI JUIZ.....	82
3.4 O PAI MISERICORDIOSO.....	86
3.5 O PAI AMOROSO.....	92
3.6 O PAI CUIDADOR.....	97



<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>123</b>

## INTRODUÇÃO

Atualmente, o ser humano está cada vez mais perdendo seu referencial de valores, vivendo uma crise de sentido e ética. Desconfiando das pessoas, e até mesmo de si, acaba isolando-se, na tentativa de buscar uma resposta para os seus conflitos. Olha para dentro de si e só encontra perguntas sem respostas. Mesmo assim, apesar do caos em que se encontra, quase sem crenças e valores, observam-se nos dados oferecidos pelo censo de 2000, que 73,60% da população referencia como religião o catolicismo<sup>1</sup>. Isso revela, que apesar da correria dos tempos modernos, o ser humano busca na religião respostas que não encontra no mundo moderno. A razão é o seu maior privilégio e, ao mesmo tempo, seu maior tormento, pois lhe mostra o caos em que se encontra.

Mesmo indo ao encontro de Deus, o humano atual não consegue percebê-Lo como Jesus Cristo o percebia, ou seja, como seu *Abbá*. Isso acontece, devido ao ego inflado que o humano tem, hoje tido como necessário para atender às demandas da sociedade consumista em que se encontra. O poder passou a ocupar, para algumas pessoas, o centro do universo tomando o lugar de Deus. Os valores ficaram esquecidos num passado próximo, o modelo familiar foi se desconstruindo e o papel da figura paterna foi sendo substituído pela figura do amigo, descaracterizando a responsabilidade dos pais para com os filhos, provocando conflitos nas relações e gerando uma sociedade adoecida por um excesso de permissividade.

A permissividade que tomou conta das pessoas corrobora com o que os meios de comunicação vêm noticiando. Segundo, a Organização Mundial de Saúde - OMS - a depressão é o mal do século, provocando um sofrimento intenso não só no indivíduo acometido dessa patologia, como também nas pessoas que compartilham o seu dia-a-dia. Atualmente, pesquisas na área da saúde mental, mostram que o ser humano que crê em Deus tem menos chance de adoecer psiquicamente, pois consegue manter a homeostasia entre a mente, o corpo e o espírito. Esse foi o motivo que nos levou a propor um diálogo entre a Teologia e a Psicologia. Para isso, realizamos além da pesquisa bibliográfica, uma pesquisa de campo, numa Paróquia central da cidade de Porto Alegre/RS.

---

<sup>1</sup> IBGE – Censo de 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 20/11/2009.

Para embasar a pesquisa de campo, foi utilizado o conceito de Deus-Pai em Torres Queiruga e a percepção de Jung sobre Deus. No primeiro capítulo, após a apresentação do teólogo escolhido para o trabalho, foi desenvolvida a proposta de Torres Queiruga sobre a imagem de Deus. Nessa proposta, é possível ter uma compreensão atualizada dos significantes e significados encontrados nos fatos narrados pelos textos sagrados. Para desenvolver essa idéia, o teólogo mostra que o Deus apresentado no Novo Testamento, e que tem como seu ponto máximo o amor, é o mesmo Deus que está presente no Antigo Testamento.

No segundo capítulo, é apresentada a visão de Jung, em relação à paternidade, onde a palavra pai é exposta no sentido mais amplo. No entanto, antes de abordar a questão pai, foram desenvolvidos alguns conceitos utilizados por Jung, que permitem uma noção de como funciona o aparelho psíquico. Também, foi estudado como se constrói as imagens de pai, mãe e Deus nos arquétipos. Por fim, abordou-se a relação que Jung fazia do pai biológico com Deus.

No terceiro capítulo, está estabelecido o diálogo entre o pensamento de Torres Queiruga e as ideias desenvolvidas por Jung, tendo como ponto de partida para esse diálogo, alguns recortes de falas, obtidas nas entrevistas realizadas na pesquisa.

A proposta de diálogo tem o objetivo de analisar, por meio de uma pesquisa de campo, se o conceito de Deus utilizado pelos cristãos católicos está ou não, de acordo com a expressão evangélica do *Abbá* de Jesus. A pesquisa foi realizada numa Paróquia no centro da cidade de Porto Alegre/RS.

A realização da pesquisa, de cunho qualitativo, utilizou-se do método descritivo-explicativo. Essa metodologia, por meio de coleta de dados, tem como fim descobrir e estabelecer perspectivas e/ou pontos de vista sobre o assunto proposto, aprofundando o conhecimento do tema e explicando-o<sup>2</sup>. Também permite ao pesquisador, por meio de entrevistas semi-estruturadas<sup>3</sup> (anexo 1), uma melhor compreensão em termos conceituais e abstratos, das crenças, atitudes, valores e motivações das pessoas, em relação a um contexto

---

<sup>2</sup> Cf. GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, pp. 45-46.

<sup>3</sup> Entrevista semi-estruturada – é uma entrevista livre que permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia, o entrevistador o conduz a retomar. IN: GIL, A.C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, p.114.

específico, não possuindo valor estatístico. A entrevista é uma técnica onde o entrevistador formula perguntas ao entrevistado, numa situação frente a frente. Tem por objetivo obter dados relevantes à pesquisa ou investigação. Nesta técnica, o entrevistado fala livremente sobre um assunto, mas ao desviar-se deste, o entrevistador tenta direcioná-lo novamente ao tema. Há liberdade total do entrevistado em expressar suas opiniões e sentimentos. Este tipo de pesquisa é a que apresenta menor rigidez no planejamento<sup>4</sup>. Normalmente, a pesquisa é desenvolvida com o objetivo de propiciar uma visão geral, de tipo aproximativo em relação a determinado fato, podendo ser utilizado quando o tema escolhido não é muito explorado, tornando-se difícil formular hipóteses precisas sobre ele<sup>5</sup>

Após termos claro o problema e os objetivos da pesquisa, partimos para a construção do questionário. A elaboração de um questionário requer disciplina na seleção e na redação de perguntas, devendo ser observado se às mesmas estão claras, a fim de garantir que os entrevistados entendam exatamente o que está sendo perguntado. O número de pessoas a serem entrevistadas dependerá da quantidade de tempo que o pesquisador tem<sup>6</sup>.

Antes de darmos início a coleta de dados, foi necessário que tivéssemos uma carta de autorização do local onde seria realizada a pesquisa, a fim de encaminhá-la junto com o projeto de pesquisa para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS – CEP. Após apreciação inicial, o projeto foi devolvido para que fosse feita as alterações propostas pelo Comitê. Tendo sido atendido as solicitações, foi reencaminhado o projeto para o CEP, que concedeu a aprovação sob o registro CEP 09/04805. De posse desta aprovação, foi enviada uma correspondência para paróquia onde seria realizada a pesquisa, informando a aprovação do projeto e a liberação para que iniciasse o processo de entrevistas.

Objetivando a investigação foi proposta, inicialmente, a seleção de trinta e três pessoas. Em virtude de não existir um método para selecionar entrevistados nas investigações qualitativas, foi feita a seleção de forma espontânea. A pesquisa qualitativa tem por finalidade explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em questão, na medida em que o pesquisador começa a verificar uma uniformidade nas respostas, pode

---

<sup>4</sup> Cf. BAUER, M. W. e GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.*, pp. 64-65.

<sup>5</sup> Cf. GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, p. 45.

<sup>6</sup> Cf. BELL, J. *Projeto de Pesquisa – Guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*, pp. 119-121.

interromper as entrevistas por ter atingido o ponto de saturação<sup>7</sup>. E, após ter sido realizado vinte e uma entrevistas percebeu-se que isto tinha ocorrido. Todas as entrevistas foram gravadas, após ter sido explicado para o entrevistado o objetivo da pesquisa e o mesmo ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2). A pesquisa aconteceu num espaço de setenta dias.

Vencida mais esta etapa, realizou-se a transcrição literal das entrevistas, para que pudéssemos avançar para fase seguinte. Os conteúdos de cada entrevista foram analisados seguindo o método de Bardin. A análise de conteúdos de Bardin é um conjunto de instrumentos metodológicos aplicado a discursos diversificados que oscilam entre dois pólos: do rigor da objetividade à fecundidade da subjetividade. Com isso, permite ao pesquisador buscar o que se encontra latente, ou não aparente, e retido em qualquer mensagem<sup>8</sup>.

Após o tratamento dos conteúdos analisados, faz-se a codificação seguida da categorização, cujo objetivo, numa pesquisa qualitativa, é fornecer, por condensação uma representação simplificada dos dados obtidos. Para a categorização, é empregado o processo fornecido pelo sistema de categorias que repartem da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados<sup>9</sup>. Os critérios que foram utilizados para categorização, na pesquisa, são a reincidência e a relevância. Elegeram-se seis categorias: o Pai Juiz, o Pai Rigoroso, o Pai Misericordioso, o Pai Amoroso, o Pai Cuidador e o Pai Legislador.

Ao escrever cada capítulo, teve-se a preocupação de conduzir o leitor a acompanhar a linha de pensamento desenvolvida para formação do diálogo entre o teólogo Andrés Torres Queiruga e o psicanalista Carl Gustav Jung.

---

<sup>7</sup> Cf. BAUER, M. W. e GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*, pp. 70-71.

<sup>8</sup> Cf. BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*, p. 11.

<sup>9</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 146 - 148.

# 1 A CRÍTICA MODERNA DO CONCEITO DE DEUS NA TEOLOGIA DE TORRES QUEIRUGA

Para afrontar a questão teológica do conceito de Deus, vislumbraremos os estudos de Torres Queiruga que tem como proposta apresentar uma nova imagem de Deus, mais condizente com os tempos modernos. É importante conhecer um pouco de sua história, antes de aprofundar o estudo sobre o seu pensamento, saber os pensadores que o influenciaram, a forma como escreve, podendo-se daí entender seu sucesso literário. A habilidade com que Torres Queiruga apropria-se da teoria da lingüística para desenvolver seu pensamento, torna suas obras prazerosas, convidando o leitor a perpassar pelos fatos históricos por meio da simbologia existente, em seus significantes e significados, de acordo com a época em que a leitura está sendo feita. Isto instiga o leitor, à busca de mais conhecimentos sobre os textos sagrados.

Andrés Torres Queiruga nasceu em Agüño-Ribeira, na Espanha. É considerado um dos principais teólogos europeus, da atualidade. Fez doutorado em Teologia pela Universidade Gregoriana, de Roma, e em Filosofia, pela Universidade de Santiago de Compostela, da Espanha. É professor de Teologia Fundamental no Instituto Teológico Compostelano e de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela. Também, é membro da Real Academia Galega, do *Del Consejo de La Cultura Gallega*. Exerce o cargo de diretor de *Encrucillada: Revista Gallega de Pensamento Cristián*<sup>10</sup> e membro dos conselhos de redação de *Iglesia Viva*, *Sal Terrae*, *Revista Portuguesa de Filosofia e Concillium*.

Queiruga recebeu o prêmio *Del Crítica de Ensayo*, em 1977 e 1985, o prêmio de *Investigación Losada Diéguez*, em 1996 e o prêmio *Trasalba - Otero Pedrayo* - no ano de 2003. Foi nomeado “galego egregio”, em 1994. Várias são as obras por ele publicadas, dentre as quais destacamos: *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*; *Repensar a Ressurreição*; *Recuperar a Criação*; *Noción, Religación, Transcendencia*; *El hombre de Dios em La Modernida*; *A revelação de Deus na Realização Humana*; e, *Creio em Deus*. Suas obras são marcadas pela preocupação em reconstruir na sociedade moderna a nova imagem de Deus, apresentada pelo seu Filho Jesus.

---

<sup>10</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Revista IHU On-Line*, 29.98.<<http://www.unissinos.br> > Consultada em 1.11.2009, p. 1.

Evidencia-se, nas obras de Torres Queiruga, a influência que o autor sofreu dos filósofos e teólogos, Amor Ruibal e Xavier Zubiri. Amor Ruibal, nasceu em San Verísimo do Barro, em 1869 e faleceu em Santiago de Compostela, na Espanha, no ano de 1930. Foi doutor em filosofia, teologia e direito. Educado no Seminário de Santiago de Compostela, ainda, muito jovem, recebeu um prêmio da Sociedade Oriental Germânica de Berlin ao participar de um Concurso de gramática Sirocaldea. Já, como sacerdote, estudou na Universidade Gregoriana de Roma. Foi professor de Teologia Fundamental em Santiago de Compostela. É considerado um gênio criador, por suas ideias estarem acima de todo o sistema escolástico e filosófico de sua época. Estruturou seu próprio pensamento filosófico, onde reprova a escolástica em todas as suas formas. Percebeu a teologia bimilenar como uma forma de comunicação pouco coerente. Com isso, propôs sua própria visão de mundo, tendo como tema central o correlacionismo, onde a interpretação adequada do ser e do dever é considerada em si mesma, em razão de existir uma lógica universal que responde ao contexto ontológico. Nessa visão, o universo é uma realidade essencialmente orgânica em que os elementos, ao se dividirem, tornam-se proporcionais, uns em relação aos outros, e ordenados seguem a harmonia do todo.

Em sua importante obra, *Los Problemas Fundamentales de La filosofia y Del Dogma*, Amor Ruibal revisa todas as teorias filosóficas e, de modo especial, as escolásticas, tornando realidade a concepção unitária da ciência, sem qualquer divisão temática entre filosofia e teologia. Ademais, defende a excelência e a necessidade dos métodos escolásticos nos grandes problemas platônicos e nas teorias originais, dentre as quais destacam-se: a do juízo anterior a ideia da unidade dinâmica do cosmo; a da experiência e contingência do ser finito; a da solidariedade orgânica e hierárquica da totalidade do universo; e, a da relação entre o ser ontológico e o conhecimento humano. A filosofia de Amor Ruibal não só foi considerada uma genealogia moderna, mas também obteve uma posição de vanguarda dentro de sua época<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> CASTRO, E.S. *Journal Title*, Revue, 1988, v.43 n° 167-168, p.209-220.

## 1.1 A INFLUÊNCIA DE XAVIER ZUBÍRI

Apesar da influência de Amor Ruibal no pensamento de Torres Queiruga, percebe-se que o autor acabou por se tornar um discípulo de Xavier Zubiri. Xavier Zubiri, nasceu em San Sebastián, em Madri, estudou filosofia, recebeu o título de doutor pelo Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Louvain, na Bélgica<sup>12</sup>. Concentrou sua pesquisa e reflexão, basicamente na área da Teoria do Conhecimento, da Ontologia e da Gnoseologia. Foi professor de História da Filosofia na Universidade de Madri. À época, ao perceber as exigências de um novo modo de filosofar, Zubiri serviu-se da fenomenologia como uma forma de romper com o matiz subjetivista do idealismo, que reduzia as objetividades a meros conteúdos de consciência. Tinha como proposta básica negar o subjetivismo e a conseqüente afirmação da objetividade do real como tal. Em suas obras, procura romper com o universo escolástico e com o conceptualismo ocidental, visando alcançar a realidade das coisas. Acreditava que somente através de uma filosofia da realidade é que se pode atingir o que mais interessa, ou seja, a realidade humana.

Na percepção de Zubiri, o que se reporta a Deus está relacionado ao fato imediato da “religação”, que se fundamenta na força de imposição das coisas. Este fato nos apresenta o “problema de Deus”, pois a “religação” está além da compreensão. A partir da “religação”, a razão expressa Deus como realidade totalmente absoluta, quão possível fundamento da “religação” ao poder do real. Uma das teses de Zubiri sobre Deus nasce da vontade de superar o risco, de evitar um Deus alheio e estranho ao mundo, bem como de evitar a diluição da transcendência na imanência. Com isso, Zubiri afirma que Deus é intramundano e que a transcendência de Deus é acessível no mundo. As ideias teológicas de Zubiri têm início antes de sua etapa metafísica que é considerada a etapa madura. Sua filosofia resume-se, essencialmente, no problema de Deus<sup>13</sup>.

Muitos dos seguidores de Zubiri deram continuidade a este tema, sendo que Torres Queiruga destaca-se em função do número expressivo de trabalhos que tem publicado sobre Deus, chegando a ser considerado o discípulo que mais tem aprofundado o pensamento de Zubiri<sup>14</sup>. Assim como Zubiri e Amor Ruibal tinham a preocupação de fazer uma filosofia que

---

<sup>12</sup> ZUBÍRI, X. *El Hombre Y Dios*, pp.2-3.

<sup>13</sup> *Idem. Sobre El Hombre*, p, 11-19.

<sup>14</sup> *Ibidem*.



contemplasse a época em que viviam; Torres Queiruga também sente a necessidade de reconstruir a imagem de Deus nos tempos atuais. Em suas obras, fala-nos de um Deus *Abbá* - papai/papaizinho - que criou por amor, que é amor, que não castiga, não pune, que por amor vive, como um “Pai/Mãe”, voltado para a nossa história e que perdoa a todos incondicionalmente, querendo a salvação de todos, inclusive daqueles que não O reconhecem<sup>15</sup>.

Queiruga convida, através de suas obras, a refletir sobre a História da Salvação e consequentemente da Revelação, vindo desde o Antigo Testamento ao Novo Testamento, buscando uma coerência na linguagem teológica e religiosa, a fim de criar um novo paradigma para a imagem de Deus<sup>16</sup>. No desenvolvimento de seu pensamento, o autor gera a sensação de que Deus vai passando por um processo de “aperfeiçoamento” no decorrer da história. No entanto, sabe-se que não é isso que acontece com a evolução dos tempos, pois Deus é sempre o mesmo, o que mudou foi a forma como a hermenêutica vem sendo lida e interpretada pela humanidade nos tempos modernos.

Nessa breve apresentação do pensamento de Torres Queiruga, evidencia-se que o seu propósito é repensar o problema real de Deus, na modernidade, ajudando-nos a descobrir um novo Deus aos olhos do homem. O teólogo mostra-nos uma nova maneira de experienciar Deus hoje, a fim de estabelecer uma relação verdadeira com Ele<sup>17</sup>. Tomando como base para o desenvolvimento da pesquisa, a obra “*Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*”, será explorado uma nova imagem de Deus apresentada por Queiruga. O autor propõe um novo olhar para Deus, por considerar que a visão atual que se tem Dele ainda está muito marcada pelas experiências e pelos conceitos de um mundo que deixou de ser o nosso. Devido à evolução da humanidade ser um processo constante e dinâmico, isso provoca uma mudança na forma hermenêutica de ler os textos da Sagrada Escritura<sup>18</sup>. Sendo assim, Queiruga toma como ideia central de sua pesquisa o Deus da Revelação, desde os primórdios da experiência religiosa até a experiência libertadora de Jesus. Vale-se de uma reflexão teológica, embasada no fundamento bíblico do Antigo e do Novo Testamento, mostrando a influência que o fundamentalismo ou positivismo bíblico exerce na sociedade atual<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p.31.

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*, p.18.

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, p.15.

<sup>18</sup> Cf. *Idem. Um Deus para Hoje*, p. 11-13.

<sup>19</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror do Isaac ao Abbá de Jesus*, p.78-80.

## 1.2 A LEITURA LITERAL DOS CONTEÚDOS BÍBLICOS

A dissolução do pensamento medieval sobre o problema de Deus e a passagem para a modernidade, superando o realismo grego-escolástico, representa um marco epocal. O homem por meio de sua cognição pode compreender melhor esse problema<sup>20</sup>. No entanto, é importante que esteja atento para que as novas experiências que acompanham o mundo moderno, originadas pela ciência e tecnologia dela resultante, não tenham uma visão reducionista e positivista, não deixando assim espaço nenhum para o divino. É inegável a importância da ciência e da tecnologia nos dias de hoje, porém, não se pode perder de vista o romantismo, que é outra experiência do mundo, devendo ser mantido o sentido de sua profundidade e deixando aberta a possibilidade do divino como presença fundante<sup>21</sup>.

Hoje, não é mais possível pensar num Deus que manda para o inferno as crianças sem batismo, nem que considera boa a servidão medieval<sup>22</sup>, assim como não é viável acreditar em um Deus que, para privilegiar um povo precisa abandonar o outro, que pune e que faz diferença entre seus filhos. Isso, só pode ser compreendido, como uma leitura que não mais faz parte da nossa história, exigindo, portanto, uma nova compreensão hermenêutica dos textos bíblicos, podendo aproximar-se mais da realidade das pessoas, permitindo que estas, ao escutarem, sintam-se tocadas, proporcionando um momento de reflexão mais profunda frente à Palavra de Deus<sup>23</sup>. Daí, então, que a necessidade de mostrar Deus de uma nova forma, assemelha-se ao pensamento de Teilhard Chardin<sup>24</sup>.

Seguindo o pensamento do teólogo, em alguns momentos, somos levados a questionar o Deus que nos é apresentado no Antigo Testamento, no qual é narrado o sacrifício de Isaac que, se for interpretado literalmente, pode condicionar definitivamente a imagem de Deus, transformando-O num fantasma que envenena a consciência individual e o imaginário coletivo<sup>25</sup>. Vimos, contudo, que o Deus do Antigo Testamento também ensinava fielmente a verdade para nossa salvação, bem como arguia, corrigia, a fim de que o homem de Deus fosse

---

<sup>20</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Noción, Religación, Transcendencia*, p. 48.

<sup>21</sup> Cf. *Ibidem*, p.49.

<sup>22</sup> *Idem. Op. cit*, p. 15.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>24</sup> CHARDIN, T.P. *El porvenir Del hombre*, p.319-320. Indubitavelmente, por alguma obscura razão, há algo que 'não anda' em nosso tempo entre o homem e Deus, tal como Deus é apresentado ao homem de hoje. Tudo acontece, hoje em dia, como se o homem não tivesse diante de si a figura do Deus que deseja adorar.

<sup>25</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p.14.

perfeito e preparado para toda obra boa (2 *Tm* 3,16-17 .)<sup>26</sup>. No entanto, essa imagem de Deus, nem sempre será vista, assim. Muitas são às vezes, em que a Palavra de Deus, ao ser proferida, nos fala de um Deus muito longínquo, que teve uma fala pontual para algumas pessoas por Ele escolhidas, dizendo-lhes o que quis, na medida em que Ele é inquestionavelmente livre para se revelar a quem, como, quanto e quando quisesse, tendo como resultado do discurso, os textos sagrados que reunidos formam a Bíblia<sup>27</sup>.

Na perspectiva de Torres Queiruga, talvez o imaginário coletivo de muitos fiéis e quem sabe até mesmo de alguns teólogos, por muito tempo, supunham que isso tivesse acontecido somente em Israel. Por outro lado, outros aguardavam aquele Deus que havia falado a diversas pessoas, em tempo e local diferentes, mantendo a esperança de que um dia, seriam também contemplados com a sua revelação<sup>28</sup>. Estaríamos então, frente a um Deus particularista. Ele que criou todos os homens e mulheres, revelou-se apenas para uma minoria, mantendo “seu” povo, até o século II a.C, aproximadamente, sem o conhecimento de uma vida eterna. Teria promovido crises violentas, a exemplo da que vemos no livro de Jó e em outros, como aquela em que estaria disposto a mandar uma peste sobre o povo, porque o rei havia pecado (2 *Sm* 24, 1-17); ou, ainda, a que castiga a culpa dos pais nos filhos até a terceira e quarta gerações ( *Ex* 34,7; *Nm* 14, 18); a que dá “a morte e a vida” (*Dt*,32,39); e, mesmo, a que causa o bem estar e cria a desgraça (*Is* 45,7). Essa ideia é totalmente inaceitável, primeiramente, por Deus, embora conste nos léxicos bíblicos. Daí a importância de revermos o conceito de revelação, até então proferido<sup>29</sup>.

Depreende-se em Queiruga, a preocupação com os prejuízos que uma leitura acrítica da Bíblia pode ocasionar na consciência religiosa das pessoas; daí o seu empenho em mostrar a necessidade de uma nova compreensão e interpretação sobre os textos sagrados. Para tanto, faz-se necessário ter a clareza do que os autores bíblicos pensavam em seu tempo e daquilo que nós aprendemos com eles e que devemos pensar hoje. É importante lembrar que os autores bíblicos, ao escreverem os textos sagrados, faziam com base na sua percepção, mas isso não é garantia de que fosse a forma real como Deus atuava<sup>30</sup>. Notadamente, frente a qualquer texto teremos sempre a realidade, a percepção e o entendimento da pessoa que

<sup>26</sup> Cf. Constituição Dogmática *Dei Verbum* nº 11.

<sup>27</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror do Isaac ao Abbá de Jesus*, p.24.

<sup>28</sup> Cf. *Ibidem*, pp.24-25.

<sup>29</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 25-26.

<sup>30</sup> Cf. *Ibidem*, pp.71-72.

escreveu e isso não avaliza a verossimilhança do fato, pois toda escrita está sempre muito ligada à história do escritor.

Pode-se observar que, na Bíblia, muitas narrações históricas, orações sálmicas e expressões proféticas causam estarrecimento, como o “*herem*”, ou seja, a ordem posta na boca de Deus para exterminar a sangue e fogo os habitantes de uma cidade inteira. Mediante uma leitura literal, existe a possibilidade de se ficar horrorizado com esse Deus, mas ao ler com uma visão crítica, percebe-se que isso não estaria de acordo com a vontade divina e que, portanto, trata-se de um entendimento feito, pelas pessoas daquela época, que interpretavam como sendo a vontade de Deus. Felizmente, com o passar dos tempos, a própria Bíblia deixa de ser lida assim e, hoje, ninguém tem dúvida de que isso não partiu de Deus, pois Jesus de Nazaré não revelou a imagem de um Deus violento<sup>31</sup>.

Toda leitura dos relatos que existem na história da literatura universal deve ser feita com extremo cuidado, pois na medida em que o tempo vai passando a interpretação dos fatos vai se modificando. Ela sofre interferência dos modelos culturais da época, em que essa leitura está sendo feita. Algo, que, num determinado momento, foi compreendido como salvação dentro de um contexto, em outro, pode ser percebido como maldição<sup>32</sup>. Observamos isso quando lemos *Gn* 31, 42.53, denominando Deus de “terror de Isaac”. Apesar de haver certo assombro ao nos defrontarmos com essa expressão na Bíblia não pode descartá-la totalmente, por se tratar de uma leitura viável, reportando-se a uma tradição rabínica, que narra como Sara, ao ouvir o acontecido, “lançou seis gritos e morreu”. Normalmente, toda reflexão judaica em torno da *Akkeda*, ou seja, da “atadura” de Isaac sobre o altar do sacrifício, possibilita sentir a profundidade do problema e a sua ambiguidade. Porém, o ponto crucial de tudo isso, é que o movimento cultural transformou essa dificuldade em uma indagação inevitável, conseguindo condicionar o valor religioso de todo o acontecimento<sup>33</sup>. Com isso, com o advento do iluminismo, alguns questionamentos foram formulados, inclusive pelo próprio judaísmo, devido às críticas feitas por *Abraham Geiger*, o qual percebia, na importância dada ao relato da liturgia judaica, uma espécie de “obscura zelotipia” do sacrifício do Filho no cristianismo, apagando todas as alusões na liturgia por ele reformada<sup>34</sup>. Isso gerou um desconforto no campo filosófico, que referia não ser cabível responsabilizar

---

<sup>31</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p.72.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.73.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>34</sup> *Ibidem*, pp.74-75.

ninguém, mas sim tomar consciência da gravidade do problema, pois, o que estava em pauta era uma nova leitura da Bíblia e as relações entre a religião e a ética ou a filosofia em geral<sup>35</sup>.

### 1.2.1 O olhar crítico sobre os textos sagrados

A crítica à leitura literal da bíblia começa a se fazer mais presente com a independização que a razão filosófica teve da tutela teológica, onde se faz perceber que o centro do princípio da inspiração literal estava na relação entre o fato e o significado, levando a um questionamento sobre a verdade literal de todas as afirmações bíblicas, bem como da realidade dos fatos empíricos que dava sustentação ao significado religioso. Como consequência, isso se tornou um grande desafio para o cristianismo, eis que veio abalar a raiz do seu fundamento que é a revelação bíblica<sup>36</sup>.

Na medida em que a investigação suscita uma análise dos textos em si mesmos, estudando os gêneros das relações que estabelecem entre si, somados à cultura ambiental, as dependências genéticas ou dos destinatários imediatos, verificam-se avanços extraordinários. Tais avanços podem ser observados pelas riquezas das investigações recentes que trouxeram novidades relevantes nos estudos, através de novos textos e enfoques socioculturais que apontam para uma diferença essencial. Por outro lado, se forem interpretados em seu significado real, esses avanços tornam-se mais difíceis e os acordos propiciam um resultado menos privilegiado. Trata-se de constatação digna de nota, na medida em que revela a necessidade de uma distinção no processo hermenêutico dos textos antigos como um todo. Entretanto, é importante que os exegetas façam uma análise bastante criteriosa, de modo a avaliar os significados dos textos, considerando o contexto em que foram escritos e para o qual estavam destinados; somente desta forma é possível obter-se grandes avanços. Não obstante, cumpre ainda ressaltar a necessidade de verificar o que esses textos representam nos dias de hoje<sup>37</sup>.

O despertar da crítica bíblica representou um grande avanço, entretanto houve dificuldade em que esse avanço fosse levado a sério, pois precisava enquadrar-se em um novo

---

<sup>35</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 74-75.

<sup>36</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 77-78.

<sup>37</sup> Cf. *Idem. Repensar a Ressurreição*, p. 54.

paradigma que lhe permitisse obter sua significação atual<sup>38</sup>. Discutir o sacrifício de Isaac seria um ponto paradigmático, devido aos questionamentos que poderiam ser levantados, como o horror moral que a leitura realista provocava e não mais tinha como esconder. Tampouco, evidenciava-se a contradição teológica entre a figura de Deus que aí aparecia e, posteriormente, havia se configurado na tradição bíblica. Tradição esta, que culminou em Jesus de Nazaré, mas que, em grande parte, já tinha se formado no Antigo Testamento. É importante salientar que Jesus atinge o seu ápice e leva à plenitude o que foi descoberto no Antigo Testamento, sem o qual não seria possível o seu evangelho<sup>39</sup>.

A instalação de uma crise geral que se fundou sobre o olhar hermenêutico dos textos bíblicos provocou um novo embasamento em relação ao problema do significado, podendo ser levado em conta a exemplar expressão de Kant: “seu raciocínio bem conhecido é dificilmente refutado”. Através desta expressão, Kant anuncia o surgimento de uma nova cultura que despontava em seu tempo, posto que as palavras prediziam uma mudança epocal na compreensão da revelação<sup>40</sup>. Com isso, houve a necessidade do estudo do contexto original e a elaboração da distância temporal, tornando-se um trabalho inescusável para toda tentativa de compreensão. Houve a quebra da linguagem espontânea, a diástase, texto/significado que, inicialmente, aparecia como expressão geral e relativamente espontânea, passando nos estudos, através de novos textos a aparecer rica em dados concretos que a articulavam internamente. Sendo assim, o que nela pretendia ser expresso, passou a não ser um fenômeno isolado, devido a entrar num processo amplo de significados, esquemas mentais e modos de expressão. Isto chamou a atenção para que novas investigações surgissem, não apenas aquelas que tentavam abrir caminhos inéditos, mas também aquelas que se encontravam presas às tradições<sup>41</sup>.

Esta exigência que o tempo moderno trouxe, consubstanciada em uma remodelação total dos meios culturais com que, de forma radical, compreendemos, traduzimos, encarnamos e tentamos realizar a experiência cristã<sup>42</sup>, foi contra a característica fundamental da religião bíblica, ou seja, seu neorealismo, cujo enraizamento de suas mensagens traz consigo a pretensão de verdade absoluta, apoiada na história. Diante desta dificuldade, a tendência como

---

<sup>38</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a Ressurreição*, p.40.

<sup>39</sup> Cf. Idem. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 78.

<sup>40</sup> Cf. Ibidem, pp. 76-78.

<sup>41</sup> Cf. Ibidem, pp.71-77.

<sup>42</sup> Idem. *Um Deus para Hoje*, p. 12.

geralmente acontece é de simplificação extrema, sustentando ou negando a realidade do fato e eliminando qualquer possibilidade de significado. Atualmente, a ciência bíblica consegue uma solução equilibrada sem precisar prender-se ao literalismo do fato, mas reforçando o dinamismo autêntico e profundo do significado<sup>43</sup>.

Hoje, é impossível entender no sentido literal o mito do sacrifício de Abraão que, por um mandato divino, teria que sacrificar e queimar o seu único filho. No entanto, ainda paira certa inércia interpretativa e “teórica” que sustenta essa crença, ao passo que a convicção vivida e profunda considera como não sucedido no mundo real. O problema é que enquanto não houver uma conscientização sobre isso, a teologia continuará sofrendo influência do literalismo, trazendo prejuízos na vivência da fé<sup>44</sup>.

Por consequência, observa-se a importância de distinguirmos expressamente dois níveis: o fato da ordem divina e sua possibilidade, visto que a negação do fato leva, por exemplo, a revisar toda a perspectiva, genial em vários aspectos, de Kierkegaard em “Temor e Terror”, a qual se encontra embasada num literalismo inquestionável. Entretanto, ele utiliza-se da teoria dos três estágios: estético, ético e religioso, que esclarece muitos aspectos importantes do ser humano, mas, devido à falta da mediação hermenêutica, torna-se totalmente inaceitável. O religioso, sem sombra de dúvida, supera o ético, situando-se num plano distinto, nada podendo ser construído sobre sua destruição como aconteceria se existisse a ordem proposta por Kierkegaard. Algo semelhante aconteceu com Kafka, porém, com um maior pessimismo cético acentuado por sua falta de fé. O interessante é que, em ambos os casos, o encantamento pela cena está vinculado às experiências traumáticas que os dois vivenciaram com seus pais. Verifica-se, portanto, que não basta excluirmos o fato, mas é preciso negar a possibilidade de que Deus tenha dado a Abraão a ordem de matar seu filho, pois sabia que uma ordem Sua para Abraão continha uma seriedade mortal, indo de encontro à essência divina que entendemos em seu ponto mais alto, qual seja, “Deus é amor” (1 Jo 4,8.16); ao mesmo tempo, que destruiria a própria essência moral do homem, não solidificaria, nesse caso, a construção dos significados existentes<sup>45</sup>.

---

<sup>43</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 80.

<sup>44</sup> *Ibidem*, pp. 80-81.

<sup>45</sup> *Ibidem*, pp. 82-85.

### 1.2.2 A história e o significado dos fatos

É inviável sustentar a realidade do significado teológico com base num fato empírico, caracterizando o desconhecimento de algo muito presente em toda a hermenêutica atual, que é a flexibilidade que identifica o mundo simbólico na relação estabelecida com os fatos empíricos<sup>46</sup>. Ademais, o ponto mais agravante apontado por Torres Queiruga reside na perda das aquisições mais decisivas da exegese: “( ...)a fundamental historicidade da religião bíblica não exige a faticidade de tudo o que é narrado nela. Foi necessário aprender isso não só nos relatos de Gênesis, mas também na própria história de Jesus de Nazaré”<sup>47</sup>.

Isto provocou uma disputa entre o evolucionismo e a dura evidência colocada por Albert Schweitzer sobre a impossibilidade de escrever uma “vida de Jesus”. Nada obstante, proporcionou uma visão mais profunda e autenticamente religiosa da revelação. Vê-se assim, a necessidade de aprofundar o detalhe hermenêutico, por ser a única maneira de resgatar o significado real da narração, o que é imprescindível para uma leitura atualizada<sup>48</sup>.

Claus Westermann classifica o sacrifício de Isaac como uma “narração teológica” ou uma “teologia narrada”, na qual Issac teria um papel secundário, representando um vínculo entre as figuras mais importantes, Abraão e Jacó. Queiruga utiliza-se deste entendimento, a fim de exemplificar os problemas que podem ser ocasionados quando a historicidade dos símbolos e do caráter contextual estiver embasada apenas em fatos empíricos<sup>49</sup>.

Fica evidenciado, nessa narração de Westermann, que não se trata de um acontecimento factual, mas sim de uma construção teológica, não fundamentada numa especulação historicista. Abraão sempre expressou, através de sua fé, uma total obediência a Deus. Todavia, se isso está ou não fundamentado em um fato real, não é relevante para a validade do significado, nos dias de hoje, até porque a realidade é significativa em um determinado contexto, podendo tornar-se um paradoxo quando lida de forma literal em outro momento<sup>50</sup>.

---

<sup>46</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 86.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem, pp. 88-89.

<sup>50</sup> Ibidem.



Um exemplo, que evidencia a importância do significante no contexto em que está inserido o fato, pode ser encontrado em *Gn* 1-2, onde se constata o apego inflexível de Deus a um “oleiro”, levando-o a um disparate teológico frente ao problema da evolução. Percebe-se ainda, nos dias de hoje, que alguns grupos, como as testemunhas de Jeová, mantêm-se presos à simbologia que o sangue tinha no contexto antigo do mundo bíblico<sup>51</sup>.

Outro exemplo apresentado por Torres Queiruga é o juramento de Jefté:

Se entregares os amonitas em minhas mãos, aquele que sair primeiro da porta de minha casa para vir ao meu encontro quando eu voltar vencedor do combate contra os amonitas, esse pertencerá a Iahweh, e eu o oferecerei em holocausto” (*Jz* 11,31). Quem saiu foi sua filha. E note-se que ela aceita o voto: “Meu pai, tu assumistes esse compromisso com Iahweh. Trata-me, pois, segundo o que prometeste (*Jz* 11,36)<sup>52</sup>.

Obviamente, esse fato não aconteceu, porém é possível depreender dele a grandeza e o significado de um gesto que até então era narrável e concebível como heróico. Somente uma boa hermenêutica é capaz de mostrar que a realidade factual do significante nem sempre impede captar o significado, o qual pode não ser aceito no meio expressivo, mas mesmo assim, mantém transparente a intenção original<sup>53</sup>.

Tais exemplos servem para ratificar e mostrar a proposta de Torres Queiruga, de que as palavras e as proposições têm significado em seu contexto; no momento em que este é alterado, perdem o seu significado. O que precisamos ter claro é que grande parte dos conceitos teológicos são seculares, chegando até nós, desde a tradição bíblica, separada da atualidade por dois milênios, nos extratos mais recentes, e por três, nos mais antigos<sup>54</sup>.

### 1.2.3 A nova hermenêutica dos estudos bíblicos

Torres Queiruga, em sua expressão “a letra mata e o espírito vivifica”, traduz a maneira autêntica que encontrou para respeitar o passado do outro. Na cultura de hoje, é impossível aceitar, sem qualificar como um ato abominável, que Deus deu a ordem para sacrificar uma criança inocente. Contudo, se nos voltarmos para o contexto histórico em que

---

<sup>51</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 90.

<sup>52</sup> *Ibidem*.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p.91.

<sup>54</sup> *Idem. Recuperar a Criação*, p. 22.

essa narração foi feita e olharmos para o mundo religioso-cultural da época, veremos o radicalismo que separa as duas épocas e suas culturas<sup>55</sup>. Não podemos, contudo, deixar de ler a Bíblia; devemos lê-la sim, mas com um olhar completamente diferente dos tempos anteriores. Com certeza, nem o mais insensível fundamentalista, consegue ler hoje de forma literal os seis dias da Criação no Gênesis, assim como não se conseguiria acreditar que os relatos de Marcos, Mateus e Lucas se deram concomitantemente. Marcos disse que, ao partirem do sepulcro, as mulheres “não contaram nada a ninguém pelo medo que tinham” (*Mc* 16,8); Mateus afirma que “o comunicaram a seus discípulos” (*MT* 28,8); Lucas, por sua vez, enfatiza que “anunciaram aos Onze e todos os outros” (*Lc* 24,9). Com isso, defrontamo-nos com um processo objetivo, independente da vontade e da intenção de quem fala, indicativo de que os conceitos teológicos usados estavam fundamentados no contexto em que nasceram e tinham um significado justo.

Em assim sendo, frente àqueles casos em que, por um esforço histórico ou adaptação teológica, procuramos entendê-los em seu significado original, acabamos muitas vezes sendo conduzidos a uma cisão interna, na medida em que o peso das palavras impõe uma repercussão antiga, em nível emotivo, enquanto, no plano conceitual, estão introduzidas normalmente na rede conceitual a que pertencem, deste modo enfatizando sua permanência. Portanto, a única maneira que temos, para solucionar este problema, é lançarmos mão de um novo vocabulário, introduzindo os significados de forma precisa na nova rede conceitual<sup>56</sup>.

Os sacrifícios humanos compõem um dado ambiental, inserido em Israel, como comprovam as proibições legais (cf. *Lv* 18,21; 20, 2-5; *Dt* 12,31;18,10) e as diatribes proféticas (*Jr* 7,31; *Mq* 6,6-7; cf. *Sl* 106,37). Outro dado decorre da ideia de Deus rigorosamente monoteísta, que competia com as constantes tentações idolátricas, mantendo traços terríveis de ameaça e castigo como causa e ação direta “da vida e da morte” (cf. *Dt* 32,39; *Os* 4,10; *S*, 55,24; *Sb* 16,13; *Jó* 9,22; *Ecl* 7, 15...). Nessas condições, fica evidenciado que uma ordem desse tipo, ainda poderia ter uma forte capacidade simbolizadora, através da qual o autor bíblico soube utilizar, talentosamente, para dar um pulo sobre seu próprio tempo. Esta liberdade frente à letra enseja duas coisas: (1) definir o lugar exato em que se deve inscrever o esforço historiográfico, a fim de encontrar as origens da narração, valendo-se dos resultados para uma compreensão atualizada e explicitação da função exata que o material

<sup>55</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 91.

<sup>56</sup> *Ibidem. Recuperar a Criação*, p. 23.

narrativo – significante – tinha em seu contexto e, (2) poder captar o significado profundo que estimulou o uso desse material, mobilizando sua maravilhosa estratégia expressiva<sup>57</sup>.

Em sua verdadeira luz, aparecem agora as duas razões aceitas pela exegese, sendo, a primeira, a explicação etiológica do nome Moriá, que significa “Iahweh vê” ou “Iahweh aparece”; a segunda tem uma relevância histórica, criticando e deslegitimando os sacrifícios humanos como algo não desejado por Deus. Vê-se, então, que o rompimento da letra destaca a expressão do significado: um símbolo que hoje nos causa repulsa, em outra época, provocou um avanço religioso e cultural bastante expressivo. Não vislumbrá-lo representaria uma enorme falta de visão etnocêntrica<sup>58</sup>.

Todavia, manter a literalidade fora das referências que, naquela época, o tornavam inteligível, implicaria numa falta de visão histórica e hermenêutica; e mais, continuar preso à letra, expressaria uma falta de respeito com o texto, posto que a sua intenção ficasse, assim, presa a um significante que, avaliado pelos critérios atuais, seria totalmente inaceitável. Ao matar Isaac, cometer-se-ia um real assassinato cultural com a extraordinária morte da letra (2 *Cor* 3,6), repelindo para sempre, ao inferno dos sinais mortos<sup>59</sup>. Reprovar hoje as expressões, não quer dizer que, em seu tempo, elas não tivessem validade e muito menos, que ainda o tenham, em um segundo ou terceiro nível de reflexão. O que constitui o enigma hermenêutico é que nem aquele é o contexto, nem estes são os níveis pelos quais notam e avaliam os destinatários atuais<sup>60</sup>.

Assim, é possível resgatar o significado com ampla liberdade, sem precisar ficar preso à letra que o seu significante tem, não pressupondo que somente aquilo que hoje percebemos é o que tem valor para todos e para sempre. Daqui a alguns anos, a atual forma hermenêutica empregada para o entendimento dos textos sagrados, provavelmente já estaria necessitando ser revisada. Isto é característico de toda marca temporal de qualquer interpretação e de toda a hermenêutica autêntica<sup>61</sup>.

---

<sup>57</sup> TORRES QUEIRUGA, A *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 92-93.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 93.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 94.

<sup>60</sup> *Idem. Recuperar a Criação*, p. 26.

<sup>61</sup> *Idem. Op cit.*, p. 95.

#### 1.2.4 A questão da interpretação

Ainda que muito poucos sejam os que, em nosso tempo, levariam a sério a literalidade, não apenas do fato da ordem, mas também de sua própria possibilidade, o problema fica concentrado na falta de clarificação do discernimento. Permitindo que a interpretação reflexa permaneça funcionando sobre a base não manifesta no pressuposto tradicional, isto acarretará conseqüências interpretativas graves, que se fazem necessárias denunciar e, dentro do possível, corrigi-las. Somente através do esclarecimento destes pressupostos e da elaboração crítica do distanciamento temporal será possível fazer-se uma interpretação correta, à altura de nosso tempo. Esta interpretação poderá ser positiva, se abrir a riqueza de seu significado, e negativa, se excluir as oposições que não dão acesso ao significado, obtendo-se como resultado a eliminação do falso “escândalo” do significante com uma dupla valência. Por ser a positiva mais simples, torna possível o significado, uma vez deixada de lado à interpretação literal, não mais aceita nos tempos atuais; já a negativa, apesar de sutil, mostra-se mais decisiva, devido a afetar a dinâmica da fé e por se opor declaradamente a uma enganosa imagem de Deus<sup>62</sup>.

O importante para a interpretação religiosa é manter a possibilidade do significado. Quando isto é feito, de maneira acrítica, corre-se o risco de estar alimentando inconscientemente uma pseudo ideia de Deus ou uma ideia que não contemple o Deus de amor revelado, em uma longa e fecunda história que tem o seu ponto mais alto em Jesus de Nazaré<sup>63</sup>. Estaríamos frente à ideia de um Deus interesseiro que castiga quando não lhe prestam o devido “serviço”; de um juiz, implacável que persegue o culpável por toda a eternidade; de um tirano injusto que cria sem permissão, não oferecendo alternativa a não ser servi-lo<sup>64</sup>; que coloca seus filhos a prova a todo o momento; que põe dificuldades em seus caminhos, ao invés de evitá-las; do Deus terrível do inconsciente não purificado que pode ter exigências arbitrárias ou até mesmo afirmar sua soberania ao preço da felicidade; ao Deus *tremendus* que assegura sua grandeza por meio da submissão de seus filhos; em resumo, do “Terror de Isaac” e não do “*Abbá* de Jesus”. De fato, muitas são as interpretações ainda

---

<sup>62</sup> TORRES QUEIRUGA, A *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 96.

<sup>63</sup> *Ibidem*.

<sup>64</sup> *Idem*. *O Que Queremos dizer Quando Dizemos “Inferno”?* p. 26.

existentes da morte de Jesus, vinculadas a falsa associação por causa de uma má leitura do símbolo de Isaac<sup>65</sup>.

Queiruga insiste, neste ponto, por estar convicto que grande parte da credibilidade do cristianismo se reporta a este tipo de influência. Uma linguagem, não purificada e de pressupostos não submetidos à crítica precisa, acabam influenciando o inconsciente individual e coletivo. Algumas frases bíblicas ainda estão muito enraizadas no inconsciente das pessoas, que continuam lendo e acreditando como se fosse uma verdade literal. A conseqüência inicial, de grande importância propedêutica, é destacada pelo autor, no sentido de que

toda pregação ou interpretação desse símbolo poderoso deve começar por deixar bem claro que não se apóia na letra da narração, pois só assim – agora o compreendemos melhor – o ouvinte ficará livre para a percepção do significado<sup>66</sup>.

Outro aspecto a ser abordado é a compreensão do significante, de forma que não prejudique a imagem de Deus. O que aparece na narração bíblica como uma causalidade divina está sob influência de outros tempos<sup>67</sup>, os quais resistiam às mudanças ou não eram capazes de assimilar os novos dados e, de certa forma, foram responsáveis por esta “revolução científica” que esta sendo vista<sup>68</sup>.

Cabível inserir aqui a contribuição positiva, pois, a partir do momento que temos o significante bem elucidado e mantendo distância de seu contexto, pode-se recuperar o significado simbólico, deixando-se levar pela força expressiva de uma leitura espontânea<sup>69</sup>, o que vai ao encontro do que P. Ricoeur chama de “segunda inocência”<sup>70</sup>.

Essa nova maneira de ler não deu abertura para o dramatismo das narrações, pelo contrário, abriu espaço para que a experiência da vida mostre-nos que em todo o contexto as provações podem ser terríveis, a ponto de precisarmos sacrificar o que temos de mais íntimo e

---

<sup>65</sup>TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 96.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 98.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

<sup>68</sup> *Idem*. *Creio em Deus Pai Pai: O Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, p. 25.

<sup>69</sup> *Idem*. *Op. cit.*, p. 99.

<sup>70</sup> RICOEUR, P. In TORRES QUEIRUGA, A. *Op. cit.*, p. 99. “[Inocência] A que nasce de uma fidelidade límpida, que não tem medo de deixar-se educar pela crítica.

querido. O teólogo aponta que, com esta nova leitura, não corremos o risco de que desapareça a lição fundamental, ou seja,<sup>71</sup>

que mesmo nesses casos a solução não está no desespero, na rebeldia ou na fuga, mas na confiança em Deus através da fidelidade à voz da consciência, que desvela a lei profunda de nosso ser e, conseqüentemente, o caminho de nossa verdadeira realização. Realização que é, identicamente, a vontade de Deus em relação a nós<sup>72</sup>.

Transparece, daí, a importância de levar a sério a integridade do trajeto hermenêutico, tendo como início a elucidação do sentido original da fé até o esforço de enquadrá-lo no contexto atual, qual seja, impor-se nos avanços de forma precisa e consciente, desde o trabalho exegético de reconstrução do sentido, no passado até a aplicação teológica de sua recuperação no presente<sup>73</sup>. Isso favorece para entender o chamado que chega até nós com toda sua pureza, sem prejudicar a nossa autonomia, e, muito menos, atentar ao amor de Deus. Em alguns momentos, podemos ter a percepção de que o Pai nos abandona; ao contrário, Ele nos acompanha em todos os momentos. Temos essa impressão, também, em relação ao próprio Cristo na cruz. Não obstante, a partir de Cristo, sabemos que isso não é verdade: Deus jamais nos abandonou, fazendo-se muito próximo, quando a injustiça dos homens ou a violência da vida nos crava na cruz<sup>74</sup>.

Esta caminhada hermenêutica do autor tem uma visão crítica na categoria da eleição e permite não acreditar que ainda possa existir um favoritismo divino, pois, impelido pelo seu amor livre e generoso, o Deus que “quer que todos sejam salvos” busca, através de todos os meios, fazer-Se sentir o mais rápido e intensamente possível por todos os homens e mulheres, desde a criação do mundo. Não descuida de ninguém, nem há Nele “acepção de pessoas” (cf. *Rm* 2,11; *Ef* 6,9; *Cl* 3,25; *IPd* 1,17)<sup>75</sup>.

Dessa forma, podemos compreender melhor a simbologia existente na obediência absoluta de Abraão, que perde o seu lado obscuro da submissão a um Deus terrível, transformando-se em uma livre confiança filial, frente a um Deus, cujo amor visa só e unicamente a nossa realização e felicidade. A segurança da ajuda divina, simbolizada no anjo

<sup>71</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p.99.

<sup>72</sup> *Ibidem*.

<sup>73</sup> *Idem*, *Repensar a Ressurreição*, pp. 26-27.

<sup>74</sup> *Idem*. *Op cit.*, p.100.

<sup>75</sup> *Idem*. *Autocompreensão Cristã*, p.55.

e no carneiro, não é descartada, assim como o fracasso pode ocorrer. Todavia, ambos são iluminados pela luz transcendente da ressurreição<sup>76</sup>.

Queiruga enfatiza a importância de termos claro que o símbolo continua impressionando com sua grandeza, conforme coloca: “Abraão continua representando um modelo grandioso para nossa fé (*Rm* 3,28; cf. 1,17; 3, 20-27.30; 4, 2-5. 16-24; *Gl* 2,16; 3,6-12.24) e vigoroso estímulo para a abertura ativa à vontade de Deus” (*Tg* 2,21-24; *Jo* 8,39-40)<sup>77</sup>.

Diante disso, desaparecem as conotações obscuras que podem contaminar o inconsciente das pessoas, impedindo que elas percebam o rosto paterno que nos foi revelado em Jesus. Nesse sentido, é importante cuidar para que expressões piedosas ou conceitos aparentemente profundos possam reavivar o velho significante, visto o conceito de Deus por si só ser incompleto, exigindo-nos uma atenção e um respeito maior<sup>78</sup>. Não podemos esquecer que o ponto mais alto da tradição bíblica está na captação humana do que Deus, desde sempre, quer ser para nós: Pai, entregue em seu amor tão infinito, como seu próprio Ser e que, unicamente, espera de nós que, compreendendo-O, usemos responder-lhe com a máxima confiança a que nosso coração for capaz<sup>79</sup>.

Como já podemos perceber, de uma maneira elucidativa, Torres Queiruga convida-nos a caminhar através da hermenêutica, da simbologia, do significante, dos significados, em suma, da semiótica da lingüística, a fim de obtermos uma nova compreensão sobre o que lemos na Escritura. O Deus, que lá encontramos, é o mesmo Deus, que se revelou através de Jesus; a única diferença é a forma como interpretamos os fatos e a simbologia utilizada, que não é mais aceitável nos tempos atuais. É impossível continuar lendo a Bíblia de forma literal, pois sabemos que a história, que ali se encontra, muitas das vezes, não é exata, que havia tipos diferentes de narrações, de gêneros literários, desencadeando então, a necessidade de reestudar a Escritura e repensar a sua própria compreensão<sup>80</sup>. O autor, por meio da sua busca incessante do sentido histórico das ideias e, de um modo especial, pelas teológicas<sup>81</sup>, nos apresenta um Deus, que não castiga, que não manda matar as criancinhas, que não causa guerra, mas sim cria por amor, que se doa total e indiscriminadamente, que tem uma

<sup>76</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 100-101.

<sup>77</sup> Cf. *Ibidem*, p. 101.

<sup>78</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>79</sup> *Idem*. *Recuperar a Criação*, p. 70-71.

<sup>80</sup> *Idem*. *Creio em Deus Pai Pai: O Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, pp. 28-29.

<sup>81</sup> *Idem*. *Repensar a Ressurreição*, p. 13.

generosidade irrestrita sobre todas e cada uma de suas criaturas, que é reconhecido por Seu Filho como *Abbá*<sup>82</sup>. É em cima desta nova imagem de Deus, apresentada pelo autor, que iremos nos debruçar, a partir de agora, a fim de contemplarmos os objetivos da pesquisa.

### 1. 3 DEUS AMOR: O CAMINHO DA FÉ CRISTÃ

Desde o começo do cristianismo, o amor vem sendo o núcleo central da experiência cristã, adquirindo uma supremacia indiscutível<sup>83</sup>. As revelações bíblicas, desde seu início histórico, perceberam que a relação com o divino tinha um caráter pessoal, onde toda sua essência estava concentrada no amor. Deus, através de seu amor, liberta inicialmente a escravidão coletiva e, depois, vai manifestando sua preocupação profunda com aqueles que sofrem discriminações: o órfão, o escravo, o estrangeiro e a viúva.

Como se pode verificar nos relatos do Gênesis e do Êxodo, o amor é mostrado como a causa da própria criação e da relação de Deus com a história, tendo por consequência o amor do homem como forma fundamental de sua vida, sendo este amor dirigido não só para Deus, mas também para o irmão e isto é o que dá sustentabilidade a esta aliança<sup>84</sup>. O espírito de amor pode ser visto em Jesus, por meio de suas palavras, de seus atos, da forma como conduziu sua vida, não deixando dúvida a ninguém de que sua vida e seu amor estavam assentados em Deus, como *Abbá*, que ama incondicionalmente, que perdoa a todos e que se abre a todos os seus filhos como padrão único e supremo de conduta.

Consoante afirma Torres Queiruga, não é suficiente sabermos que Deus é amor, visto que os reconhecimentos teóricos nem sempre são seguidos. Contudo, o autor acentua a necessidade de que o cristianismo tem de ser vivenciado de forma sincera e reinterpretado como a religião do amor<sup>85</sup>. É importante destacar que o autor, em sua proposta de trazer um novo paradigma para imagem de Deus, mostra-nos a necessidade de uma nova hermenêutica para ler os textos bíblicos, não desconsiderando os fatos narrados que ali estão. Todavia, coloca que os mesmos, hoje, não são mais inteligíveis, correndo o grande risco de serem mal-interpretados, se não houver uma mudança radical da linguagem. Aponta a necessidade de uma linguagem que renuncia às objetivações fáceis, que clarifiquem que o Ressuscitado não

<sup>82</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Um Deus para Hoje*, pp. 21-34.

<sup>83</sup> Idem. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 109-110.

<sup>84</sup> Cf. Ibidem, p. 111.

<sup>85</sup> Cf. Ibidem, p. 112.



contemplará as condições da história, pois Ele não ressuscita na carne, mas sim no espírito, identificando sua vida totalmente com a do Pai, fazendo-se presente, através da sua influência na vida individual e na história coletiva<sup>86</sup>.

Mesmo no mundo moderno, onde tudo é explicado pela razão e pela ciência, não temos como ver a criação apenas como um marco bíblico. Os grandes cientistas ainda não conseguem explicá-la. O mundo e as pessoas que nele habitam são criações de Deus e isso é inquestionável. Deus, ao criar tudo, o fez com todo o amor e toda a generosidade, a fim de que tudo se concretize de maneira plena e perfeita. Em sua ótica, o autor salienta a importância de não mais se entender de forma literal a famosa frase: “o homem é criado para servir a Deus”, devido aos efeitos psicológicos provocados nas pessoas, que acabam por perceber Deus como um sátrapa ou um grande senhor que necessita de criados.

Sabemos, porém, que o verdadeiro Deus vive no amor transbordante, sendo Ele mesmo a plenitude e a felicidade. Criou-nos, por nós próprios, pensando única e exclusivamente em nós. Por conseguinte, criou-nos apenas para o bem e para felicidade e não para servi-lo, muito pelo contrário - assevera o teólogo, Deus é quem nos serve<sup>87</sup>. E diz mais; Jesus, que é a imagem mais fiel das atitudes de Deus, o dirá com todas as letras: ‘Não vim para ser servido, mas para servir’ (Mc 10,45). Deus porque quer – porque nos quer – põe-se com todo o seu amor a nosso serviço<sup>88</sup>.

Deus, sendo o criador de tudo, nunca se mostrou como um intervencionista, como uma figura autoritária, que quisesse impor a sua vontade, ou mesmo como um Deus de onipotência arbitrária e abstrata; Deus, contrariamente, sempre deu total liberdade e autonomia a tudo e a todos, fazendo-se presente com dignidade, coragem e esperança a toda pessoa humana, mostrando-Se solidário. Este é o verdadeiro Deus, o Deus de Jesus que restabelece a dignidade do pobre, do que chora, do que sofre e do que é perseguido<sup>89</sup>.

Frente a um Deus de amor pleno, que não obriga a seus filhos Lhe reconhecerem, mas que se faz presente mesmo assim, novamente, mostra-nos a necessidade de viver o cristianismo como uma religião de amor, pois só através do amor, como nos diz Torres

---

<sup>86</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a Criação*, p. 16.

<sup>87</sup> Idem. *O Cristianismo no Mundo de Hoje*, pp. 18-19.

<sup>88</sup> Ibidem. p. 19.

<sup>89</sup> Cf. Idem. *Um Deus para Hoje*, pp. 18-23.

Queiruga, será possível romper o nó górdio existente na teoria. O amor deverá nortear qualquer vivência e interpretar qualquer dimensão da experiência cristã, isto é, fazer valer na práxis, convertendo-se em princípio vivo e operante, o que, na maioria das vezes, vemos somente nas entrelinhas da teoria. O amor, dentro do cristianismo, deverá ser sempre a posição de destaque do caráter libertador da Boa Nova cristã<sup>90</sup>.

Torres Queiruga tem o cuidado de clarificar os fundamentos teóricos que ratificam sua nova proposta, na medida em que salienta que o amor é o centro do cristianismo, como encontramos no evangelho de João: “Deus é amor” (1 Jo 4,8.16). Então, podemos concluir que o amor é a essência da realidade. Seguindo esta afirmação, Queiruga concorda com o pensamento de Eberhard Jüngel<sup>91</sup> e complementa: “Deus é amor: a realidade é amor, ser homem ou mulher é procurar viver no amor<sup>92</sup>”.

O amor é, portanto, o que há de mais significativo e autêntico em Deus, por ser toda sua atividade de cunho amoroso; até mesmo na hora em que precisa julgar, julga com amor. Afirmar que Deus é amor, não se trata de uma expressão filosófica abstrata, mas sim de uma expressão histórico-salvífica, eis que o amor constitui a essência de Deus, porque Pai e Filho são, desde a eternidade uma só coisa no amor (cf. Jo 14,31; 17,24). Podemos retirar do evangelho de João o amor ágape que é uma declaração de amor e que determina a essência do Deus vivo. E, ainda,

O amor é mais que um atributo divino [...], é o próprio nome de Deus, no qual se expressa sua natureza e, por conseguinte, seus atributos de justiça, paciência, poder. Acima de tudo, Deus é caridade; a ágape não é algo de Deus, é Deus mesmo, sua substância, de tal modo que é impossível que Deus não ame<sup>93</sup>.

Por mais que estudemos e pesquisemos sobre o conceito de amor para o cristão, nunca conseguiremos concluí-lo; nele está contido toda a história da revelação como algo que é necessário reaprender, tendo como referência a práxis histórica, que, por sua vez, está aberta<sup>94</sup>.

<sup>90</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *O Cristianismo no Mundo de Hoje*, pp. 18-19.

<sup>91</sup> JÜNGEL, R. E. In: TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 115. “A frase ‘Deus é amor’ deve acompanhar todo o discurso sobre Deus. [...], se é que ela deve corresponder a esse ser de Deus.

<sup>92</sup> Cf. *Ibidem*, p. 115.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 119.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 134.

### 1.3.1 Jesus: revelação do amor de Deus

Jesus é a síntese inesgotável, em sua profundidade, do amor de Deus e que é expresso, através de sua humanidade. Cristo é a ágape feita carne. E, o verdadeiro significado disso é reconhecido pelas boas cristologias, que conseguiram resgatar o valor revelador dos “mistérios da vida de Cristo”. Por meio de sua presença e manifestação, por suas palavras e ações, por meio de seus sinais e milagres, por sua morte e ressurreição, Jesus retrata, de forma concreta, a ágape divina e o preceito infalível de sua interpretação<sup>95</sup>.

Faz-se necessário para que contemplemos a vida de Jesus e possamos compreender sua impotência frente às objeções que conheçamos a experiência que teve de Deus como *Abbá*, a qual serviu como essência para sua pessoa e sua missão. Por isso, pode ser identificado na sua ternura e na sua consciência ilimitada no Pai, que são inegáveis. Mesmo assim não podemos visualizar Jesus de uma maneira infantilizada, mas sim como um homem que foi capaz de romper tabus, passando por cima de todo legalismo que estava totalmente identificado com sua missão<sup>96</sup>.

O autor refere que Jesus conseguiu captar a autentica figura de Deus<sup>97</sup>. Para ele, Jesus intui que Deus é *Abbá*, Pai/Mãe de ternura infinita e de perdão incondicional; um Deus que está preocupado com o ser humano e o bem deste; um Deus totalmente empenhado na salvação humana<sup>98</sup>. Entretanto, como ressalta Torres Queiruga, essa intuição não se trata de uma simples ideia abstrata em Jesus, mas significa uma verdade interior que configurou toda a sua existência, sendo adquirida a partir das experiências de vida. No entendimento do teólogo, Jesus não viveu recluso na aldeia de Nazaré até os trinta anos, mas expressa a crença de que Jesus buscou sua vocação através de muitas experiências, inclusive, com João Batista, de quem foi discípulo, e, a partir de então, começa a desenvolver a intuição de Deus, como *Abbá*, bem como de seu relacionamento próprio com Deus<sup>99</sup>.

<sup>95</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 135.

<sup>96</sup> Cf. Idem. *Creio em Deu Pai: o Deus de Jesus como Afirmação do humano*, p. 110.

<sup>97</sup> Cf. Idem. *A revelação de Deus na Realização Humano*, pp. 414-415.

<sup>98</sup> Cf. Idem. *De uma religião de escravos a uma religião de filhos*, p.23. Idem, *El Dios de Jesús em El nuevo contexto de las religiones*, pp.565-569.

<sup>99</sup> Idem. *El Dios de Jesús em El Nuevo contexto de Las Religiones*, p. 566.

Como bem leciona Queiruga, a iniciativa, a universalidade, a absolutez e a *kénosis* são as qualidades que destacam a especificidade cristã da ágape em Jesus<sup>100</sup>. Jesus era espontâneo, no agir transpunha todo o vínculo étnico, não aceitava exceções, por acreditar que Deus “faz nascer seu sol igualmente sobre maus e bons, e cair a chuva sobre justos e injustos” (*Mt,5,45*). É embasado nesta sua crença que diz: “Não vim para chamar os justos, mas os pecadores”. A absolutez de Jesus abriu várias dimensões como: o perdão sem limites, que vimos no evangelho de Mateus “... não lhe digo até sete vezes, mas setenta vezes sete” (*Mt, 18, 22*), negando todo o obstáculo e afirmando a primazia absoluta; o mandamento representando a totalização da realização subjetiva “... ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, de toda sua alma, e com todo o seu entendimento” (*Mt 22,37*); e a totalização da exigência objetiva “... nesses dois mandamentos consistem a Lei e os profetas” (*Mt 22,40* e *Rm 13, 8-10*).

O paradoxo que lhe dava a capacidade de assumir em si mesmo sua própria contradição pode ser identificado quando diz: “amai vossos inimigos” (*Mt 5,44*); “para vencer o ódio com amor” (cf. *Rm 12,21*), garantindo-lhe a capacidade de poder sempre se reconciliar; a culminação, no sentido de insuperável cume axiológico, que encontramos em Coríntios “... mas a maior é a caridade” (*1 Cor 13,13*) e não podendo esquecer a validação de toda outra atividade ou carisma “...ainda que eu distribuísse todos os meus bens e entregasse meu corpo à chamas” (*1 Cor 13,3*) e, por fim a *Kénosis*, como realização histórica da absolutez que não admite limites<sup>101</sup>.

A personalidade de Jesus tem como centro a sua vivência através do Pai, do *Abbá*. Esta vivência, que tem uma representação vital, desperta em Jesus uma confiança sem limites, chegando a contagiar os demais, quando refere “não vos angustieis” (*Mt 6, 25-35*); “não tenhais medo” (*Mt 10, 26-33*); “para Deus, vós valeis mais que todas as criaturas” (*Mt 6,26.30; 10,31*). Por intermédio da experiência que Jesus teve com seu *Abbá*, é que se exclui todas as expectativas, criando-se uma ternura que servirá de alimento para toda a experiência religiosa<sup>102</sup>. Nesta ternura, que constituiu o anúncio de um tempo novo, o tempo do homem filial, que tinha a segurança de que Deus, em sua profundidade abissal, é um Deus paternal. Ele

<sup>100</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp.135-137.

<sup>101</sup> *Ibidem*, pp. 136-137.

<sup>102</sup> *Idem*. *Creio em Deus Pai Pai: o Deus de Jesus como Afirmação do Humano*, p. 96.

sabia que trazia para o povo algo novo e que a sua maneira de ser e de agir acarretariam algumas conseqüências, consoante verificamos no “hino de júbilo”:

Eu te louvo, Pai Senhor do Céu e da terra, porque escondestes essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Meu Pai entregou tudo a mim. Ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar” (Mt 11, 25-27)<sup>103</sup>.

Neste hino encontramos a pronúncia da revelação, evidenciando que Jesus tinha consciência de que “Ele era o Filho do Homem” e, por isto, revelou este símbolo aos seus discípulos. Tal revelação está clara no evangelho de Lucas,

Um dia, Jesus estava rezando em certo lugar. Quando terminou, um dos discípulos pediu: ‘Senhor, ensina-nos a rezar, como também João ensinou os discípulos dele’ (Lc 11, 1)”. Jesus nesta hora entrega o Pai-Nosso e o faz justamente com a palavra ‘Abbá’, mostrando a mais profunda e original intimidade<sup>104</sup>.

Desta forma, percebe-se a revelação de Deus, como paternidade entranhável, sendo a fonte de confiança e ternura que sustentava o mistério de Jesus e que, posteriormente, se abre para todo o homem<sup>105</sup>. É possível assim afirmar que no mistério de Cristo encontramos a revelação plena e só a partir Dele é possível entendê-la<sup>106</sup>.

### 1.3.2 Jesus revela o *Abbá*

“O homem se sente, por trás modelado, desde sua raiz, pela mão criadora de Deus que o impulsiona e, de frente, colocado ao rosto desse mesmo Deus, que o chama e lhe vem ao encontro nas mil figuras da realidade total”<sup>107</sup>. Torres Queiruga introduz a revelação nesta abertura, que é a descoberta desse rosto e a escuta de sua palavra. Como esta abertura parte de Deus e, por isso, abre-se por si mesma, não temos como contrapor a experiência mundana e cultural, que nos mostra sua capacidade de iluminar e de apresentar novas perspectivas de inteligibilidade e humanidade<sup>108</sup>. O autor refere que o “processo revelador mostra-se, agora,

<sup>103</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai Pai: o Deus de Jesus como Afirmação do Humano*, p. 97.

<sup>104</sup> Ibidem.

<sup>105</sup> Ibidem.

<sup>106</sup> Cf. Idem. *A Revelação de Deus na Realização Humana*, p.229.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 174.

<sup>108</sup> Cf. Ibidem.

por força, em sua realidade de nascimento contínuo, de irrupção histórica, que transforma quem a recebe e, por reação, faz com que ela mesma cresça graças às novas possibilidades abertas por essa transformação”<sup>109</sup>.

Mesmo considerando toda evolução do mundo, o processo histórico, o crescimento individual e suas manifestações, somente a partir do momento em que o homem percebe ser tudo isso, a ação criadora de Deus será capaz de sustentá-lo para obter sua realização e conseguir compreender isto como a liberdade divina, manifestada de uma forma amorosa que o conduz para a autenticidade, permitindo-lhe escutar a palavra de amor, que o chama. Só então podemos afirmar a revelação<sup>110</sup>.

A plenitude da palavra de Deus, que se dá em Jesus Cristo, mesmo concentrando, em si toda revelação da história da salvação, abre-se como reveladora de toda história da revelação passada, presente e futura<sup>111</sup>. Cabe sublinhar, quanto a este aspecto, que “captar” a revelação não é um privilégio de alguns, mas sim um processo de toda e qualquer pessoa, ocupando um espaço em sua vida cognoscitiva e emotiva, refletindo conseqüentemente na conduta prática. Aquele que, em seus atos, se deixa guiar pelo dinamismo do amor e do serviço, mesmo que não tenha consciência, está manifestando a revelação de Deus. Por conseguinte, aqueles que referem ter captado cognoscitivamente a revelação de Deus precisarão demonstrar, através de sua práxis real, que aceitar a revelação não é apenas crer em Deus, mas é aceitar seus caminhos, é seguir a Cristo, é “praticar a verdade” (*Jo* 3,20;18, 37; *1Jo* 1,6)<sup>112</sup>.

Na acepção de Queiruga, uma visão intervencionista e até mesmo “milagrosa” da atuação divina levaria a uma visão paralela, que consistiria numa intervenção divina, de caráter extraordinário e por fim milagroso, tanto na natureza como no psiquismo humano, onde Deus manifestaria a determinadas pessoas verdades, que a razão não teria condições de alcançar. Este modelo imaginativo seria como um “ditado” divino, em que a pessoa inspirada recebe de forma milagrosa e a comunica como simples “instrumento” mediador: o profeta como “boca”, “mão” “plectro” ou “cítara” de Deus<sup>113</sup>.

<sup>109</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A Revelação de Deus na Realização Humana*, p.40.

<sup>110</sup> Cf. Idem. *Creio em Deus Pai Pai: o Deus de Jesus como afirmação do humano*, p. 189.

<sup>111</sup> Cf. Idem. *A Revelação de Deus na Realização Humana*, p. 255.

<sup>112</sup> Cf. Ibidem, pp. 166-167.

<sup>113</sup> Cf. Idem. *Repensar a Ressurreição*, p. 103.

No magistério de Torres Queiruga, “Deus se revela sempre em todas as partes e a todos quando lhe é possível. Na generosidade irrestrita, de um amor sempre em ato, que se quer dar plenamente”<sup>114</sup>. Devido às limitações humanas e aos condicionamentos históricos, não conseguimos perceber o verdadeiro rosto de Deus<sup>115</sup>. É preciso que tenhamos claro que, se Deus não está fora e nem distante da criação, mas nela e, de forma especial na subjetividade humana, fica evidenciada que a sua revelação não vem de fora e sim de dentro. Portanto, devemos compreender a revelação divina como algo que está acontecendo, desde sempre na criação e, para tanto, basta seguirmos uma linha lógica de raciocínio, segundo a qual a criação se dá por amor<sup>116</sup>.

A partir desse entendimento, o teólogo desenvolve uma nova compreensão da relação imanência-transcendência, na qual é possível perceber que não existe a necessidade de Deus romper ou de intervir na autonomia do mundo para se poder anunciar em sua imanência<sup>117</sup>. A essência de Deus, o amor sem limite nem temor (cf. 1 Jo 4,18), faz com que Deus revele-se constantemente, pois para Ele não existe fronteiras, nem limites que possam inibir sua revelação<sup>118</sup>, tamanha a Sua grandiosidade e a Sua transcendência absoluta<sup>119</sup>. As fronteiras e os limites estão atrelados às limitações do humano, dificultando-lhe a capacidade de compreender a dimensão do amor de Deus. Mesmo assim, Ele continua combatendo a nossa ignorância e pequenez, os mal entendidos, visando abrir o nosso coração, a fim de, manifestarmos a essência do nosso ser e a esperança do nosso destino<sup>120</sup>.

A experiência de Deus vivida por Jesus foi marcante<sup>121</sup>. Deus identificou-se totalmente com o ser humano, a fim de elevá-lo e potencializá-lo “fraternalmente”, a partir de dentro, fazendo com que a responsabilidade transforme-se em corresponsabilidade e a angústia, que tem pela liberdade, possa ser assegurada na certeza da redenção<sup>122</sup>. Na história, Deus revela-se por amor e respeito à liberdade do ser humano, jamais impondo o seu projeto, eis que é um dom gratuito<sup>123</sup>. O amor de Deus acaba se tornando algo indiscutível e

<sup>114</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A Revelação de Deus na Realização Humana*, p. 15.

<sup>115</sup> Cf. MENDITTI, A. G. *Deus e o Ser humano*, p. 78.

<sup>116</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Op. cit.*, p. 93.

<sup>117</sup> Cf. *Ibidem*, p. 15.

<sup>118</sup> Cf. *Idem*, *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp.138-139.

<sup>119</sup> Cf. *Idem*. *Qué significa afirmar que Dios habla?* p. 3

<sup>120</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>121</sup> Cf. MENDITTI, A. G. *Op. cit.*, p. 80.

<sup>122</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a Salvação*, p. 53.

<sup>123</sup> Cf. MAGO, S.D. *Experiência e Revelação de Deus*, p. 40.

insuspeito; mesmo quando já apareceu, é inconcebível; mesmo quando a fé já o aceitou: “Deus é maior do que o nosso coração” (1 Jo 3,20)<sup>124</sup>. Certamente, se Deus é puro amor, se Deus consiste em amar, se é livre em seu próprio ser, “Ele é o que quer ser”; escolheu a si mesmo como aquele que ama. Cabe crer que, tudo o que vem Dele só pode ser amor, não nos sendo permitido, o direito de questionar ou duvidar do seu amor<sup>125</sup>.

Não é uma tarefa fácil para o humano, que é movido pela razão e vive buscando explicar o que não é explicável, como a incondicionabilidade do amor de Deus. O homem, frente a Sua grandiosidade, sente-se mais limitado por não conseguir absorver esse amor, nem compreender o mistério existente na relação de Deus e Jesus. No dizer de Torres Queiruga, somente a revelação do rosto verdadeiro do Deus de Jesus é que poderá romper toda e qualquer dúvida, pois, em Jesus, Deus é captado, sentido e experienciado como Pai, que, através do seu amor incondicional e com a paciência incansável de seu perdão, coloca-se plenamente à disposição do ser humano promovendo a realização plena<sup>126</sup>.

Deus aparece como luz para aquele que se permite emergir e sentir Sua presença, não forçando ninguém a experienciar Seu amor. Aproveita os momentos em que o ser humano se abre para experimentá-Lo, Lhe permitindo conceder todo o Seu amor e receber Seu apoio por intermédio de Sua graça<sup>127</sup>. Deus, com amor infinito e sempre ativo, entrega-se e manifesta-se a todos, desde o começo. Ele nunca pensou em se ocultar, muito pelo contrário, sabe-se pela revelação que Deus é quem toma a iniciativa de se mostrar a todos<sup>128</sup>. Este é o verdadeiro dinamismo da história da revelação. Na perspectiva de Torres Queiruga, o cristão reconhece que está frente ao *Abbá* de Jesus, que deseja se revelar a todos e a todas, começando pelos pequeninos (*Mt* 11,25), sem excluir os maus e os injustos (*Mt* 5, 43-48; *Lc* 6,35-36)<sup>129</sup>.

O autor destaca que não basta afirmar o intrinsecismo da revelação, é necessário que atinjamos a sua profundidade, ou seja, a criação por amor como *creatio continuum*, pois Deus é a presença sustentadora e promotora que está sempre ativa. Deus não nos criou em *in illo tempore*, colocando-nos na terra e abandonando-nos, enquanto permanecia no céu; Deus tem

<sup>124</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp.138-139.

<sup>125</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 139-140.

<sup>126</sup> Cf.; MENDITTI, A.G. *Deus e o Ser Humano*, p. 78.

<sup>127</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A Revelação de Deus na Realização Humano*, p.289.

<sup>128</sup> Cf. *Idem*. *Qué significa afirmar que Dios habla?* p. 4.

<sup>129</sup> *Idem*. *Donde está Dios? La Pregunta em El mundo Actual*, p.3-33.



o cuidado de estar presente, participando na vida de todos os seus filhos, sem discriminações, como veremos no decorrer desta dissertação. Deus, ao criar homens e mulheres, como filhos e filhas, não o fez para sua glória ou serviço, mas o fez para que alcancem a máxima realização possível. Sua benevolência é constante em se manifestar a eles e ajudá-los, revelar-se a eles, salvando-os. Como Pai, que os criou, única e exclusivamente por amor, jamais abandona seus filhos (Is, 49,15) “mas pode a mãe se esquecer de seu nenê, pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que, ela se esqueça, eu não me esquecerei de você”<sup>130</sup>.

Deus seria incapaz de “ditar” suas verdades apenas a alguns, deixando os outros ao abandono, que “revelaria” tarde e deformado, o que poderia ter revelado antes claramente. Manifesta-se como a incansável “luta amorosa” para se dar a conhecer, ultrapassando a obscuridade e as resistências da criatura. “E, pelo lado humano, como um ‘cair na conta’ desse Deus que estava a nos falar na realidade, na história e na vida”. Queiruga, ao explicar este “cair na conta” como a descoberta que fazemos de sua presença, coloca-o, não como uma mera percepção subjetiva e, tampouco, querendo ocultar-se, mas, como uma manifestação dirigida a todos nós, encontrada em Genesis: “Javé está neste lugar e eu não sabia disso” (28,16). Tem-se a certeza de que “jamais existiu ninguém, homem ou mulher, indivíduo, sociedade ou cultura, que tenham nascido sem o amor incondicional de Deus e a quem não queira se manifestar ao máximo”<sup>131</sup>.

Necessário se faz uma mudança na maneira de compreender e vivenciar a relação de Deus com o homem destaca Torres Queiruga. Neste propósito, é preciso “levar a sério a absoluta primazia de Deus que nos criou e continua nos criando por amor; única e exclusivamente por amor”. E, nos afirma ainda, que não é uma verdade que “Deus esteja no céu e tu na terra”; a verdade é que Deus está sempre aqui “entre nós: no homem e na mulher, na terra e na história”<sup>132</sup>. Deus manifesta-se a todos nós, de forma constante e contínua, faz-se presente em tudo, buscando abrir um pouco mais nossa capacidade, tentando fazer com que consigamos superar a nossa cegueira e destruir as barreiras que sustentam nossas resistências<sup>133</sup>. À medida que o humano consegue tirar a venda, que o impede de ver e compreender a revelação descobre a força de Deus através da experiência de Jesus e de seu

---

<sup>130</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar o Pluralismo: da Inculturação à Inreligiosação*, p.111.

<sup>131</sup> Cf. *Ibidem*, pp.112-113.

<sup>132</sup> Cf. SILVA, J. M. *Proximidades Teológicas à Pós-Modernidade em Hans Küng e Andres Torres Queiruga*, p.59.

<sup>133</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *O que queremos dizer quando dizemos inferno?* pp. 18-19.

Deus, que é o criador, que é o Pai e que vem à nossa vida unicamente para nos salvar, tornando-nos livres. É em Cristo que temos a afirmação máxima do homem; Ele não fez outra coisa a não ser defendê-lo, principalmente, àqueles que O negavam, sendo esta sua novidade fantástica: “Jesus se opõe frontalmente a todos os que, em nome de quaisquer pretensos valores, principalmente religiosos, convertiam o pobre, o enfermo, o pecador, em não-homem”<sup>134</sup>.

O Deus, que Jesus vivia e proclamava aos outros, era o *Abbá*, o Pai da salvação e da ternura infinita, e, por isso, não aceitava de forma alguma a exclusão ou a desvalorização de qualquer homem ou mulher. Somente isso era capaz de incitar sua ira, fazendo-O passar para o ataque levando-O a pronunciar palavras “fortes”, contrariando Sua experiência e Seu anúncio<sup>135</sup>. O Deus de Jesus é Aquele que “quer que todos os homens se salvem” (*Tm 2,4*), que dá uma festa quando volta o “filho pródigo” e que Se revela precisamente “aos pequenos” (*Mt 11,25; Lc 10,21*)<sup>136</sup>.

A experiência do *Abbá* dá-se na vivência central de Jesus, que ao se sentir Filho, na gratuidade absoluta do amor do Pai, exclui toda a possibilidade do “princípio de troca”, eliminando o egoísmo, convidando a dar tudo aos pobres, colocando os últimos como os primeiros e pagando aos da última hora o mesmo que aos da primeira hora. O fundo humano revela-se na confiança expressa nas afirmações, “não julgueis”, “pagai o mal com o bem”, “daí e vos será dado”. Como gratuidade, o Deus que nos salvou “quando éramos pecadores” (*Rm 5,8*), convida-nos a dar gratuitamente o que de graça recebemos<sup>137</sup>. Para o Deus de Jesus, não existe homem algum fracassado para sempre, até mesmo aquele que se encontra de fato esmagado pelos outros, aquele que morre sem nenhuma realização histórica ou que se encontre derrotado de qualquer maneira, para Ele é homem digno, merecedor de respeito absoluto e objeto de amor incondicional, ser que vive com sentido<sup>138</sup>.

A presença viva de Deus não é algo utópico que fique apenas no imaginário de cada um, mas ela é uma presença ativa, é um “acontecimento” vivo, sobretudo acolhida e prolongada na liberdade humana. Ela acontece de forma profunda, autêntica e intensa, quando um homem ou uma mulher acorre o seu irmão. Neste momento, em que alguém se doa para o

<sup>134</sup>TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pais: o Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, p. 44.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p.64.

<sup>136</sup> Cf. *Ibidem*, p. 66.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p.68.

<sup>138</sup> *Ibidem*, p.69.

outro, demonstrando seu amor sem interesse, temos de forma visível e operante a presença de Deus. Este desprendimento e esta abertura aos outros é a continuação do movimento fundante, da fonte de amor que constitui a criação, propagando sua riqueza na multidão e nos seres<sup>139</sup>.

Queiruga, ao falar da paternidade de Deus e de sua igualdade humana, apresenta-nos um “Deus que se reconhece como Deus único sobre todos os homens e mulheres”, que, aos poucos, vai levando-nos a compreender que a sua relação para conosco, é única e exclusivamente de ajuda e salvação, que se revela como um pai/mãe de todos. E, em sendo Deus Pai/Mãe de todos, só pode querer o bem e a igualdade para todos, posto que as desigualdades lhe contristam em seu amor e escusam sua verdadeira paternidade. As desigualdades entre seus filhos não estão de acordo com o centro de sua obra no mundo, o que é comprovado pelas pregações proféticas, conforme se vê em Êxodo, “levantam-se em defesa de todo tipo de oprimido: do pobre e do injustiçado, do órfão e da viúva, do escravo e do estrangeiro”; e, em Jeremias (22,16) “Ele julgava com justiça a causa do pobre e do indigente; e tudo corria bem para ele! Isto não é conhecer-me? – oráculo de *Iahweh*”<sup>140</sup>.

Todas as atitudes de Jesus e o anúncio do reino de Deus demonstram a certeza que Ele tinha de que “Deus é *Abbá*”, o que afirma seu amor pleno. Esta convicção, que Jesus tem de Deus, é que anuncia o reino como “boa-notícia” de amor e de perdão para todos<sup>141</sup>. Jesus sentia-se muito próximo de Deus; sentia seu acolhimento e apoio e por isso ao dirigir-se a Ele em suas orações, fazia como *Abbá* ensinando seus discípulos a fazerem o mesmo. Com isso, Jesus nos revela que a relação que temos com Deus é de filhos e filhas: “quando rezardes, dizei *Abbá*”<sup>142</sup>. Sendo assim, percebemos que Jesus transformou a relação com Deus mostrando que não se pode ter medo, mas apenas uma confiança filial e irrestrita, assim como Ele tem<sup>143</sup>. Desta maneira, Torres Queiruga, mostra que a revelação “trata da vida humana, enquanto fundada em Deus e salva por Ele, trata de Deus, enquanto inclinado sobre essa vida para salvá-la e plenificá-la”<sup>144</sup>. A revelação nos mostra o que já estava presente, mas que devido a sua profundidade e transcendência poderá sempre permanecer oculto e velado, ou percebido só pela metade de forma desfigurada, não deixando transparecer o seu verdadeiro

<sup>139</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai Pai: o Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, pp. 165-166.

<sup>140</sup> Cf. Idem. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 282.

<sup>141</sup> Idem, *Recuperar a Criação*, p. 69

<sup>142</sup> Idem. *De uma religião de escravos a uma religião de filhos*, p.24.

<sup>143</sup> Cf. *Ibidem*, p. 24.

<sup>144</sup> Cf. Idem. *Op cit.*, p. 370.

significado. Significado este, que nos permite ver quem realmente somos, quando aceita-se o chamado de Deus e resolve-se aceitá-Lo como “companheiro” confiando a vida a Ele<sup>145</sup>.

Não obstante, deve-se ter o cuidado de não “descaracterizar” Deus com a nossa ânsia de tornar sua presença real no mundo. Muitas vezes, queremos explicá-Lo como se fosse um objeto de nossa percepção. O importante é conseguir expressar o verdadeiro dinamismo da experiência reveladora, que é extremamente subjetiva. É, a partir dela, se ela realmente for verdadeira, que o homem compreende que toda iniciativa se origina de Deus e, que por Ele vir ao encontro, pode o homem reconhecê-Lo. Portanto, aquele que realmente aceita Deus como verdade absoluta, refere sempre que é “Deus quem fala, ama, perdoa... e que o homem responde na fé, na oração, no louvor, na adoração...”<sup>146</sup>.

Observa-se então, que a revelação de Deus é constantemente vivida, como um ato livre e concreto do seu amor e uma real determinação do seu ser, que aqui, e agora atinge o homem, podendo a mediação se dar desde o “hino das criaturas” até a palavra inspirada ou a experiência pessoal. Sendo que na experiência pessoal já apareceria a “reciprocidade das consciências”, sob a ótica de Torres Queiruga, pois, encontrar alguém quer dizer “sempre e necessariamente encontrá-lo como sujeito que se dá e se revela”<sup>147</sup>.

No entendimento do teólogo, a revelação de Deus, se torna realidade concreta, a partir da resposta do homem, que deve ser considerada em toda sua dimensão. É através da resposta à revelação, que o homem realiza-se a si mesmo. Construindo desde a última radicalidade a história do seu ser, onde a palavra de Deus faz com que o homem se entregue a si mesmo. Por conseguinte, para que a revelação se concretize, ela passa por todo um processo que o autor identifica com a história mesma do homem, “avançando em seu avanço, realizando-se em sua realização”. Como bem leciona o teólogo, a revelação será sempre palavra nova para o homem, que a interpretará como um convite distinto a cada nova fase de sua vida<sup>148</sup>. Ele lembra, no entanto, que não é viável uma concorrência entre a revelação de Deus e o desenvolvimento do homem, já que a realidade da ação de Deus só é concebível a partir do momento em que a densidade do mundo e da história se faz presente. A realidade verdadeira é o “gesto” de Deus que nela se manifesta, sendo que quanto maior for a sua

<sup>145</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p.371.

<sup>146</sup> Cf. Idem. *A Revelação de Deus na Realização Humana*, p. 193.

<sup>147</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Op cit.*, pp.199-200.

<sup>148</sup> Cf. *Ibidem*, p. 200.

densidade, melhor se apresenta a intenção reveladora nela congregada: “quanto mais pleno o significado humano, mais plena a significação divina”<sup>149</sup>.

Por fim, podemos dizer que a revelação do *Abbá* de Jesus, se realiza no indivíduo e pelo indivíduo, a partir do momento em que sua consciência consegue compreender o anúncio de Deus<sup>150</sup>, que criou todo ser – todo nosso ser também – por meio do seu poder e de sua liberdade criadora com a intenção de dirigir-se a nós a fim de que o captemos, tanto, na realidade cósmica, histórica ou individual a sua presença<sup>151</sup>. Assim, o homem aos poucos vai descobrindo o verdadeiro rosto de Deus, e a partir Dele a verdadeira orientação do próprio ser e da própria conduta, atingindo a plenitude desse processo em Cristo, onde encontrará os pontos fundamentais que alicerçam sua existência. Cabe, no entanto, lembrar que a revelação ao alcançar sua plenitude em Cristo não fecha e nem paralisa a presença de Deus, muito pelo contrário, a torna evidente em sua máxima atualidade. A acolhida total de Deus só se deu em Cristo, para os demais se trata de um processo aberto, uma história em evolução que tem como objetivo e como garantia a plenitude do Crucificado Ressuscitado<sup>152</sup>.

Vimos, nas obras de Torres Queiruga, a necessidade de termos no mundo atual, uma leitura crítica dos textos sagrados. Para que essa se concretize, faz-se necessário um novo olhar hermenêutico sobre os mesmos, assevera o teólogo. Só assim, será construída uma nova imagem de Deus. Permitindo a desconstrução da imagem existente no inconsciente coletivo, que foi construída por meio de uma leitura acrítica dos textos do Antigo Testamento.

Dando seguimento a pesquisa, no próximo capítulo vislumbraremos o entendimento de Jung em relação às figuras parentais e a representação que essas têm na vida do humano. Procurando entender também, a visão que o psicanalista tem de Deus e associação que estabelece Dele, com as figuras dos pais biológicos.

---

<sup>149</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A Revelação de Deus na Realização Humana*, p. 200.

<sup>150</sup> Cf. *Ibidem*, p. 168.

<sup>151</sup> Cf. *Ibidem*, p. 173.

<sup>152</sup> Cf. *Ibidem*, p.414.

## 2 NOÇÃO DE PATERNIDADE NO PENSAMENTO DE JUNG

Antes de aprofundarmos os estudos realizados por Jung, em relação à figura paterna, faremos uma breve incursão em sua história e caminhada profissional. Nessa pesquisa, nos deteremos como se formam as figuras parentais e a imagem de Deus no aparelho psíquico, bem como a representação que aquelas têm na psique. Assim como o teólogo apropria-se da semiologia da linguagem, utilizando-se dos significantes e significados para expor o seu pensamento sobre a nova imagem de Deus, Jung vale-se de toda uma simbologia para desenvolver sua teoria, que precisa ser decodificado por seus estudiosos, a fim de compreender os fenômenos psíquicos que ocorrem na mente humana.

### 2.1 AUTOR E OBRA

Carl Gustav Jung nasceu em 1875, em *Kresswil*, Basileia, na Suíça, no seio de uma família voltada para a religião. Seu pai, assim como seus tios, eram pastores luteranos, o que provavelmente o tenha influenciado a se interessar por filosofia e por questões relacionadas ao espírito e à religião. Jung, quando criança, se mostrava introspectivo e sensível não ficando à vontade para expor suas ideias apesar de ter uma inteligência e sagacidade intelectual que o destacavam. Em sua juventude, interessou-se por filosofia e literatura, de modo especial pelas obras de Pitágoras, Empédocles, Heráclito, Platão, *Kant* e *Goethe*, mas uma das maiores revelações para *Jung* foi à obra de *Schopenhauer*, visto concordar plenamente com o irracionalismo que esse autor concedia à natureza humana<sup>153</sup>. Optou, por cursar medicina, dedicando-se à psiquiatria, onde teve uma longa caminhada.

O psicanalista após concluir seus estudos na área de psiquiatria ocupou o cargo de segundo assistente no sanatório cantonal, “*Burghölzli*”, em Zurique, sob a direção do Prof. Eugen Bleuler. Como primeiro assistente, em 1902, neste mesmo sanatório, apresentou sua dissertação: “Sobre a Psicologia e a Patologia dos Fenômenos Chamados Ocultos”. Aprofundou estudos em psicopatologia teórica, no hospital de *Salpêtrière* em Paris, sob a direção de *Pierre Janet*. Atuou como médico voluntário, na clínica psiquiátrica de Zurique, onde desenvolveu estudos experimentais sobre associações de palavras, em pessoas normais e patológicas.

---

<sup>153</sup> Cf. JUNG, C. *Memórias, Sonhos, Reflexões*, pp.70-71.

No período de 1905 a 1909, Jung foi diretor de cursos policlínicos sobre terapia hipnótica realizou pesquisa sobre a psicologia da *dementia praecox* (esquizofrenia). Foi livre-docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Zurique, onde realizou algumas preleções, sobre psicose e psicologia. Participou do II Congresso Internacional de Psicanálise, em *Nürnberg*, como presidente da “Sociedade Internacional de Psicanálise”. Ocupou o cargo de Vice-presidente da “Sociedade Médica Geral de Psicoterapia”, em 1930, sob a presidência do Prof. *Ernst Kretschmer*. No ano de 1932 recebeu o prêmio de literatura da cidade de Zurique, assumindo, no ano seguinte, o cargo de presidente da “Sociedade Médica Geral de Psicoterapia”.

Jung fundou, em 1934, a Sociedade Médica Geral e Internacional de Psicoterapia, onde ocupou o cargo de presidente. No ano de 1935 foi nomeado como professor titular na *Eidgenössischen Technischen Hochschule*, em Zurique. Recebeu em 1945, o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Genebra. Inaugurou, em 1948, o Instituto *Carl Gustav Jung* e, em 1955 recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* em ciências naturais pela *Eidgenössischen Technischen Hochschule*, em Zurique. Jung faleceu em 1961, aos 86 anos, em Zurique, na cidade de *Küsnacht*, após ter uma longa vida produtiva, deixando sua contribuição, não apenas para a psiquiatria e psicologia, mas também, no campo da antropologia, sociologia, arte, literatura e mitologia<sup>154</sup>.

A decisão de especializar-se em psiquiatria, se deu enquanto Jung ainda era estudante de medicina, após ter lido ocasionalmente o livro do psiquiatra *Krafft-Ebbin*, visto encontrar nesta obra, referenciais que atendiam seus interesses, ou seja, a psiquiatria lhe permitia unir o campo comum da experiência dos dados biológicos, com os dados espirituais, pois até então, esta sua busca tinha sido inútil<sup>155</sup>. Com o objetivo de aprofundar seus estudos em esquizofrenia, no ano de 1900, Jung internou-se na Clínica Psiquiátrica *Burgholzli*, em Zurique. Nessa época, Jung já propunha uma atitude humanista para com os pacientes e defendia a ideia de que o médico deveria propor ao paciente algumas perguntas que digam respeito ao homem em sua totalidade, e não apenas, no que tange aos sintomas. Percebe-se que, desde então, Jung já defendia a ideia que o homem deve ser visto em suas três dimensões: mente corpo e espírito.

---

<sup>154</sup> Cf. JUNG, C.G. *Cartas*, v.I, pp. 15-18

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 104.

Com este objetivo de compreender o homem em sua totalidade, vimos na maioria de suas obras uma preocupação de tratar os problemas religiosos, não só do homem cristão, mas dos demais. Obviamente, que a sua interpretação, se dava por meio do campo da psicologia, limitando conscientemente as fronteiras com as perspectivas teológicas. Com isso, colocava à “exigência cristã da fé e a necessidade de compreender”. Para Jung, “a reflexão era um ato natural e uma necessidade vital<sup>156</sup>”, pois é através dela que o homem consegue ter sua experiência com Deus. Ele referia ter tido essa experiência, no período em que todos os seus pensamentos giravam em torno de Deus, como os planetas em torno do sol. Em seus artigos científicos, não falava de Deus, mas sim, da imagem de Deus na alma humana.

Jung aproxima-se de *Freud* por ver nele um companheiro capaz de ajudá-lo a aprofundar seus estudos sobre a mente humana. Sendo assim, resolveu lhe enviar cópias de seus trabalhos sobre o inconsciente, em que reforçava as concepções freudianas de recalque e repressão. Isso despertou um interesse mútuo entre ambos, até mesmo porque, os dois desenvolviam trabalhos inéditos na área da medicina e psiquiatria, que os levou a troca de inúmeras correspondências (359 cartas); posteriormente publicadas.

No ano de 1907, entusiasmado com as novas perspectivas oferecidas pela psicanálise, Jung resolveu conhecer pessoalmente *Freud*, dando continuidade à troca de correspondências, após uma conversa de treze horas. A partir de então, se estabeleceu um laço forte de amizade, que lhes permitia trocas de confidências, de sonhos e até mesmo, discussão de casos clínicos. Mesmo, com toda proximidade existente, as diferenças de pensamento entre os dois ficavam bastante evidenciadas. Jung não concordava com a teoria defendida por Freud, de que a origem dos conflitos psíquicos sempre estaria relacionada a um trauma de natureza sexual. Por outro lado, Freud não aceitava o interesse de Jung, pelos fenômenos espirituais e seus estudos antropológicos. Esta divergência tornou-se insustentável nos anos 30 do século XX, fazendo com que eles se afastassem. E foi neste período, que Jung tornou-se uma das figuras mais visíveis da psiquiatria alemã, enquanto que Freud teve que deixar Viena às pressas sendo exilado em Londres, e suas obras foram proibidas e queimadas pelos nazistas<sup>157</sup>.

---

<sup>156</sup> Cf. JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos, reflexão*, p. 15.

<sup>157</sup> Cf. SILVEIRA, N. Jung *Vida e Obra*, pp. 14 - 22.



Ao separar-se de *Freud*, Jung voltou-se mais para si iniciando um processo psíquico marcado por forte ativação de seu inconsciente utilizando-se do método da imaginação ativa<sup>158</sup>, sem que soubesse aonde iria chegar<sup>159</sup>. Começou a seguir uma série de sonhos e visões que lhe forneceram material para todo o seu trabalho. Foi à integração desses conteúdos, que brotavam de seu inconsciente e que lhe impulsionaram dar continuidade em sua carreira. Ele mesmo dizia:

Os anos durante os quais me detive nessas imagens interiores constituíram a época mais importante da minha vida e neles todas as coisas essenciais se decidiram. (...) Toda a minha atividade ulterior consistiu em elaborar o que jorrava do inconsciente naqueles anos (...)<sup>160</sup>.

E, foi neste confronto com o inconsciente, que Jung desenvolveu a psicologia analítica, que estabelece o diálogo entre o consciente e o inconsciente (a função transcendente) que cria aquele “desenvolvimento especial da alma humana”, a encarnação, a realização do ser divino na vida humana. Jung salienta, que a função transcendente é um fenômeno que se dá de forma natural e espontânea, fazendo parte do processo de individuação e ao dizer isso, acrescenta: “A psicologia não tem nenhuma prova de que este processo não se desenvolva por instigação da vontade de Deus”<sup>161</sup>.

A preocupação de Jung, com as questões relacionadas ao espírito e religiosidade somadas à terminologia que usava, visto nunca, se preocupar em criar um vocabulário sistemático, foram motivos de críticas, pois eram percebidas, por muitos, como não científico. Suas formulações, não se limitavam apenas ao intelecto, mas também, a alma e procurava expor suas ideias em termos de imagens primitivas, muitas vezes, religiosas. Podemos entender como uma resposta às críticas sua colocação:

Ao descrever os processos vivos da psique, eu, deliberada e conscientemente, dou preferências a uma maneira dramática e mitológica de

---

<sup>158</sup> Imaginação Ativa – é uma técnica psicoterapêutica que propicia o rebaixamento natural da consciência, permitindo ao paciente explorar as imagens-fantasia que por ventura emergem, bem como a compreensão de seu desdobramento, permitindo-lhe o desvendamento de curtos enredos. Cf. MARONI, A. Jung – *Individuação e Coletividade*, p.45

<sup>159</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>160</sup> JUNG, C. G. *Cartas*, v. III, p.29.

<sup>161</sup> Cf. JAFFE, L. W. *Libertando o Coração: Espiritualidade e Psicologia Junguiana*, p.25.

falar e de pensar porque isso não é apenas mais expressivo, mas também mais exato que uma abstrata terminologia científica, afeita a jogar com a noção de que suas formulações teóricas poderão um belo dia, resolver-se em equações algébricas<sup>162</sup>.

Como, a psicologia analítica permite um diálogo entre os conteúdos conscientes e inconscientes, é possível compreender e interpretar a experiência de cada indivíduo, dando-lhe a liberdade para viver a sua própria hipótese<sup>163</sup>. Para que esta compreensão se dê, faz-se necessário entender primeiramente, como funciona o aparelho psíquico, sob a ótica de Jung, o que procuraremos explicar de forma sucinta.

## 2.2 A ESTRUTURAÇÃO DA VIDA PSÍQUICA

O inconsciente é considerado a parte mais importante da psique, mas, no entanto, não pode ser explorado diretamente, pois se encontra em um nível desconhecido e só temos acesso por intermédio da consciência. Os conteúdos que nela surgem supõem-se que tenham origem no inconsciente, que é um campo de representações obscuras. Tudo o que sabemos do inconsciente, nos é apresentado pela consciência<sup>164</sup>. A estrutura da psique, na visão junguiana pode ser representada topologicamente como um vasto oceano (inconsciente), de onde emerge uma pequena ilha, o consciente<sup>165</sup>. Para melhor explicar esta relação entre inconsciente e consciente, Jung desenvolveu uma série de conceitos que nos possibilita entender o funcionamento da psique humana, os quais serão estudados, no desenrolar da pesquisa.

Jung entendia a consciência como “a relação dos conteúdos psíquicos com o ego, na medida, em que, essa relação é percebida como tal pelo ego”<sup>166</sup>. O que não é percebido pelo ego, não pertence à consciência, mas sim, ao inconsciente. A consciência é quem estabelece a relação entre os conteúdos psíquicos e o ego<sup>167</sup>, que é o seu centro. O ego nasce desde as primeiras fases do desenvolvimento a partir do arquétipo do si-mesmo (*self*)<sup>168</sup>, que é o centro de toda personalidade. É formado, primeiramente, por uma percepção geral de nosso corpo,

<sup>162</sup> JAFFE, L. W. *Libertando o Coração: Espiritualidade e Psicologia Junguiana*, p.34.

<sup>163</sup> *Ibidem*, p.25.

<sup>164</sup> JUNG, C.G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*, p. 22.

<sup>165</sup> SILVEIRA, N. da. *Jung Vida e Obra*, p. 63.

<sup>166</sup> Cf. EDINGER, E. F. *A criação da consciência: o mito de Jung para o homem moderno*, p. 34.

<sup>167</sup> Ego – também conhecido por eu. É o centro da consciência. PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, p.34.

<sup>168</sup> Si mesmo – Também pode ser chamado de self. É o conjunto do complexo dos fenômenos psíquicos de um indivíduo. É o centro e a totalidade do ser. *Ibidem*, p.462.

acrescido pelos registros de nossa memória. Por conseguinte, o ego não rege a psique. Ele é um complexo<sup>169</sup>, que por ser mais dotado de energia se diferencia dos demais complexos. É o centro de nossas atenções e desejos, bem como, o cerne indispensável da consciência. Se houver uma desintegração deste ego, como no caso da esquizofrenia, perde-se toda a administração da psique, já que, a ordem de valores (os valores são determinados pela função sentimento) impede a reprodução voluntária dos conteúdos levando algumas partes da psique a se reportarem a um fragmento de ego<sup>170</sup>. Percebe-se assim, que o ego tem uma grande importância, pois é o centro do campo da consciência conferindo ao indivíduo, a clareza do seu existir e o sentimento de identidade pessoal<sup>171</sup>.

Conforme o entendimento de Jung, a realidade que transcende a consciência e que se apresenta como fundo espiritual do mundo é o inconsciente<sup>172</sup>. Podendo esse ser definido, como a totalidade de todos os fenômenos psíquicos, em que, a consciência não se faz presente<sup>173</sup>. Divide-se, didaticamente, em inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal é a camada mais superficial do inconsciente, cujo limite com o consciente é indeterminado. É no inconsciente pessoal que se incluem as percepções e impressões subliminares, tais como: as combinações de ideias demasiadamente fracas e indiferenciadas, os acontecimentos ocorridos no ciclo vital que se perderam pela memória consciente, as recordações penosas, que levariam a um sofrimento psíquico se lembradas, a um grupo de representações carregado de forte potencial afetivo, que, por falta de uma carga energética suficiente, não conseguiram atingir o consciente. Todos estes elementos, mesmo não estando em conexão com o ego influenciam os processos conscientes, sendo muitas vezes, responsáveis por distúrbios psíquicos e/ou somáticos<sup>174</sup>. Sabemos que um quinto, um terço ou até mesmo a metade da vida humana, se dá em condições inconscientes, pois este é o elemento inicial de onde se originam os conteúdos conscientes<sup>175</sup>. Jung referiu-se ao inconsciente em uma de suas cartas dizendo: “o maravilhoso do inconsciente é que ele é realmente inconsciente e o conceito de inconsciente não postula nada, apenas designa o meu desconhecimento” (Carta de fevereiro de 1946)<sup>176</sup>.

---

<sup>169</sup> Complexo – agrupamento de conteúdos psíquicos, carregados de afetividade. SILVEIRA, N. *Jung Vida e Obra*, p. 30.

<sup>170</sup> Cf. JUNG, C. G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*, pp. 23-27.

<sup>171</sup> Cf. HUMBERT, E. G. *Jung*, p. 66.

<sup>172</sup> Cf. JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, p. 16.

<sup>173</sup> Cf. JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*, p. 69.

<sup>174</sup> JAFFÉ, A. *Op cit.*, p.16.

<sup>175</sup> Cf. JUNG, C. G. *Fundamentos da Psicologia Analítica*, p. 22.

<sup>176</sup> JAFFÉ, A. *Op cit.*, p.16.

Ao contrário, do inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo corresponde a uma esfera ilimitada, que se mantém oculta, visto não estar ligada à consciência do ego. Não podendo, portanto, ser acessado por meio de uma simples observação direta, mas somente, por meio de uma investigação indireta, observando os conteúdos compreensíveis e conscientes que propiciam oportunidades para inferências quanto a sua natureza e origem<sup>177</sup>. Sob a ótica de Jung, encontraremos no inconsciente coletivo todas aquelas qualidades que não foram adquiridas individualmente, mas são herdadas, ou seja, os instintos enquanto impulsos, que têm por fim produzir ações resultantes de uma motivação interna, sem uma causa externa<sup>178</sup>. Aqui, também, devem ser incluídas as formas *a priori*, inatas de intuição, quais sejam os arquétipos da percepção e da apreensão que desenvolvem a função determinante e necessária de todos os processos psíquicos<sup>179</sup>. Como vimos, os instintos são responsáveis pelo fato do homem assumir uma maneira de existência especificamente humana, cabendo aos arquétipos fazerem a percepção e a intuição a adotarem padrões também humanos. Os instintos e os arquétipos formam, em conjunto, o inconsciente coletivo, sendo chamado de “coletivo”, por conter conteúdos universais e uniformes, independente de onde ocorram, sendo comum a todos os homens<sup>180</sup>.

A psicologia entende os arquétipos como “padrões da natureza humana, a ‘especificidade humana do homem’”. Como se tratam de grandezas inconscientes mantém-se irrepresentáveis e ocultos, mas de uma maneira indireta e acabam se tornando discerníveis pelas combinações que produzem em nossa consciência: “os motivos análogos apresentados pelas imagens psíquicas e os motivos típicos de ação nas situações primordiais da vida – nascimento, morte, amor, maternidade, transformação etc. O arquétipo *per se* é como um criador por trás dos motivos arquetípicos, mas só estes são acessíveis à consciência”<sup>181</sup>.

Inicialmente, Jung, usava o termo “imagem primordial” como sinônimo de arquétipos, mas esta expressão acabava sendo mal entendida. A “imagem primordial” era compreendida como algo que tinha um conteúdo definido, uma “imagem” de fato, mas que na perspectiva de Jung ela é inconsciente e irrepresentável e só vem ao consciente como imagem,

<sup>177</sup> Cf. JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, pp. 16-17.

<sup>178</sup> Instintos- são formas típicas de comportamento, que se repetem de maneira uniforme e regular, independente de estar associado a um movimento consciente ou não. JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*, p.69.

<sup>179</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>180</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>181</sup> *Ibidem*, p.18.

como um conteúdo arquetípico<sup>182</sup>. Para terminar com as confusões que surgiam em torno de arquétipo e imagem primordial, passou a usar o termo arquétipo que o definia como “possibilidades herdadas, para representar imagens similares; matrizes arcaicas, onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma<sup>183</sup>”.

Os arquétipos são elementos estruturais totalmente inseparáveis da natureza humana desde o início são de natureza pura, intemporal e não adulterados. Têm uma origem oculta e estão acima da percepção psicológica e científica. O que pode ser afirmado é que são herdados, como arranjos não representáveis do inconsciente, “as constantes intemporais da natureza humana”. No magistério de Jung, os arquétipos inicialmente eram “tendências” que haviam sido criadas por diversas gerações, como marcas de experiências vitais típicas que se refaziam constantemente. Entende-se, portanto, que as constantes intemporais a que Jung se referia eram as marcas deixadas pelas experiências vitais, que acabavam se reproduzindo por diversas gerações.

Em contrapartida, os sistemas que criam imagens e ideias arquetípicas são formados em cada indivíduo, como variantes, temporalmente atreladas ao motivo intemporal e sua formação dependerá da disposição inconsciente representado por um arquétipo organizador, somado ao ambiente, a experiência pessoal e a cultura<sup>184</sup>. O funcionamento do arquétipo pode ser comparado a um nódulo de concentração de energia psíquica, sendo que teremos a imagem arquetípica, quando esta energia estiver em estado potencial. É importante, destacar que a imagem arquetípica, não pode ser chamada de arquétipo devido este ser unicamente uma virtualidade<sup>185</sup>.

Como bem leciona Jung, os arquétipos são o centro dos complexos. Por conseguinte, existem muitos complexos típicos e que fazem parte da cultura popular, como: o complexo paterno, materno, o complexo de poder, de medo, entre outros. Considerando, que os símbolos são estações de processamento dos complexos, Jung teve o cuidado de diferenciar os símbolos de caráter pessoal dos símbolos de caráter transpessoal. Sendo que, os pessoais encontram seu significado principalmente na história de vida do indivíduo, ao passo que os

---

<sup>182</sup> Cf. JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, p.19.

<sup>183</sup> Cf. SILVEIRA, N. da. *Jung Vida e Obra*, p.68.

<sup>184</sup> Cf. JAFFÉ, A. *Op. cit.* pp. 19-20.

<sup>185</sup> Cf. SILVEIRA, N. da. *Jung Vida e Obra*, p.69.

transpessoais são símbolos tipicamente humanos, comum a muitas pessoas, mesmo proporcionando a cada pessoa um estímulo novo<sup>186</sup>.

Jung, ao falar sobre os símbolos, também, se referiu às fantasias de caráter transpessoal da seguinte forma: “essas imagens da fantasia encontram indubitavelmente seus análogos mais próximos nos tipos mitológicos. Assim, pode-se dizer que correspondem a certos elementos estruturais coletivos (e não pessoais) da alma humana”<sup>187</sup>.

Foram os vários paralelos traçados por Jung, com temas mitológicos e temas comparáveis da história da religião, da arte, da poesia e outros, que o levaram a concluir que existem elementos estruturais básicos na psique e que os denominou de arquétipos, descrevendo a ação destes como:

Do inconsciente partem certos efeitos determinantes, que (...) garantem a cada indivíduo isolado uma semelhança, e até uma equivalência de experiências, como também de configurações da imaginação. Uma das provas fundamentais disso é o assim chamado paralelismo de temas mitológicos, a que chamei de arquétipos devido a sua natureza de imagem primordial<sup>188</sup>.

Em toda imagem arquetípica está contido um aspecto parcial do si-mesmo (*self*), pois não existe uma separação entre os elementos diferentes que estão no inconsciente; todos eles formam uma mesma amálgama. Enquanto esses elementos não se tornarem conscientes, as camadas sucessivas que nos ensinam a distinguir (isto é, sombra<sup>189</sup>, animus<sup>190</sup> ou anima<sup>191</sup> e si-mesmo) a totalidade dinâmica da psique, estará amalgamada, já que na condição de arquétipo central, o si-mesmo compreende todos demais dominantes arquetípicos<sup>192</sup>.

É importante diferenciar as representações e experiências que avaliamos com o consciente dos arquétipos em si. As representações arquetípicas são estruturas amplamente variadas, que nos levam a uma forma básica irrepresentável, caracterizando-se por certos

---

<sup>186</sup> KAST, V. *A Dinâmica dos Símbolos – Fundamentos da Psicoterapia Junguiana*, p.109.

<sup>187</sup> *Ibidem*.

<sup>188</sup> *Ibidem*, p.110.

<sup>189</sup> Sombra- parte obscura da psique e que geralmente percebemos refletida no outro, por não quisermos enxergar em nós este lado obscuro. PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, p.474.

<sup>190</sup> Animus- figura de caráter masculino que compensa a consciência feminina. PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, p. 37.

<sup>191</sup> Anima- figura de caráter feminino que compensa a consciência masculina. *Ibidem*.

<sup>192</sup> EDINGER, E. F. *Ego e Arquétipo*, p.67.

elementos formais e determinados significados fundamentais, os quais só conseguem ser apreendidos de forma aproximativa. A expressão dessas representações arquetípicas dá-se por meio do complexo pessoal do indivíduo, que explica porque numa situação arquetípica coisas pessoais acabam se misturando com o típico<sup>193</sup>.

Em sendo o arquétipo o elemento estruturante do campo físico e psíquico do indivíduo, os processos físicos e psíquicos movimentam-se em certa dimensão humana típica. Os indivíduos têm, em determinadas situações, imagens, emoções e impulsos incomparáveis, tendo em vista o arquétipo que transcende a consciência propiciar imagens semelhantes, bem como reações instintivas e corporais similares. Encontra-se no arquétipo uma dinâmica que faz algo passar da potencialidade à atualidade, fazendo com que o indivíduo a sinta como uma força motriz. A esta dinâmica, Jung define como “princípio espontâneo de movimento e atividade”, capaz de provocar uma produção livre e uma manipulação soberana de imagens, o que nos leva a concluir que o inconsciente não é apenas determinado historicamente, mas produz, também, o impulso criador – à semelhança da natureza que se mostra bastante conservadora, anulando seus próprios condicionamentos históricos com seus atos criados<sup>194</sup>. Este impulso criador, produzido pelo inconsciente, ocorre por meio da energia psíquica, que é responsável pelo funcionamento do aparelho psíquico.

Muitos foram os mal-entendidos que surgiram quando Jung apresentou o seu conceito de libido para indicar a energia psíquica, ou seja, tudo aquilo que se assume como uma “tendência para”, não deixando de ser a forma genérica de uma intencionalidade. Ao utilizar-se desse termo, Jung não quis caracterizar o comportamento do instinto sexual, inexistindo a hipótese de ser reconduzível a este último. Como estudamos na teoria psicanalítica, a libido tem um valor energético que pode ser direcionado a qualquer área de atividade: ao poder, à fome, ao ódio, à sexualidade, à religião etc., sem obrigatoriamente estar focado num instinto específico<sup>195</sup>. No intuito de corrigir o mal-entendido que provocou, ao usar o termo libido para substituir o conceito de “energia psíquica”, em sua obra *Psychologie der Dementia praecox* (Psicologia da Demência Precoce), em sua outra obra, denominada *Darstellung der psychoanalytischen Theorie* (Exposição da Teoria Psicanalítica), declarou:

---

<sup>193</sup> Cf. KAST, V. A. Dinâmica dos Símbolos – Fundamentos da Psicoterapia Junguiana, p.110.

<sup>194</sup> Ibidem, p. 111.

<sup>195</sup> Cf. PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, p. 293.

Que a libido com a qual operamos não é apenas não-concreta ou desconhecida, senão uma incógnita absoluta, uma pura hipótese, uma imagem ou um contador, tão intangível como a energia do mundo das concepções físicas<sup>196</sup>.

A libido pode apenas ser compreendida como uma expressão abreviada para significar o “ponto de vista energético”<sup>197</sup>.

Ao pensarmos em energia psíquica, não podemos vislumbrá-la como a ideia de uma substância que se movimenta no espaço, mas tão-somente como um conceito abstraído das relações de movimento. Jung, ao falar em energia psíquica, refere-se a uma experiência, na qual a energia é específica, manifestada no momento como movimento e força; virtualmente é situação, bem como condição. Assim, em atividade, a energia psíquica manifesta-se nos fenômenos dinâmicos da alma, tais como as tendências, os desvios, o querer, os afetos, a atuação que são, justamente, forças psíquicas. Quando virtual, a energia aparece nas aquisições, possibilidades, aptidões, atitudes, que são condições<sup>198</sup>. Jung considerava impossível limitar a libido apenas a uma energia sexual, ou seja, a um instinto específico, devido a transformação da energia psíquica não ser uma dinâmica meramente sexual, mas, também sexual<sup>199</sup>.

O movimento estabelecido entre o inconsciente e a consciência no indivíduo dá-se de forma simultânea, não existindo a possibilidade de estabelecermos uma linha divisória que defina o que é inconsciente ou consciente. A consciência transpõe significados para dentro do inconsciente, assim como, este para ela. O aparelho psíquico é movido por meio da energia psíquica, estando esta alocada no inconsciente, na consciência, no ego, no *self*, nos arquétipos, nos complexos etc.

Nos arquétipos, encontraremos experiências emocionais intensamente vividas por muitas gerações, sendo compreendidas como uma herança genética, que forma a possibilidade da ideia. Os arquétipos são irrepresentáveis; nada obstante, dão a possibilidade ao indivíduo de visualizar as representações arquetípicas<sup>200</sup>. A ordem como estes conceitos vão interagir e a relação que irão estabelecer com o indivíduo é totalmente aleatória, não havendo um padrão

---

<sup>196</sup> JUNG, C.G. *A Energia Psíquica*, p.39.

<sup>197</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>198</sup> *Ibidem*, pp. 24-25.

<sup>199</sup> *Ibidem*, p.38.

<sup>200</sup> *Idem*. G. *A Natureza da Psique*, p. 151.



a ser seguido. É importante destacar, ao apresentar estes conceitos, que se trata apenas de uma divisão didática, não decorrendo daí uma seqüência lógica, pois não temos como precisar nada ao falar do aparelho psíquico. Na *psique* tudo aquilo que parece ser ou que pensamos que é, poderá não ser.

Antes de aprofundar os estudos sobre as influências que as representações e associações das imagens arquetípicas de pai, mãe e de Deus têm na vida do indivíduo, foi tomado o cuidado de familiarizar o leitor com alguns conceitos e expressões, que a partir de agora serão uma constante no trabalho.

### 2.3 ARQUÉTIPOS, IMAGENS E DEUS

Exsurge, neste contexto, que a grande mola propulsora do aparelho psíquico é o inconsciente. Querer explicá-lo é algo demasiadamente difícil, devido a sua complexidade. Por se tratar supostamente de um sistema psíquico, é possível que contenha todos os elementos que compõem a consciência, ou seja, a percepção, a apercepção, a memória, a fantasia, a vontade, os afetos, os sentimentos, a reflexão, o julgamento etc.. Tudo, porém, de forma subliminar<sup>201</sup>.

Para Jung, a representação de imagens similares dá-se por meio dos arquétipos que possibilitam ao indivíduo uma forma instintiva de imaginar. É, nos arquétipos, que se encontram as impressões superpostas, comuns a todos os indivíduos, repetidas de forma milenar. Estas impressões são vivências, emoções e fantasias, originadas por fenômenos da natureza, pelas experiências com a mãe, com o pai, com a religião etc. e não estão relacionadas à estrutura do sistema nervoso, que levaria à produção de representações análogas ou similares.<sup>202</sup>

Como o funcionamento do arquétipo decorre da concentração de energia psíquica, ao se potencializar, toma forma, transformando-se em imagens arquetípicas<sup>203</sup>. Os estágios arquetípicos, no entendimento da psicologia analítica, devem ser compreendidos por uma distinção básica entre fatores psíquicos pessoais e transpessoais. Os fatores pessoais são

---

<sup>201</sup> Cf. JUNG, C.G *A Natureza da Psique*, p. 111.

<sup>202</sup> SILVEIRA, N. *Jung Vida e Obra*, p.68.

<sup>203</sup> *Ibidem*, p.69.

aqueles que pertencem a uma personalidade individual e que, em nenhum momento serão compartilhados com os demais indivíduos, sejam eles conscientes ou inconscientes.

Já os fatores transpessoais são coletivos, suprapessoais ou extra pessoais e não podem ser tidos como uma condição externa da sociedade, mas sim como elementos estruturais internos. O fator transpessoal independe do fator pessoal, visto não ser apenas coletivo, mas também, individualmente, é um produto de evolução. A psicologia analítica compreende que a estrutura da *psique* é determinada por dominantes transpessoais *a priori* – os arquétipos – órgãos e componentes essenciais da psique, que sempre moldaram o caminho percorrido pela história humana<sup>204</sup>. Percebemos, por consequência, que a *psique* não está apenas aberta ao mundo, mas que ela é idêntica e indistinta do mundo, experienciando o seu próprio vir-a-ser como um vir-a-ser do mundo; vivenciando suas próprias imagens<sup>205</sup>.

É de fácil compreensão que as informações, que já trazemos, ao nascer, em nossos arquétipos de pai, mãe e Deus, só virão a serem imagens arquetípicas, a partir do momento que se tornarem conscientes e que se unirem ao ego do indivíduo, onde cada uma dessas imagens terá um significado próprio. Jung ao desenvolver sua teoria sobre arquétipos e imagens arquetípicas, embasou-se na mitologia, principalmente, ao se reportar aos arquétipos de Deus, pai e mãe. Estabeleceu associações destes arquétipos com o uroboros<sup>206</sup> maternal, com os Pais Primordiais, com o Verbo criador, com o herói, com o velho sábio, com a Grande Mãe, com os pais do mundo, com o céu, com a terra, etc., que são imagens arquetípicas encontradas no inconsciente coletivo. Os arquétipos Deus, pai e mãe serão descritos a partir destas associações.

---

<sup>204</sup> Cf. NEUMANN, E. *A História da Origem da Consciência*, pp. 16-17.

<sup>205</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>206</sup> Uroboro – expressão mitológica que representa o redondo que contém, isto é, o ventre primal materno e o útero, mas também a união do antagonismo masculino-feminino, os ancestrais, pai e mãe unidos em coabitação permanente. O antagonismo ao qual o autor se refere, está vinculado a teoria dos opostos que formam o núcleo de um grupo de símbolos. Sendo que o pensamento simbólico retratado na imagem do redondo busca captar conteúdos que a consciência atual só consegue entender como paradoxos, por não conseguir captá-los. O desenvolvimento psíquico corresponde a um estágio pré-ego, antecedendo a história humana bem como a história do desenvolvimento individual, pertencendo ao estágio da mais tenra infância, aonde só existe uma semente embrionária. Não havendo o desenvolvimento da consciência do ego que está adormecida no redondo perfeito. Como o ego não tem, nem pode ter experiências próprias no estado embrionário, nem mesmo experiências psíquicas – visto a consciência que tem estar adormecida ainda na semente, o ego posterior descreverá essa fase precedente, como um conhecimento indefinido, posto que seja percebido simbolicamente, como uma época “pré-natal”. Trata-se da existência do paraíso, onde a psique tem a sua morada pré-mundo, período que antecede ao nascimento do ego, época do envolvimento inconsciente. Cf. NEUMANN, E. *A História da Origem da Consciência*, p.29.

### 2.3.1 Arquétipo Pai

Jung descobriu e confirmou, por meio de suas análises psicológicas profundas, que os arquétipos existem em cada ser humano como poderes e imagens operantes, surgindo de forma espontânea, quando a camada do inconsciente coletivo é ativada<sup>207</sup>. Ao conceituar os arquétipos, que constituem e são responsáveis pela faculdade mitopoética da mente humana, por facilitar a capacidade criadora de mitos, o psicanalista lançou mão de disciplinas afins à psicologia, como o estudo de religiões comparadas, contos de fada e mitos. Desta forma, oportunizou o entrelaçar de mãos entre a psicologia e a mitologia. Porém, é importante destacarmos que os mitologemas, ou seja, os núcleos construtivos de todo mito, são constituídos de expressões imagéticas, dos arquétipos, que são incognoscíveis<sup>208</sup>.

O arquétipo de pai faz parte do conjunto de arquétipos que trazemos ao nascer e que, se tornam imagens arquetípicas, no momento em que atingem a consciência. Cabe salientar que, na cultura ocidental, o arquétipo pai não se manifestou, ainda, em sua plenitude por ser relativamente novo, uma vez ter surgido no século VII a.C., quando começou a ser feita à associação do ato sexual com a concepção<sup>209</sup>. É por isso que o arquétipo que predomina é o da grande mãe. Culturalmente, o arquétipo masculino (ou do pai) é vivenciado de forma concreta, prevalecendo o regime ditatorial extremamente repressivo e representado pela figura dominadora do “coronel do interior”<sup>210</sup>.

O arquétipo masculino (ou de pai) é visto como intrusivo penetrante e mental. Para Jung, o arquétipo masculino está ligado ao desenvolvimento da consciência, estando submetido à temporalidade, havendo sempre uma ideia de submissão da nova geração e o medo de perder o poder temporal. Na realidade, o arquétipo de pai está sempre congregado à cultura e à tradição<sup>211</sup>. O masculino, expresso pelo arquétipo de pai, tem como característica ser penetrante, criativo, transformativo, levando a consciência de natureza masculina a se desdobrar através da palavra e do discurso (logos), o que a diferencia gradualmente do inconsciente<sup>212</sup>. Por oportuno, cumpre destacar que o segredo do poder paterno está na união do pai existente com o arquétipo pai. Por tal razão, a relação estabelecida entre a criança e o

<sup>207</sup> Cf. JUNG, C.G *A Natureza da Psique*, p. 98

<sup>208</sup> Cf. BOECHAT, W. *Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo*, p. 24.

<sup>209</sup> Cf. NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*, p. 195.

<sup>210</sup> Cf. BOECHAT, W. *Op. cit.*, p.20.

<sup>211</sup> Cf. *Ibidem*, p. 29.

<sup>212</sup> *Ibidem*.

pai, tem a possibilidade de integrar um modelo preexistente de pai. Na realidade, o pai é uma imago<sup>213</sup> no plano subjetivo: é a imagem da relação que a pessoa estabelece com o pai e com tudo o que significa pai<sup>214</sup>

Para melhor compreensão, o masculino manifestado no arquétipo pai reporta-se ao mito do herói. O seu nascimento e a sua luta com o dragão só podem ser compreendidos, após entender-se o significado da masculinidade e o desenvolvimento desta. Pela primeira vez, no mito do herói, o ego obtém a sua própria posição como fator masculino. Necessário esclarecer que a natureza desta masculinidade deve ser percebida como um conteúdo simbólico, para que possamos distinguir entre paternal e masculino. Só então, o ego consegue despertar e experimentar a sua masculinidade, a sua autoconsciência, tornando-a cada vez mais ativa como boa e má a um só tempo. Esta consciência que o ego adquire é que lhe permite compreender que o “masculino” não é de maneira alguma, idêntico a “pai” e, muito menos, a figura do pai pessoal<sup>215</sup>.

O conceito de pai não pode estar limitado apenas ao homem que gerou o filho, por ter um significado bem mais amplo, na concepção de Jung. O pai desempenha o papel de protetor e de guia – tanto no sentido metafórico, como no sentido espiritual - assim como no significado de imagem que ele assume em nível mítico e simbólico. É possível dizer que o pai se diferencia de sua representação e sua imagem é compreendida como aquilo que antecede e, ao mesmo tempo, constitui o pai real ou figuras historicamente semelhantes que desenvolvem este papel. A precedência, em relação ao tempo histórico do indivíduo e da cultura, daquele que podemos denominar de paternidade primordial, pode ser observada pela análise das relações concretas entre pai e filho e através das relações místicas religiosas entre o homem e Deus<sup>216</sup>. Os pais primordiais são, portanto, pais idealizados, sendo que esta idealização ocorre pela energia do *self*. São figuras de pessoas fortes, protetoras, generosas que representam, na realidade, tudo na vida do filho, que lhe percebe e lhe enaltece como se fosse um Deus. Oportuno ainda lembrar que é por meio do filho que se deduz o pai, devido à existência e à

---

<sup>213</sup> Imago- A imago dos pais nasce tanto da experiência pessoal como do arquétipo, isto é, da imagem dos pais que se encontra na psique e que é preexistente a consciência. JUNG, C. G. *Cartas*, v.I, p. 69.

<sup>214</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>215</sup> Cf. NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*, pp. 111-112.

<sup>216</sup> Cf. PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, p. 362.

natureza humana do poder masculino que se evidencia primeiro no filho. O homem surge como criatura e não como criador como efeito, e não como causa<sup>217</sup>.

Na realidade, o pai é o primeiro estranho que o filho encontra ao sair do ventre materno e que passa a ajudar a criança na constituição de uma estrutura interna, permitindo-lhe ter acesso a sua agressividade, afirmação de si e capacidade para se defender, acesso à sexualidade, ao sentido de exploração, bem como aptidão para a abstração e objetivação. O pai além de desenvolver a função estruturante do filho, deve também facilitar a passagem do mundo da família para o mundo da sociedade. Este processo fará com que haja o rompimento da figura idealizada do pai primordial surgindo então, a figura do pai real que não mais se encontra no uroboros dos pais primordiais, mas individualizado e com papel definido. Os homens, muitas vezes, acabam ficando presos a um modelo de pai que tem internalizado, não conseguindo por isso satisfazer as exigências do filho. Tal modelo consta em uma representação ideal do pai que nos tiraniza, desde o interior, visto se tratar de uma imagem inconsciente à qual procuramos responder sem nos apercebermos. Essa lacuna que se estabelece entre o pai real e a imagem arquetípica idealizada de pai, pelo filho, é que gera o conflito pai-filho. Inegável que o pai é uma necessidade fundamental para a espécie humana, cujo mundo é o mundo dos valores coletivos, de que resulta determinada a educação e a declaração da maioria de cada indivíduo; manifesta-se, em sua estrutura psíquica, como consciência moral. Este mundo de valores coletivos, que é histórico está relacionado ao desenvolvimento da consciência que permitirá personalizar a imagem paterna. Caso isto não aconteça, ela permanecerá arcaica e continuará ligada a imagens mitológicas, como o do super-homem, do herói ou quicá do profeta<sup>218</sup>.

No entendimento junguiano, o herói representa o *self* (si-mesmo), inconsciente do homem que se dá a conhecer, empiricamente, como a soma e o conteúdo de todos os arquétipos, incluindo o arquétipo “pai e do herói”. Decorre daí a interpretação específica do herói como motivo do pai<sup>219</sup>. O arquétipo do herói representa a própria energia psíquica que perpassa entre o arquétipo do si-mesmo e do ego<sup>220</sup>. O herói não é aquele que corajosamente se opõe ao pai e o supera vitoriosamente, mas se trata daquele pai que deve ser reconhecido

---

<sup>217</sup> NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*, p.53.

<sup>218</sup> Cf. *Ibidem*, p. 137.

<sup>219</sup> Cf. PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, p. 221.

<sup>220</sup> Cf. BOECHAT, W. *Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo*, p. 34.

como aquele com o qual é possível dialogar, a fim de chegar à oposição e à separação dos pais primordiais, que impedem a constituição de um início da identidade psicológica própria<sup>221</sup>.

O mito do herói leva a compreender a mudança radical que se sucede no centro da gravidade, onde a universalidade cósmica do mito deixa de ser preponderante, passando o homem a ocupar o centro do mundo. Com isso, o mundo do herói, o ego e a consciência não apenas alcançam a autonomia, mas a personalidade total do homem, sua distinção da natureza, quer esta seja o mundo ou o inconsciente. No processo de separação dos pais primordiais que, na realidade, faz parte do mito heróico, é que se inicia a fase de formação das figuras e da personalidade humana. Em decorrência, o herói é o precursor arquetípico da humanidade em geral, onde o seu destino é o modelo que deve ser seguido pela humanidade<sup>222</sup>.

O importante no nascimento do herói é que a sua natureza sempre é incomum, diferente, sobre-humana ou inumana. O milagre da procriação vem de Deus, e, portanto, não é o homem o pai do filho, nem a fase patriarcal é regida por um “pai pessoal”, mas sim, por um progenitor ou poder suprapessoal. E, com esse desviar da norma humana, o herói é percebido pela humanidade, ou seja, pelo inconsciente coletivo, como de origem divina<sup>223</sup>. Isso, talvez, nos ajude a compreender o sentimento que o herói tem. Muito embora seja um homem igual aos outros, terreno, mortal e coletivo, sente-se estranho, não apenas frente ao coletivo, como também no seu íntimo, por experimentar algo que apesar de fazer “parte dele” e “quase ser ele mesmo”, só pode ser designado como estranho incomum e divino, quando “inspirado” como algo extraordinário ou como filho de uma divindade. O herói, por se sentir diferente dos demais, experiencia seu progenitor suprapessoal, de forma distinta a de seu pai pessoal terreno, cuja natureza coletiva e corporal compartilha<sup>224</sup>.

Esta ideia dual, que caracteriza o herói – humano/divino – nasce dele mesmo, em decorrência das experiências que ele vivencia. Percebe-se que a figura parental do herói existe duas vezes: de modo pessoal e transpessoal. Tal confusão estabelecida entre uma figura e outra, trata-se de uma projeção da imagem transpessoal sobre os pais pessoais, um problema

---

<sup>221</sup> Cf. PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, p. 222.

<sup>222</sup> Cf. NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*, p.107.

<sup>223</sup> *Ibidem*, p. 110.

<sup>224</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 108-110.

bastante comum na infância<sup>225</sup>. Nesta fase, o arquétipo ainda não se encontra humanizado e segundo Jung, o arquétipo não humanizado está dividido em um par de opostos, conflitivos, que tiraniza o ego. Uma imagem, idealizada, distante, inacessível sugere o pai “forte”; o encontro com substitutos parciais nunca são satisfatórios e, por não serem ideais, acabam sugerindo pais “fracos”<sup>226</sup>. O pai é quem determina a relação com o homem, com a lei, com o Estado, com a razão, com o espírito e com o dinamismo da natureza. Jung refere que o pai é autor e autoridade e, por isso, é lei e Estado. É aquilo que se move no mundo, como o vento é aquilo que cria e dirige com ideias invisíveis. É o sopro criador do vento – pneuma, *spíritus, atmã*, o espírito. Portanto, o pai também é um poderoso arquétipo que vive no íntimo da criança. “Também o pai e, antes de tudo, o pai, uma imagem abrangente de Deus, um princípio dinâmico”. Com o passar do tempo, esta imagem vai retrocedendo e o pai se transforma numa personalidade limitada e demasiado humana, ocupando todas as dimensões possíveis<sup>227</sup>.

No entendimento de Jung, a imagem do pai tem um significado bem geral, como logos ou espírito, com a característica especial do paterno. O logos não é necessariamente paterno, ele pode ser filial. O logos filial é o logos gerado, enquanto que o logos paterno é um logos gerador e com os cuidados de um pai. O logos filial, geralmente, tem o caráter de uma confissão heróica e difícil que desafia o receptor a uma decisão igualmente autônoma. Por outro lado, o gerador, o paternal, é iniciação, orientação, acompanhamento e educação. Ele não explode como uma bomba ou fogos de artifícios, mas leva pela mão aquele que não sabe e que não tem vontade e o conduz por caminhos seguros, por meio da escuridão inóspita.

Até aqui, verifica-se que, no primórdio da vida, se constrói uma imagem idealizada de pai, mas, na medida em que o ego começa a fazer o movimento de separação do *self* (si-mesmo), inicia-se o processo de desenvolvimento da consciência e da individuação, fazendo com que a imagem dos pais primordiais que se traz nos arquétipos e que, geralmente, assumem o papel de heróis, de ídolos comece a perder seu efeito mágico para o pai pessoal que carrega consigo a simbologia do humano em toda a sua extensão. O símbolo, para Jung, é o enriquecimento da consciência, por meio da vivência, enquanto que o ídolo é um retrocesso

<sup>225</sup> Cf. NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*, p. 110.

<sup>226</sup> JUNG, C. G. *Civilização em Transição*, pp.37-38.

<sup>227</sup> *Ibidem*, p. 39.

para o inconsciente, podendo ser compreendido como um empobrecimento da consciência<sup>228</sup>. O pai, enquanto símbolo pode transcender o aspecto humano e dependendo da imagem arquetípica que o indivíduo configurou para ele, esta imagem permanece no inconsciente, mesmo ele tendo a consciência da figura do pai real. Em razão de que o símbolo não se encontra na mesma esfera dos instintos, a nomenclatura que o indivíduo vai usar para definir o pai enquanto símbolo irá depender não apenas das informações herdadas pelo arquétipo, mas da experiência vivenciada com este pai. Pode ir do pai transcendental ao pai tirano, torturador.

Estabelecido como a imagem do pai se desenvolve, voltamos o olhar para o arquétipo mãe, a fim de entendê-lo, sempre lembrando que esta divisão que aqui fazemos é didática, objetivando uma melhor compreensão para o leitor. No funcionamento psíquico, esta divisão não existe; está tudo interligado e esta nomenclatura que fazemos, ao nos reportarmos aos conteúdos do aparelho psíquico, poderá ser ou não correta. O humano tem necessidade de nomear as coisas, enquanto que na *psique* tudo está relacionado à vivência da pessoa.

### 2.3.2 Arquétipo Mãe

O arquétipo mãe leva-nos a pensar sobre o mito da criação, em que um dos símbolos da perfeição original é o círculo, que é um aspecto autocontido, onde não há começo e nem fim, é eterno porque tem rotundidade, não existe nem antes e nem depois, não há em cima nem embaixo, não há espaço. E, por mais que o mundo evolua e enquanto, o homem existir, a perfeição continuará e se manifestar como círculo, a esfera, o redondo, a Divindade Primal que é suficiente em si mesma. Esse redondo, essa existência na uroboros, que é a representação simbólica do estado inicial, reproduz o redondo que contém o ventre primal materno e o útero, assim como a união do antagonismo masculino-feminino, os ancestrais, o pai e a mãe unidos em coabitação permanente que, por sua vez, se reportam à origem. Esta ao ser questionada deve ser respondida, por ventre, pois, a experiência imemorial da humanidade é que toda criatura recém-nascida vem de um ventre. É por isso que o redondo da mitologia é chamado também de ventre e útero. Todavia, é importante lembrar que este lugar de origem não pode ser compreendido no seu sentido concreto. O ventre, como a própria mitologia ressalta, tem muitos significados, porquanto não representam apenas uma parte do corpo, mas

---

<sup>228</sup> Cf. JUNG, C.G. *Cartas*, v.I, p. 75.



uma pluralidade, um mundo que abarca muitos conteúdos dentro de si e onde muitos têm a morada no seu ser. E, por isso, precisamos saber que “as Mães não são uma Mãe”<sup>229</sup>, pois também carregam consigo muitos conteúdos, não podendo ser olhadas como um ser concreto, mas sim, como o ventre que tem vários significados.

O arquétipo mãe está relacionado ao conceito da Grande Mãe que provém da história das religiões, abrangendo as mais diversas manifestações do tipo de uma Deusa-Mãe. O arquétipo materno, como todos, também possui uma variedade incalculável de aspectos. As formas mais características que se manifestam são: a própria mãe e a avó; a madrastra e a sogra; ama-de-leite ou ama-seca e, no sentido de uma transferência mais elevada, a deusa, especialmente, a mãe de Deus, a Virgem. Todos estes símbolos podem ocupar um espaço positivo favorável ou negativo e nefasto, na medida em que são indicadores dos traços essenciais do arquétipo materno. Os atributos deste arquétipo são “maternais”, ou seja, a mágica autoridade do feminino: a sabedoria, a elevação espiritual além da razão, o bondoso, o que cuida, o que acolhe, o que tolera, o que tem paciência, o que sofre, o que chora, o que sustenta o que proporciona condições de crescimento, fertilidade e alimento, o lugar da transformação mágica do renascimento, o instinto e o impulso favoráveis, o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, o sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. A todos esses atributos que compõem o arquétipo materno, correspondem atributos com qualidades opostas que se contrapõem à mãe amorosa e à mãe terrível<sup>230</sup>.

O aspecto positivo do instinto materno diz respeito à imagem da mãe, que tem sido louvada e cantada em todos os tempos, em todas as línguas e em todos os continentes, pois se trata daquele amor materno que provoca recordações emocionantes e inesquecíveis na idade adulta e representa a raiz secreta de todo vir a ser e de toda transformação, que provoca o regresso ao lar, o descanso e o fundamento originário, silencioso, de todo início e fim. Mãe é o amor maternal, é a vivência e o segredo de cada indivíduo, sendo a portadora casual da vivência que guarda ela mesma e o filho.

Mãe é uma vivência arquetípica bastante arcaica, em que este arquétipo é locupletado por uma infinidade de significados, como mencionamos. Na medida em que o ego começa a fazer o processo de separação do *self* (si-mesmo) e atinge a consciência, esta

<sup>229</sup> Cf. NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*, pp. 25-31.

<sup>230</sup> Cf. JUNG, C. G. *Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, p. 92.

imagem empalidece e é substituída por uma imagem consciente, relativamente individual, considerada a única imagem maternal possível. Todavia, no inconsciente, a mãe continua sendo uma poderosa imagem primitiva, vinculada a Grande Mãe, que no decorrer da vida individual e consciente passa a dar um colorido e, até mesmo, determinar as relações com a mulher, com a sociedade, com o mundo dos sentimentos e dos fatos, de uma forma bastante sutil, em que o consciente não percebe essa sua interferência<sup>231</sup>.

Para Jung, a mãe é a forma em que toda vivência está contida, sendo a mãe pessoal a portadora do arquétipo, em primeiro lugar. Há um processo de identificação da criança com a mãe, por viver com esta um estado de participação exclusiva no início da vida, onde a mãe não representa, apenas, a condição prévia física, mas também, psíquica da criança. Em havendo uma evolução da consciência do eu (ego), esse estado de participação vai se desfazendo e a consciência começa a se tornar sua própria condição prévia, à qual o inconsciente e a consciência vão opor-se. Nesta etapa do desenvolvimento do humano, o eu (ego) começa a se diferenciar da mãe e a sua particularidade pessoal começa a se destacar.

Jung, ao propor a teoria dos arquétipos, “postulou a hipótese de que as influências que a mãe exerce sobre seus filhos, não sejam dela própria como pessoa e de seus traços reais de caráter”, tendo em conta existirem qualidades que fazem parte da estrutura arquetípica que existe em torno da “mãe” e que acabam sendo projetadas nela pelo filho, mesmo sabendo que a mãe é portadora de uma imagem inata em nós, da *mater natura* e da *mater spiritualis*, da amplitude total da vida à qual somos confiados quando crianças e ao mesmo tempo abandonados<sup>232</sup>.

Muito embora, a figura da mãe, da forma como aparece na história dos povos, seja de certo modo universal, constatamos que sofre mudanças significativas na experiência prática individual, na qual prevalece o significado da mãe pessoal que é mais limitado. Isto mostra-nos que não é só da mãe pessoal que provêm todas as influências sobre a psique infantil, mas que se trata muito mais do arquétipo projetado na mãe que concede à mesma um caráter mitológico, conferindo-lhe autoridade e até mesmo numinosidade<sup>233</sup>.

---

<sup>231</sup> Cf. JUNG, C. G. *Civilização em Transição*, p.38.

<sup>232</sup> Cf. *Ibidem*, p.93.

<sup>233</sup> Cf. *Ibidem*.

Ao estudarmos de forma concisa o arquétipo mãe, extraímos que ele, como os demais arquétipos, é uma configuração irrepresentável podendo ser constatado empiricamente de muitas maneiras. O arquétipo mãe pode se apresentar de inimagináveis maneiras, no entanto, a sua característica comum, da ideia de mãe, continua sendo uma constante. Contudo, o arquétipo é sempre de natureza objetiva, resultante de um esquema representativo que existe a *priori*, sempre em toda parte idêntico a si mesmo, podendo manifestar-se como a imagem da mãe concreta, ou então, como uma Sofia, ou matéria que, como o nome indica, já contém a ideia de mãe<sup>234</sup>.

Está claro que cada indivíduo carrega consigo a imagem idealizada que, muitas vezes, não corresponde a imagem da mãe pessoal, o que não pode ser compreendido como algo infantilizado; a mãe idealizada é uma imagem que trazemos em nossos arquétipos, ao passo que a mãe pessoal surge quando o ego começa a se separar do si-mesmo e adquirir consciência. Na medida em que a consciência vai se desenvolvendo é que se forma a articulação e a distinção abstrata entre as coisas e os lugares que, até então, faziam parte de um contínuo, relacionando-se de maneira fluída, com um ego em permanente mudança.

Apesar de a mãe ser uma experiência arquetípica arcaica, pode-se dizer que ela é uma estrutura psíquica, que parece fixa, de modo eterno e quase inalterável. Mesmo quando assume o caráter de Mãe espiritual mantém sua imutabilidade; é o princípio permanente e todo-abarcante, de cura e de apoio, amante e redentor, sendo, portanto, eterna<sup>235</sup>. Quando a consciência começa a se desenvolver, fazendo com que a mãe pessoal assuma o espaço da mãe idealizada, ao pronunciarmos a palavra mãe, independente do espaço geográfico, todos os atributos maternos vinculados a este arquétipo são lembrados.

Até então, visualizamos a representação da figura do pai e da mãe e as influências que estes têm na vida psíquica de cada pessoa, segundo a percepção de Jung. Ficou evidenciado que, na fase inicial do desenvolvimento, temos no inconsciente apenas a presença dos pais idealizados e, a partir do momento em que o ego consegue começar a fazer o movimento de separação do *self* (si-mesmo), é que os pais pessoais começam a serem reconhecidos com suas falhas, suas limitações, características do humano.

---

<sup>234</sup> Cf. JUNG, C. G. *Cartas*, v.III, p. 158.

<sup>235</sup> NEUMANN, E. *Historia da Origem da Consciência*, p. 136.

Na continuidade, veremos a representação que Deus tem na vida do humano e como é compreendido na psicologia analítica de Jung.

### 2.3.3 Deus

A imagem de Deus, de um ser todo poderoso divino, existe em toda parte, de forma consciente ou inconsciente, devido a ser um fundamento arquetípico. Sustenta Jung que é impossível conceituar Deus, pois se trata de uma função psicológica, necessária, de uma natureza que foge da lógica e que absolutamente nada tem a ver com a questão da existência de Deus<sup>236</sup>. Trata-se do Verbo criador, do Sopro criador, do pneuma, enfim, do Espírito criador. Esse conceito de espírito, contudo, é apenas a abstração do *vento-ruah-pneuma-animus* procriador que vivifica pelo in-soprar, pelo “inspirar”<sup>237</sup>. A tentativa de conceituar Deus ou procurar provas de sua existência foge ao alcance do intelecto humano. Diz Jung que existe alguma coisa em nossa alma que tem um poder superior e, por isso, considera mais sábio que reconheçamos conscientemente a ideia de Deus, ao invés de preenchermos este espaço com qualquer invenção de consciências “esclarecidas”. Para ele, o nosso intelecto tem pleno conhecimento de que não tem condições para pensar Deus em sua plenitude e, menos ainda, para imaginar que Ele existe realmente e fazer Sua descrição<sup>238</sup>. Ao nos reportarmos a esta questão da existência de Deus, não encontraremos uma resposta única. Mesmo que a imagem de Deus esteja inserida no inconsciente coletivo, a relação que cada indivíduo estabelece com Deus é extremamente subjetiva. O que se mostra relevante dentre as questões explicitadas até agora, é que, na visão de *Jung*, Deus é uma entidade psíquica extremamente necessária<sup>239</sup>.

De acordo com Jung, as imagens de totalidade produzidas pelo inconsciente, no decorrer de um processo de individuação, representam “reformas” (transformações) de um arquétipo existente *a priori*, como por exemplo, no caso do jovem divino, que é um deus fadado a morrer. Na realidade, é o seu próprio pai que se apresenta de outra forma<sup>240</sup>. Por meio desta analogia, percebe-se o arquétipo de Deus agindo por intermédio de seu Filho Jesus, a fim de transformar a humanidade. Jung ressalta, ainda, que é inviável, na prática,

<sup>236</sup> Cf. JUNG, C. G. *Psicologia do Inconsciente*, p. 63.

<sup>237</sup> Cf. NEUMANN, E. *A História da Origem da Consciência*, p. 36.

<sup>238</sup> Cf. JUNG, C. G. *Psicologia do Inconsciente*, p. 63.

<sup>239</sup> Idem. *Escritos Diversos*, p. 58.

<sup>240</sup> Cf. NEUMANN, E. *A Op. Cit.*, p. 82.

distinguirmos entre os símbolos espontâneos do *self* (da totalidade) e uma imagem divina. O termo “renovação” (*anakainosis, reformatio*) não significa uma mudança no sentido próprio, mas o restabelecimento de um estado original, uma apocatástase. Isto resta em perfeita concordância com as descobertas psíquicas empíricas de um arquétipo da totalidade, existente em todas as épocas, que pode desaparecer do campo usual da consciência ou nunca ser percebido, até o momento em que uma consciência iluminada pela conversão reapareça sob a figura de Deus. Só assim, será restabelecido um estado original de união com a imagem divina<sup>241</sup>.

A função transcendente refere Jung, “é um fenômeno natural e espontâneo, que faz parte do processo de individuação”. Para ele,

A relação do homem com Deus provavelmente tem de passar por uma determinada alteração importante: em lugar de louvor propiciatório a um rei imprevisível ou da oração da criança a um pai amoroso, viver de maneira responsável e cumprindo em nós a vontade divina será a nossa forma de adoração e de intercambio com Deus<sup>242</sup>.

Na perspectiva de Jung, portanto, a faculdade de criar imagens religiosas vem a ser uma das mais notáveis peculiaridades da psique, posto que as imagens religiosas por ela criadas representam o alicerce de sua relação com a divindade oculta, podendo se verificar isso na imagem do Criador, que é a projeção numinosa de Deus. A par de considerar que, talvez fosse muita ousadia falar em uma afinidade, mesmo assim diz que a alma deve conter em si a faculdade da relação com Deus, representada por uma correspondência. Contrariamente, não seria possível estabelecer uma relação. É essa correspondência, em termos psicológicos, o arquétipo da imagem de Deus. Em outras palavras: a imagem arquetípica de Deus propicia à alma “ser o olho destinado a contemplar a luz”, eis que, “assim como o olho corresponde ao Sol, do mesmo modo a alma corresponde a Deus”. Exprimia Jung, em seus estudos, a certeza interior do parentesco da psique com Deus, baseado numa experiência arquetípica comprovada, em todas as épocas, pelas pessoas religiosas e criativas<sup>243</sup>.

---

<sup>241</sup> Cf. JUNG, C. G. *AION- Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*, pp. 37-38.

<sup>242</sup> *Ibidem*, p. 25

<sup>243</sup> Cf. JAFFÉ, A.O *Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, pp. 55-57

Alerta Jung que “o encontro do mistério da *psique* não pode se distinguir de uma experiência de Deus”, no entanto, essa experiência com Deus pela *psique* é arriscada. Ressalta serem necessárias coragem e força interior para tomar a sério as vozes e imagens que, por meio de um fundo inapreensível, penetram na consciência, desencadeando confrontos com os conteúdos numinosos do inconsciente, que deverão ser compreendidos e levados a sério o seu significado. Aponta ser que este o caminho e o desafio do homem moderno, eis que:

A aventura espiritual da nossa época é a entrega da consciência humana ao indefinido e indefinível. A aventura, essa ida ao inconsciente, no entanto, só tem êxito quando a entrega passiva se transforma numa atitude ativa. Só assim a consciência se delimita em relação ao inconsciente, amplia a sua esfera e a personalidade se desenvolve<sup>244</sup>.

Mesmo que a experiência do inconsciente numinoso seja de natureza coletiva, ela está relacionada à parte mais pessoal e íntima do ser humano. É pessoal e absoluta, não cabendo nenhum tipo de questionamento e não podendo ser levado em consideração o que o mundo pensa sobre a experiência vivenciada pelo indivíduo com Deus. Jung dizia que só aquele que a tem está de posse de um grande tesouro, visto ser algo que se torna a fonte da vida, do significado e da beleza, dando um novo esplendor ao mundo e à humanidade.<sup>245</sup> Inicialmente, Jung acreditava que a imagem de Deus era produzida pela energia psíquica, que usava os modelos arquetípicos, propiciando ao homem, por intermédio de uma força anímica, que nele agisse, conseguisse então reverenciar o divino. Com o passar do tempo, Jung concluiu que, sob o ponto de vista psicológico, a imagem de Deus é um fenômeno real, que tem um início subjetivo, onde cada pessoa traz dentro de si um Deus. Isso tem um grande significado, pois representa a garantia da felicidade, de poder e até mesmo de onipotência, já que se trata de atributos divinos. Trazer Deus em si mesmo pode ser compreendido, por alguns, quase como ser o próprio Deus.

Jung sempre enfatizou a importância, para a vida do indivíduo, do conhecimento do mundo interior e a existência de um *self* que é capaz de transcender a consciência ou o “grande homem”<sup>246</sup>. Não obstante, ele já percebia que isso havia se perdido, provocando um desamparo e um distanciamento frente a qualquer experiência psíquica. Tinha a crença de que

<sup>244</sup> JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, pp. 57-58

<sup>245</sup> Cf. *Ibidem*, p. 58.

<sup>246</sup> Grande homem- entendido como *self*, um “super-homem”, o que é um perigo, visto o poder sobre-humano que foi concedido ao homem. In: *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, p. 135.

o mundo objetivo, no qual tudo é mensurável, nos fascina e nos escraviza, fazendo com que o irracional, o que se volta para o interior, o transcendental, permaneça sem ser percebido, é negado. Com isso, a vida, não pode apontar para além de si mesma<sup>247</sup>. Acreditava que, a partir do momento em que deixamos de dar atenção aos murmúrios da alma, não nos tornarmos mais conscientes do conteúdo, do nosso inconsciente e seremos condenados, então, a viver sem eles. Seremos, como Jó (4; 12-13) que não conseguiu compreender que Deus procura nos corrigir de forma sutil, a fim de evitar o sofrimento humano<sup>248</sup>.

Aduz Jung que todos nós sabemos o que “Deus” é, sem sabê-Lo, pois estava consciente de suas ocasionais transgressões, o que explicava como,

Se deixarmos de fora a ideia da ‘divindade’ e só falarmos em conteúdos autônomos, manteremos uma posição intelectual e empiricamente correta, mas silenciaremos uma nota que, psicologicamente, não deve faltar. Mas usando o conceito de um ‘ser divino’, damos uma adequada expressão ao modo peculiar como experimentamos a atividade desses conteúdos autônomos<sup>249</sup>.

Ademais, justifica o uso do conceito de “Deus” como uma formulação de um agente autônomo, como segue:

A experiência que chamo ‘Deus’ é a experiência do meu próprio desejo, em confronto com outra vontade, com muita frequência bem mais forte, que cruza o meu caminho com resultados aparentemente desastrosos, pondo estranhas ideias na minha cabeça e manobrando o meu destino às vezes rumo a direções indesejáveis, ou dando-lhes inesperados giros favoráveis, independentemente do meu conhecimento e intenção. Conheço bem a força estranha, contrária ou a favor, das minhas tendências conscientes. Por isso digo: ‘Eu O conheço’.<sup>250</sup>

Jung reconhece que caracterizamos e definimos Deus, mas aponta para a nossa escolha como uma obra humana e, portanto, a definição que propomos é finita e imperfeita. Trata-se de uma imagem que não eleva a realidade desconhecida, indicada por essa imagem, à esfera da incompreensibilidade e, por isso, é ilícito dizer que criamos um deus. O “Senhor” que escolhemos não se identifica com a imagem que esboçamos no tempo e no espaço, posto que Ele continua a atuar, como antes, nas profundezas da alma, como uma grandeza

<sup>247</sup> JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, p. 86.

<sup>248</sup> Idem. *Libertando o Coração- Espiritualidade e Psicologia Junguiana*, p.50.

<sup>249</sup> Idem. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, p. 56.

<sup>250</sup> Ibidem.

irreconhecível. Na realidade, coloca Jung, “nem mesmo conhecemos a essência de um simples pensamento, quanto mais os últimos princípios do psíquico em geral”<sup>251</sup>.

Por conseguinte, no entendimento de Jung, não somos capazes de dispor absolutamente da vida íntima da alma por ela escapar do nosso arbítrio e das nossas intenções, sendo algo que se encontra livre diante de nós, podendo o ser vivente escolhido e caracterizado por nossa definição ultrapassar, mesmo contra a nossa vontade, os limites da imagem feita pelas mãos humanas. Tal colocação leva-nos a refletir sobre o que *Nietzsche* talvez tenha tentado expressar ao dizer: “Deus está morto”. Quiz ele talvez afirmar que “Deus” abandonou a imagem que os humanos haviam formado a seu respeito e, então, questiona-se aonde O encontraríamos novamente. O grande perigo está no interregno, à medida que os fatos naturais privilegiarão os seus direitos sob a forma de diversos “ismos”, dos quais nada resulta senão a anarquia e a destruição, conforme presenciamos na sociedade de hoje. Isto porque o resultado da inflação, a *hybris* humana escolheu o eu, em sua miserabilidade visível, para senhor do universo<sup>252</sup>.

Com certeza, este deus criado pelo humano não é o mesmo Deus a que Jung se reporta. Ao falar em Deus, enquanto um “complexo de representações”, fala de uma imagem que acredita existir em cada pessoa humana, não em nível de consciência, mas em seu inconsciente, onde esta imagem não é passível de nenhuma crítica e de nenhuma modificação arbitrária<sup>253</sup>. Esta imagem está inserida na pessoa humana por fazer parte do conjunto de arquétipos que trás consigo ao nascer. Cada pessoa, porém, construirá a sua imagem arquetípica de Deus, apesar de ser uma imagem universal.

Em consonância com o que analisamos, neste capítulo, constatamos que o entendimento de Jung em relação às figuras paternas não fica limitado aos pais reais. Sua compreensão é mais ampla, pois nos fala dos pais transcendentais que trazemos como herança nos arquétipos ao nascer. Traça uma analogia entre alma e a imagem Deus e aponta-nos para a importância de escutarmos os sussurros da “alma”, como forma de conseguiremos atingir o equilíbrio.

---

<sup>251</sup> JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C.G. Jung*, p. 92.

<sup>252</sup> Cf. JUNG, C. G. *Psicologia e Religião*, pp. 92-93.

<sup>253</sup> Cf. Idem. *Cartas*, v.II, p.14.



À medida que somos sabedores do entendimento de Jung, em relação à paternidade, e que já conhecemos a proposta de Torres Queiruga de apresentar uma nova imagem de Deus, desconstruindo a imagem distorcida que ainda existe no inconsciente coletivo, no terceiro capítulo, procuraremos estabelecer o diálogo entre o teólogo Torres Queiruga e o psicanalista Jung, tema proposto por esta pesquisa.

### 3 ANÁLISE SOBRE O CONCEITO DE DEUS

Neste capítulo, busca-se estabelecer um diálogo entre o conceito de Deus apresentado por Torres Queiruga, em suas obras, e o entendimento do sentido de paternidade, na visão de Jung. Para tanto, serão utilizados os resultados da pesquisa qualitativa realizada com grupo de católicos, em uma Igreja central da cidade de Porto Alegre/RS. Como já explicado, na parte introdutória, o método utilizado para esta pesquisa foi o descritivo explicativo que possibilita ao entrevistado mostrar o seu ponto de vista, de forma minuciosa, expondo com profundidade o seu conhecimento. A escolha de entrevistas semi-estruturadas, como instrumento de pesquisa, deu-se por ela permitir que o entrevistado expresse suas ideias de forma livre, mas sem desviar do foco.

Queiruga propõe, em suas obras, um novo olhar hermenêutico para a imagem de Deus, visto as configurações culturais, sociais, tecnológicas, políticas, econômicas e religiosas estarem passando por um processo de evolução rápido e dinâmico e, como consequência, tem o rompimento de alguns conceitos que até então eram compreendidos como verdade absoluta. O teólogo percebe que, na teologia, também se faz necessária uma mudança, pois o homem moderno não aceita mais, de forma passiva, a ideia de que Deus pudesse ver com bons olhos a servidão medieval. Para desconstruir esta imagem que ainda está presente no inconsciente coletivo, valeu-se o autor da teoria da lingüística, utilizando-se do significante<sup>254</sup> e do significado<sup>255</sup>, buscando uma compreensão hermenêutica atualizada dos fatos históricos encontrados nos textos sagrados. Assim, Queiruga, conduz o leitor a ter uma compreensão atual sobre alguns textos, de modo a construir uma nova percepção da imagem de Deus.

Como o propósito da pesquisa é estabelecer um diálogo entre o teólogo Torres Queiruga e o psicanalista Jung, procuramos estudar a percepção e o entendimento de Jung em relação à figura paterna. É importante destacar que a “figura paterna” foi estudada no seu sentido mais amplo, ou seja, não nos limitamos ao pai humano, mas também, ao Pai em referência. Jung sustenta que trazemos, em nossos arquétipos, todas as informações que são consideradas universais (Deus, pai, mãe, etc.), no entanto, só conseguiremos transformá-las

---

<sup>254</sup> Significante – mediador do material do significado. É imotivado, ou seja, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*, p. 83.

<sup>255</sup> Significado – é a representação psíquica da “coisa”. *Ibidem*, p. 82.

em imagens arquetípicas, a partir do momento em que a consciência começa a ser formada. Esse processo ocorre à medida que o ego vai se desenvolvendo.

Na pesquisa de campo, procurou-se investigar e qualificar o conceito que os católicos têm de Deus, a fim de verificar se tem o mesmo significado da expressão evangélica, do *Abbá* de Jesus. Para tanto, foi realizada vinte e uma entrevistas, não completando o número proposto inicialmente de trinta e três entrevistas, em virtude de ter sido verificado que não se renovavam as percepções. Na pesquisa qualitativa, é permitido ao pesquisador, no momento em que se dá conta de que não aparecerão novas surpresas ou percepções, suspender as entrevistas, ficando entendido que o mesmo atingiu o ponto de saturação<sup>256</sup>.

Com os resultados obtidos nas entrevistas, temos elementos que nos permitem responder ao problema proposto na pesquisa. E, para isso, após fazermos a análise de conteúdo de cada entrevista, utilizando o método de Bardin, foram codificados os resultados da pesquisa em seis categorias. Para ilustrar o diálogo, far-se-á uso de algumas falas, consoante veremos no corpo desse capítulo, encontrando-se o restante das respostas, nos anexos.

### 3.1 O PAI RIGOROSO

#### ***“Deus é um Pai rigoroso, mas um Pai”.***

Nesta fala, evidencia-se a preocupação de Torres Queiruga, pois o Pai aparece com uma imagem distorcida, como encontramos, muitas vezes, ao ler de forma acrítica os textos do Antigo Testamento. Por outro lado, tomando por base também as outras respostas concedidas no decorrer da entrevista, podemos compreender que a pessoa faz uma associação direta de Deus com o pai biológico, que não se mostra como o pai que o filho tem idealizado em seu inconsciente, mas se porta como o pai real que adverte o filho, quando necessário.

A expressão *Hb* *’áv* designava pai no Antigo Testamento, sendo usada com bastante frequência também para se referir a uma relação mais ampla entre gerações, em que a figura do pai fica subentendida por ele aparecer como o ancestral de uma tribo, consoante está em

---

<sup>256</sup> Cf. BAUER, M. W. e GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*, p. 71.

*Gn* 10,21; 17,4; 19,37<sup>257</sup>. O motivo de a palavra Pai aparecer de forma metafórica pode ser facilmente explicado. A tendência de Israel era libertar-se de certo tipo de religiosidade de caráter tribal, e, também, desejava diferenciar-se das outras religiões orientais que viam o seu deus como pai, embora, em sentido superlativo, em relação à figura humana da paternidade<sup>258</sup>. As genealogias, de denominação patrilinear, mostram a união das tribos no espaço (*Gn* 1-12; *Cr* 1-9) interpretando o desígnio de Deus ligado às pessoas e aos lugares. O “Deus do pai”, que aparece em *Gn* 26, 24 no sentido de ancestral<sup>259</sup>, tende a se tornar o “Deus dos pais” (*Ex* 36, 13), sendo que encontraremos em Deuteronômio (1,11; 21; 6,3) o uso desta fórmula, para dar continuidade às gerações<sup>260</sup>.

No Antigo Testamento, fala-se muito do Deus dos pais (*Ex* 3,13); o Deus de Abraão, Isaac, Jacó e de um povo, Israel, que não é filho natural, mas de “eleição” e de “vocação”, justamente porque Deus é Pai (*Ex* 4,22; *Os* 11,1; *Jr* 31,9). A paternidade de Deus, em relação a Israel, é motivada pelas intervenções salvíficas em seu favor. A ideia de paternidade de Deus está ligada à Aliança, à criação e as promessas do futuro. Entretanto, a melhor compreensão de Deus como Pai encontra-se no Novo Testamento, onde o termo Pai designa explicitamente o próprio Deus. Jesus é o revelador do Pai e, portanto, a paternidade de Deus só pode ser compreendida por meio de Jesus<sup>261</sup>.

No Novo Testamento, teremos a palavra grega *theos* que significa sempre o Pai, sendo que, a consciência de filho é própria a Jesus antes da Páscoa. Jesus, quando se dirigia ao Pai, sempre utilizava a expressão *Abbá*, que procede do aramaico e demonstra uma intimidade familiar. Apesar de Jesus sempre se reportar a Deus como seu Pai, somente após a sua morte e a sua ressurreição é que Jesus é confessado Filho de Deus. O Pai revela-se em Jesus, por meio de sua solidariedade com os pecadores, desde seu batismo.

Todo o trabalho de definição e esclarecimento das relações de paternidade e filiação tem a tendência de mostrar que Deus é Pai, desde a eternidade, e que a geração do Verbo não deve ser entendida em sentido subordinacionista, por significar a transmissão de sua própria substância. Dizer que Deus é Pai significa declarar sua transcendência absoluta e, por meio de

<sup>257</sup> Cf. LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1314.

<sup>258</sup> Cf. NETTO, J. P., MACHADO, A.A., PACOMIO, L. MANCUSO, V. *Dicionário Teológico Enciclopédico*, p. 555.

<sup>259</sup> Cf. *Gn* 28,13; 31,5; 32,10.

<sup>260</sup> Cf. LACOSTE, J-Y. *Op. cit.*, p.1314.

<sup>261</sup> Cf. NETTO, J. P., MACHADO, A. A., PACOMIO, L., MANCUSO, V. *Op. cit.*, p.555.

Jesus Cristo, realiza o seu envolvimento na vida da humanidade. Deus é Pai de todas as pessoas e tem como desejo que seus filhos encontrem no mundo, solidariedade, justiça e fraternidade<sup>262</sup>. Diante disso, como é possível perceber Deus como um Pai rigoroso?

O adjetivo rigoroso significa exato, preciso, severo, intransigente, rígido, duro, inflexível<sup>263</sup>, ou seja, o oposto de Deus. No entanto, para Torres Queiruga, isso decorre do fundamentalismo ou do positivismo bíblico, isto é, do fato de as pessoas lerem e interpretarem literalmente as palavras que se encontram nos textos sagrados como se fossem um “ditado” literal divino<sup>264</sup>. Jung concorda, dizendo que fora traçada uma imagem contraditória de Deus, na qual aparece um Deus excessivo em suas emoções, que sofria por causa desses excessos; um Deus que reconhecia a cólera e o ciúme que o corroíam, o que lhe era doloroso. Jung refere ainda que esta percepção existia ao lado da falta de percepção, onde a bondade aparece ao lado da crueldade e a força criadora ao lado da vontade destruidora<sup>265</sup>.

Por tais razões, é que Torres Queiruga aponta para a necessidade de se ter um novo olhar hermenêutico sobre os textos bíblicos, não sendo mais concebível no mundo atual acreditar num Deus que pune, castiga e que está lá longe no tempo – *in illo tempore* – que fala apenas para um povo. Isto é inaceitável pelo próprio Deus, assevera Torres Queiruga, porquanto Ele se revela a todos sem nenhuma discriminação. Esse entendimento distorcido dos textos sagrados está inserido no inconsciente coletivo, diz Jung, levando o humano a criar uma imagem irreal de Deus<sup>266</sup>. Assim, os sistemas coletivos atuam de forma destrutiva<sup>267</sup>. Jung sustenta que o humano só conseguirá construir uma nova imagem de Deus a partir do momento em que alcançar o processo de individuação acrescido de sua experiência pessoal com Ele. Esta não se limitará tão somente à vida pessoal, mas terá uma função na vida coletiva, ou seja, a de se colocar contra a torrente ameaçadora que existe no inconsciente coletivo<sup>268</sup>.

Deus, como pai e mãe de todos, só pode querer o bem e a igualdade para todos assevera Torres Queiruga, na medida em que as desigualdades o ferem em seu amor e negam

<sup>262</sup> Cf. NETTO, J. P., MACHADO, A. A., PACOMIO, L. MANCUSO, V. *Dicionário Teológico Enciclopédico*, pp. 556-557.

<sup>263</sup> FERREIRA, A. B. H. *Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 431.

<sup>264</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 21-25

<sup>265</sup> Cf. JUNG, C. G. *Resposta a Jó*, p. 7.

<sup>266</sup> Cf. Idem. *A Natureza da Psique*, p. 69.

<sup>267</sup> Cf. Idem. *Cartas*, v. II, p. 78

<sup>268</sup> Cf. JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, p.135.

a sua paternidade real, pois qualquer crescimento humano à custa de outro humano vai contra sua intenção e se contrapõe ao núcleo de sua obra no mundo<sup>269</sup>. Para Jung, Deus não faz outra coisa senão salvar a humanidade de si própria. Todavia, sua bondade, seu amor e a sua justiça não podem ser reconhecidas como um simples ato de propiciação, mas sim, como uma experiência autêntica<sup>270</sup>.

O teólogo refere o horror que Deus sente pelo estado em que se encontra o mundo atual. Ele, como Pai que tudo criou exclusivamente por amor, sem nada pedir em troca em benefício de seus filhos, vê que o humano por sua ganância acaba abusando e agredindo o próprio irmão e, por consequência, a Ele também. Destruindo o plano que criou<sup>271</sup>, perde-se o princípio moral, supremo e absoluto, na visão de Jung<sup>272</sup>. O pior de tudo isso, como salienta Torres Queiruga, é quando colocam Deus como responsável frente às injustiças sociais que acontecem a todo o momento no mundo, dizendo que se trata de um castigo de Deus ou que se cumpre à vontade Dele. Para Jung, o humano projeta para Deus a responsabilidade dos atos provocados por um ego enaltecido, devido a uma percepção inconsciente. E explica que a projeção é um processo natural, pois tudo que é inconsciente é projetado. Lembra que a projeção pode levar a pessoa a uma autocompreensão. Ressalva que reconhecer e retirar as projeções são obra divina, pois, assim fazendo, o humano está construindo sua consciência e descobrindo quem realmente é<sup>273</sup>.

Deus mostra-se a todos da mesma forma, com seu amor compassivo e salvador, não deixando espaço para dúvidas de que é Pai/Mãe de todos, que veio para todos e a todos quer salvar, tendo como mandamento supremo o amor e a ajuda ao necessitado, afirma Queiruga. Refere o autor, ainda, que Deus, que é único para todos, aos poucos chega para conscientizar o humano e que sua relação é unicamente de ajuda e salvação. Acaba revelando-se como Pai/Mãe de amor incondicional<sup>274</sup>. Como todo paternal é iniciação, orientação, acompanhamento e educação, alerta Jung, “Ele não explode qual bomba ou fogos de artifício, mas toma pela mão aquele que não sabe ou que não tem vontade e o conduz, por assim dizer, por caminhos seguros através da escuridão inóspita”<sup>275</sup>.

<sup>269</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 282.

<sup>270</sup> Cf. JUNG, C.G. *Resposta a Jó*, pp. 61-62.

<sup>271</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Op cit*, p. 284.

<sup>272</sup> Cf. JUNG, C.G. *Civilização em Transição*, p. 26.

<sup>273</sup> Cf. JAFFE, L. W. *Libertando o Coração: Espiritualidade e Psicologia Junguiana*, p. 54.

<sup>274</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Op cit.*, pp.282-283.

<sup>275</sup> JUNG, C. G. *Cartas*. v I, p. 109.

Deus mostra-se como Pai, desde a criação, e até mesmo nos textos do Antigo Testamento encontra-se o amor Dele. Ele jamais trata seus filhos com rigor, pelo contrário, está ao lado de todos, acolhendo-os nos momentos difíceis, fazendo-se presente até mesmo na vida daqueles que não o reconhecem.

### 3.2 O PAI LEGISLADOR

***“Deus é Pai e, como todo pai, procura nos mostrar o caminho que temos que seguir nos dando as regras”.***

Deus é percebido como aquele Pai que procura direcionar seus filhos, orientando-os para que sigam o melhor caminho, colocando-lhe regras. Entretanto, sabe-se que Ele dá total liberdade a todos, não impondo Sua presença, permitindo que cada um faça suas escolhas. Sem abandonar seus filhos, mesmo sabendo que o caminho escolhido não está de acordo com a sua vontade, Ele se faz presente. Novamente aqui verificamos a associação que as pessoas fazem entre Deus e o pai biológico, embasando a paternidade de Deus no modelo humano, por não conseguirem perceber que ao falarmos Nele como Pai, estamos nos referindo a um Pai transcendental.

Avaliamos que, desde o Antigo Testamento, o pai e a mãe desempenham o papel de transmitir o ensinamento de sabedoria (*Pr* 1,8; 6,20), assim como a narrativa de Israel quanto aos mandamentos (*Sl* 44, 2; *Sl* 78, 3-8; *Ex* 12, 26s; 13 14s; *Dt* 6, 20-25) e a lei já prescrevia os deveres acerca deles (*Ex* 20,12; 21, 15-17; *Dt* 5,16; *Lv* 19,3)<sup>276</sup>. Queiruga reforça o que encontramos no Antigo Testamento, afirmando que o pai é quem dá as normas, serve de modelo e abre possibilidades. Jung complementa dizendo que o pai representa a lei, o modelo e a promessa. Nesse particular, Queiruga refere que a figura do pai está relacionada à trama mais íntima do humano como ator e realizador da própria vida<sup>277</sup>; o psicanalista assevera que o pai é autor e autoridade e, por consequência, é lei e Estado<sup>278</sup>.

<sup>276</sup> Cf. LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1314.

<sup>277</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai Pai: o Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, p. 92.

<sup>278</sup> Cf. JUNG, C. G. *Civilização em Transição*, p.38.

Deus, como Pai, não submete seus filhos a nenhuma prova e não causa nenhuma dificuldade, ao contrário, sustenta Torres Queiruga<sup>279</sup>. Ele está sempre apoiando e, por isso, no entendimento de Jung, a expressão pai não pode ser limitada apenas ao homem que gerou o filho. Torna-se necessário que a palavra pai possa ser compreendida no seu sentido mais amplo, onde desempenha o papel de protetor e de guia, tanto no sentido metafórico, como no sentido espiritual, assim como no significado da imagem que assume em nível mítico e simbólico<sup>280</sup>. Isso vem elucidar o motivo pelo qual Queiruga enfatiza a importância de se elaborar a compreensão do significante dos conteúdos encontrados nos textos do Antigo Testamento, sem causar nenhum prejuízo à imagem de Deus que é amor ágape<sup>281</sup>.

O teólogo mostra que, ao mesmo tempo em que o pai tem o papel de gerador, ele acolhe e recolhe no calor vivo e pessoal a riqueza genuína do símbolo da criação<sup>282</sup>. Nesse sentido, Jung diz que o paternal sente-se responsável pela compreensão, por abrir os caminhos do entendimento e tem o cuidado de prevenir as consequências nefastas do mal-entendido<sup>283</sup>. Percebemos, então, que o símbolo da geração é representado pelo paterno, ao passo que o símbolo criador, por ser um fundo fecundo, está associado imediatamente ao materno, lembrando o ventre e o útero materno.

Na perspectiva de Queiruga, encontramos, até mesmo nas famílias mais simples, a presença do amor na relação que os pais estabelecem com os filhos. Ressalta que nenhum pai ou mãe que goze de boa saúde mental irá negar seu amor para os filhos<sup>284</sup>. Assim como o pai desempenha a função de protegê-los, Jung destaca que a mãe é a representação viva do amor maternal, é a vivência e o segredo de cada indivíduo<sup>285</sup>. E, por isso, para Queiruga, é difícil imaginar e aceitar na relação do humano a negligência dos pais para com os filhos. Quanto mais na relação de Deus com seus filhos, pois os criou única e exclusivamente por amor<sup>286</sup>. Embora seja penoso aceitar a ideia de negligência dos pais para com os filhos, nos tempos modernos, essa é uma realidade muito freqüente, o que pode ser comprovado pelos dados estatísticos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério Público (MP). Este fato está atrelado à perda do referencial de família que se tornou uma realidade, nos tempos atuais,

<sup>279</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 96.

<sup>280</sup> Cf. PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, p. 362.

<sup>281</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. op. cit., p.98.

<sup>282</sup> Cf. Idem. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, pp. 92-95.

<sup>283</sup> Cf. JUNG, C. G. *Cartas*, v. I, p. 109.

<sup>284</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus.*, p. 32.

<sup>285</sup> Cf. JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, p. 101.

<sup>286</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p.32.



na vida do humano. Perdeu-se o olhar para o irmão, os valores éticos e morais estão sendo esquecidos e, por conseguinte, não existe tempo e espaço para Deus. Até porque Deus, às vezes, é percebido como rival do humano, quando não é substituído pelo deus que o humano criou.

Sem sombra de dúvida, consoante magistério de Torres Queiruga, Deus, em sua profundidade mais abissal e em sua interioridade mais entranhável, é um Deus Paternal. E como Deus é amor, tudo o que sai de suas mãos também é amor e é neste amor que as relações entre os humanos devem ser firmadas, pois este é o Seu desejo. O humano só pode esperar tudo de Deus sem ter o direito de nada temer, pois deve ter consciência que O chama de Pai, por saber o que significa pai e, também, por ter um referencial de pai. No entanto, é importante que o humano esteja consciente de que a paternidade de Deus é completamente distinta de qualquer pai humano<sup>287</sup>. Na ótica de Jung, o pai é uma figura estruturante para o desenvolvimento do filho. Ele coloca que o espírito dos pais é o mais importante na infância do humano, visto exercer um domínio sobre ele e por não existir nada em nossa sociedade secularizada que possa substituir os pais santificados – idealizados - que temos na infância<sup>288</sup>. São estes pais quem facilitam a passagem do filho do mundo familiar para o mundo da sociedade. Trata-se de momento considerado importante no desenvolvimento do humano, já que é por meio dessa passagem que ele consegue romper com a figura idealizada do pai primordial e reconhecer o pai real. Aquele que é finito e frágil diferencia-se do Pai transcendental que acolhe a todos com o seu amor incondicional.

Não é possível ter para Deus o mesmo olhar que se tem para o pai biológico. Os motivos para isso são simples, pois, como vimos no segundo capítulo, o psicanalista assevera que querer conceituar Deus, representá-Lo e compreende-Lo é algo muito difícil para o humano. Deus está além da sua capacidade intelectual. O pai tem a função de orientar e, muitas vezes, até mesmo de dizer o que o filho deve fazer. Todavia, Deus como Pai, jamais determina o que seus filhos devem fazer. Ele orienta a todos e mostra o caminho a ser seguido, deixando-os livres para que sigam o caminho que cada um considerar melhor, colocando-Se sempre junto a seus filhos para sustentá-los caso fracassem.

---

<sup>287</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: O Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, pp. 96-104.

<sup>288</sup> Cf. JAFFE, L.W. *Libertando o Coração: Espiritualidade e Psicologia Junguiana*, p. 47.

### 3.3 O PAI COMO JUIZ

***“Deus, como Pai, está sempre julgando nossos pecados. Quando acha que ultrapassamos o limite nos põe de castigo, mandando o mal para que possamos refletir sobre nossas atitudes”.***

Essa fala leva-nos a pensar que estamos frente a um Deus que fica observando seus filhos de longe, esperando que eles errem para puní-los, mensurando seus erros, a fim de saber qual a melhor pena a ser aplicada. Deus não está longe; Ele está muito próximo de todos. Ele é amor pleno e, por isso, até quando julga o faz também com amor, colocando-se sempre à disposição do humano. O pecado, o castigo e o mal são criações do homem e não de Deus. Deus é solidário com o homem, Ele é anti-mal. Percebe-se que a imagem de Deus que está construída e se faz presente no inconsciente das pessoas é uma imagem distorcida, presa a uma tradição cultural. Serve para corroborar a proposta de Torres Queiruga, de ter um novo olhar hermenêutico para os textos do Antigo Testamento, permitindo a construção de uma nova imagem de Deus capaz de sensibilizar o homem atual.

A palavra pecar origina-se do hebraico *hâtâ* que significa “não cumprir os mandamentos de Deus” ou “em não honrá-lo por suas ações”. No diz o Antigo Testamento que o pecado pode ser cometido de forma voluntária ou involuntariamente, mas independente da forma como o pecado foi cometido deverá haver um sacrifício de reparação. Na realidade, o que conta é o caráter objetivo da ação ou omissão, e, por isso, não existe um interesse na motivação, entretanto o sentimento de culpa (*‘ashâm*) não ocorre por questões psicológicas, mas se dá em função do que aconteceu<sup>289</sup>.

A expressão *‘ashém* deve ser traduzida por “obrigado a oferecer reparação a Deus por sacrifício e não por ser ‘culpado””. Mesmo assim os textos insistem cada vez mais no caráter individual da responsabilidade incorrida pelo pecador, visto o pecado não ser algo hereditário, e, portanto, somente aquele que cometeu o pecado é que deverá ser punido<sup>290</sup>.

---

<sup>289</sup> Cf. LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1336.

<sup>290</sup> Cf. *Ibidem*, p. 1367.

No Novo Testamento, é em Paulo que se encontra o sentimento de impotência frente ao pecado e a implicação de todos os homens nesse pecado. Na epístola aos Romanos, o pecado é quase uma força personificada. O pecado, para Paulo, não é algo premeditado ou uma má apreciação das coisas, mas algo que se torna impotente tanto em relação à vontade quanto ao julgamento. Se o pecado leva a morte, não é porque um Deus hostil e injusto nos puniu, responsabilizando-nos por atos que não escolhemos cometer, mas por nossa falta de capacidade de viver em Deus<sup>291</sup>.

O humano peca ao duvidar do amor de Deus e de sua grandeza, acreditando na possibilidade Dele submetê-lo à prova, causando-lhe dificuldades ou tendo exigências arbitrarias, afirmando sua soberania à custa de sua felicidade, de acordo com Torres Queiruga<sup>292</sup>. E mostra que muitas interpretações da morte de Jesus estão associadas a uma leitura errônea do símbolo de Isaac, onde Deus é percebido como um “deus *tremendus*”, em que a sua grandeza decorre da submissão do humano, podendo tudo isso ser sintetizado na expressão do “Terror de Isaac e não do Abbá de Jesus”<sup>293</sup>. No magistério de Jung, se o humano sucumbe, é por não seguir à vontade de Deus, tomando decisões das quais se arrepende depois, ou seja, pecando. E complementa dizendo que “seguir à vontade de Deus é uma decisão que cabe ao humano escolher e se a segue não pecará e nem sucumbirá, visto que a vontade de Deus existe em função do humano, eis que perderia sua razão de ser sem a sua presença”<sup>294</sup>.

O mal não faz parte da vontade de Deus, é uma situação que a pessoa experimenta como contrária a uma positividade concreta - o bem - que se mostra ausente, quando deveria existir<sup>295</sup>, não podendo residir naquilo que é, nem no que transcende o ser. Ele só está presente nas realidades materiais, porque elas se acham mescladas de não-ser. Se o mundo é obra de um Deus bom e onipotente não é possível atribuir o mal a Ele. Podemos ver isso em Orígenes: “não suponhas que Deus é a causa da existência do mal, nem imagine que o mal tenha uma subsistência (*hypostasis*) própria. A perversidade não subsiste como se fosse algo vivo; nunca se terá diante dos olhos sua substância (*ousia*) como existente verdadeiramente”<sup>296</sup>. Na Bíblia,

<sup>291</sup> Cf. LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1367.

<sup>292</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *O Cristianismo no Mundo de Hoje*, p.18.

<sup>293</sup> Cf. Idem. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 96.

<sup>294</sup> JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C G. Jung*, p.145.

<sup>295</sup> Cf. NETTO, J. P., MACHADO, A. A., PACOMIO, L., MANCUSO, V. *Dicionário Teológico Enciclopédico*, p. 459.

<sup>296</sup> Cf. LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1076.

encontraremos um caminho alternativo para o mal; ela exclui *a priori* que o mal possa ter origem em Deus - que é o Deus do amor e do bem. Ele criou o mundo e a pessoa humana sem o mal. A razão de ser deste último está na condição criada e não do criador. O humano é que faz uso de modo profundamente errado de sua condição de criatura livre. A etiologia de Gn 2-3 afirma que a fonte de todo o mal humano e da própria tendência de fazer o mal está no pecado da pessoa. A partir de então, o mal teria se difundido em todos os seres, tornando-os destrutíveis e presos mortais do pecado (*Rm* 5,12) suscitando a situação universal e objetiva do mal<sup>297</sup>.

Na visão de Queiruga, há necessidade de se fazer urgentemente uma espécie de rastreamento do “imaginário cristão”, tornando conscientes as suposições, evidências, medos, e, até mesmo, ressentimentos que existem no inconsciente coletivo. Complementa, relatando que a linguagem espontânea evidencia isto, inequivocamente, em forma de questionamento: por que Deus permite o mal? Por que Deus me manda isto? Não será isto um castigo de Deus? Por que Deus consente tanta maldade no mundo? De outra forma, na forma afirmativa ouvimos: Se Deus te manda esta enfermidade será para o teu bem; Deus levou teu ente querido para que ele não sofresse; Deus escreve direito por linhas tortas; isto que te aconteceu é um castigo de Deus e por aí vai<sup>298</sup>. São essas informações, conforme Jung, que se encontram presas no inconsciente coletivo e que acabam por prejudicar a relação do humano, com Deus- Pai. No entanto, coloca que o humano precisa viver sua experiência com Deus, de forma individual, para poder mudar os conceitos que estão inseridos em seus arquétipos, fazendo parte do inconsciente coletivo. Para isso, antes precisa realizar o processo de individuação, onde o ego consegue se separar do si-mesmo (*self*). Este processo, conforme Jung exige uma confrontação implacavelmente honesta com os conteúdos do inconsciente<sup>299</sup>.

Queiruga reconhece que é fácil perder o controle de nossa consciência em relação à bondade de Deus. Para ele, a imagem de Deus como potência está nos extratos mais primitivos da consciência religiosa, concordando com Jung. Complementa o teólogo, ao dizer que a reação primária, quase instintiva, das camadas profundas de nossa sensibilidade prefere negar - ou deixar na sombra - a bondade de Deus, colocando em questão a sua onipotência,

---

<sup>297</sup> Cf. NETTO, J. P., MACHADO, A. A., PACOMIO, L., MANCUSO, V. Op. cit., p. 459.

<sup>298</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: O Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, p. 119.

<sup>299</sup> Cf. JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, pp. 78-82.

por dar menos medo<sup>300</sup>. Isso ocorrerá, porque a imagem que o humano tem do mundo não corresponde aos fatos reais, mas confronta com a imagem subjetiva e interna que cada indivíduo carrega em seu inconsciente pessoal.

Nas palavras de Jung, ao falarmos de bem e de mal para o humano, estamos falando de algo concreto, cuja qualidade mais profunda ele não conhece realmente, por depender do critério subjetivo de algo a ser vivenciado como mau ou culposos, bem como a magnitude e gravidade da culpa<sup>301</sup>. Queiruga, em complementação ao pensamento de Jung, explica que as pessoas ainda vivem um grande equívoco, ao acreditarem que Deus poderia, se quisesse, evitar o mal no mundo. Com isso, criam a imagem de um deus que “manda” ou “permite” tanto horror apesar de ser apresentado como amor. É esta imagem que precisa ser desfeita por não ser verdadeira. Torres Queiruga sustenta a possibilidade de se mostrar que esse pressuposto é falso, porque Deus se manifesta justamente como o anti-mal. Ele está longe de mandar e permiti o mal, por estar sempre ao lado do humano, acompanhando sua luta e assegurando a esperança definitiva<sup>302</sup>.

Não cabe ao humano projetar a culpa de seus erros para Deus, pois a escolha é feita por ele. Não obstante, poderá optar por seguir o plano que Ele criou, vivendo o amor Dele, acolhendo a Sua palavra e aceitando a Sua presença e a Sua misericórdia. Outra opção é a de seguir os princípios que criou para si, privilegiando as coisas que o afastam de Deus. Deus, pelo Seu amor, respeita a escolha de cada um de seus filhos. Com Sua misericórdia, os perdoa, não os abandona, estando sempre junto a eles com a esperança de que um dia consigam desvendar os olhos e enxergarem o Seu rosto. Deus como Pai criou tudo por amor, e, só quer o bem de todos. Nesse sentido, Queiruga pontua: “é importante lutarmos contra o mal, pois temos a certeza de que Deus está sempre ao nosso lado, limitando-o e superando-o dentro dos limites possíveis da história e assegurando-nos o triunfo definitivo, quando se romperão esses limites pela morte”<sup>303</sup>.

Deus olha constantemente para seus filhos, não com a intenção de julgá-los, mas sim para ajudá-los. Tudo o que faz é por amor a eles, mostrando-Se sempre como um “Grande

---

<sup>300</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, p. 120.

<sup>301</sup> Cf. JUNG, C. G. *Civilização em Transição*, pp. 182-183.

<sup>302</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A Esperança Apesar do Mal: a Ressurreição como Horizonte*, pp. 44-45.

<sup>303</sup> Cf. Idem, A. *Um Deus para Hoje*, p. 21.

companheiro que sofre junto com Seus filhos e os compreende<sup>304</sup>. Não existe em Deus espaço para ira, rancor, mágoas, vinganças e muito menos para castigar o filho que O macula ao pecar.

### 3.4. O PAI MISERICORDIOSO

***“Deus é compaixão, criação, bondade e tolerância. Só Ele para agüentar as nossas falhas e continuar com a gente”.***

Essa fala permite que tenhamos uma compreensão teológica correta, mas devemos lembrar que não podemos limitar Deus apenas a estes atributos que Lhe foram dados. Falar nos atributos divinos é algo difícil para o humano, por se tratar de uma grandeza infinita. Essa grandiosidade infinita que envolve Deus com o seu amor incondicional é que O leva a não se afastar de seus filhos, mesmo quando, estes optam por não seguir o plano que criou para eles.

A palavra compaixão vem do latim *cum pati* e pode ser descrito como um sofrimento comum, assim como uma compreensão do estado emocional de outrem<sup>305</sup>. O Antigo Testamento fala-nos da “compaixão” de Deus, em várias passagens. Deus, ao libertar Israel do Egito, dá prova de sua compaixão para com o seu povo por meio do seu traço salvífico e libertador, demonstrando sua preocupação com os oprimidos, o que veio a constituir-se em definição absoluta de sua essência, no decorrer dos fatos. Isto sustenta a “reflexão mais autêntica e a piedade mais genuína do Antigo Testamento”<sup>306</sup>.

O Novo Testamento, por sua vez, refere-se à palavra compaixão, valendo-se dos termos derivados da raiz *ellein* que, traduzido do hebraico para o grego, tem como significado “ter piedade”, enquanto, o termo *oikteirein* significa “ter compaixão”, assim, como a expressão *splankhna* que tem como tradução “entranhas, mas sobretudo, compaixão”<sup>307</sup>. Ao falarmos de compaixão, encontraremos também o termo *oiktirmós* que significa a misericórdia que se torna “compaixão”, bem como, a expressão *splánchma oiktirmouí* que tem como tradução “revestir-se de entranhas de compaixão” (Cl 3,12) que deriva da expressão

<sup>304</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Um Deus Para Hoje*, p.22.

<sup>305</sup> Cf. CRETILLA, J. e CINTRA, G. U. *Dicionário Latino-Portugues*, p.237.

<sup>306</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p.270.

<sup>307</sup> Cf. LACOSTE, J – Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1151.

*splánchna kai oiktirmói*, cuja tradução significa “sentimento de amor e compaixão” (*Fl* 2,1). A raiz de muitas dessas expressões tem sua origem no grego e deriva da raiz *éleos*<sup>308</sup>.

Deus, com sua misericórdia, entra na história única e exclusivamente, a fim de ajudar o humano a conseguir suportar, superar e integrar as dificuldades presentes na vida de todo ser finito, no dizer de Torres Queiruga<sup>309</sup>. Misericórdia é uma palavra densa em significados, tendo a característica própria que não lhe permite ser confundida com outros vocábulos similares, por nos reportar a uma das expressões mais elevadas da revelação cristã<sup>310</sup>. Deriva diretamente do latim e, na sua etimologia, emana do homem *misericos*, aquele cujo coração reage frente à miséria do outro, demonstrando-nos os aspectos da sensibilidade humana. Todavia, em função do seu antropomorfismo na versão latina da Bíblia, ficou decidido que seria transferido a Deus este atributo da misericórdia<sup>311</sup>.

Em sua raiz hebraica, *rhm*, a palavra misericórdia pode ser tanto um verbo – *piel* – cujo significado é “ter compaixão, compadecer-se, comiserar-se, ser compassivo”, ou um substantivo que tem como significado: “útero, ventre materno, mãe”<sup>312</sup>. Nos textos veterotestamentário, que não repousam num original hebraico, a palavra misericórdia está atrelada a três raízes hebraicas: *râham*, *hânan* e *hâsad*. *Râham*, na maioria das vezes, é a mais utilizada, pois o substantivo plural que dela deriva - *rahamîm* - que em sua tradução significa “compaixão”, tem como singular a palavra *rèhhèm*, que expressa, “o útero da mulher”. Com isso, o atributo bíblico da misericórdia apresenta o agente divino, sob um aspecto maternal. Em decorrência, o binômio “justiça/misericórdia”, que se faz presente em todas as seções da Bíblia hebraica, pode ser compreendido como uma completude simbólica da figura divina, integrando traços paternos e maternos. Ao atributo da justiça cabe não só as noções de severidade e exigência, mas também de transcendência e santidade divina, enquanto o de misericórdia nos reporta a uma compaixão fundamental, à benevolência compreensiva de um Deus que “sabe de que massa fomos feitos” (cf. *Sl* 103,14) e que, mesmo assim, está sempre prestes à clemência e ao perdão<sup>313</sup>.

<sup>308</sup> Cf. CANSIAN, D. In VIRGILI, R. *et al. Misericórdia Face de Deus e da Nova Humanidade*, p. 41.

<sup>309</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, p. 139.

<sup>310</sup> Cf. FISICHELLA, R. In VIRGILI, R. *et al. Misericórdia Face de Deus e da Nova Humanidade*, p.111.

<sup>311</sup> Cf. LACOSTE, J-Y. *Op cit.*, p. 1150.

<sup>312</sup> Cf. OLIVEIRA, I. B. *Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças*, p. 149.

<sup>313</sup> Cf. LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1150.

Este Deus misericordioso que está na história é o mesmo que salva e liberta, que se preocupa em julgar, em fazer justiça. No entanto, a sua justiça não é neutra, “olhando sempre para baixo, tem caráter de proteção e de defesa para com o inocente injustamente tratado”<sup>314</sup>. A ternura, forte e diferenciada de Deus, que sofre com a dor e a marginalização do pobre, que perdoa quando ninguém o espera e que salva quando todos condenam são evidências da compaixão de Deus para com todos<sup>315</sup>. Ao falar dos pobres, o teólogo não se dirige apenas à pobreza material, mas, sobretudo, à pobreza do espírito, mostrando-nos que o ser humano, ao admitir sua finitude e seu pecado, reconhece a necessidade que tem de Deus. Nada obstante, Jung afirma que, nos tempos modernos, o humano nega essa necessidade que tem da presença de Deus. A dificuldade para assimilar o amor divino, sua doação e a sua misericórdia, por estar muito além da compreensão dos tempos atuais, transcendendo a capacidade de percepção da consciência, bem como do conhecimento do seu mundo interior. Da existência de um *self* que se encontra preso a um ego grandioso, faz com que se sinta um “grande homem”, desprezando ou até mesmo negando a existência de Deus<sup>316</sup>.

A misericórdia divina compreende, portanto, a bondade, o amor e a ternura de Deus por seu povo, mostrando o lado maternal do amor divino. Deus, que é Pai, também sabe amar com a ternura e a prontidão de uma mãe. Vislumbramos o lado materno de Deus por meio de seu amor incondicional, sustentado pela imanência divina e pela sua infinita capacidade de acolher e alimentar, de dar força e alegria à vida, ao mesmo tempo em que demonstra o amor exigente do Pai. A palavra, *rahamîm*, igualmente, pode ser compreendida como “o lugar terno de um ser humano”, indicando a unidade profunda com outra pessoa, tendo consciência de que “é uma só coisa com outro”, explicitando o “sentido de união íntima do Pai e da Mãe com o próprio Filho e com os irmãos”<sup>317</sup>.

Deus, com seu amor infinito, inclina-se sobre todos seus filhos sem fazer nenhuma discriminação. Perdoa, sem impor condições, ou é, apenas, incapaz de julgar ou condenar, ama e perdoa até “quando o nosso coração nos condena, porque ele é maior do que o nosso coração” (1 Jo 3,20). Em sendo Deus Pai e Mãe, nada exige em troca de seu amor, espera apenas um amor gratuito para com Ele e suscita um amor eficaz entre os irmãos<sup>318</sup>. Porém,

<sup>314</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 271.

<sup>315</sup> TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 271.

<sup>316</sup> Cf. JUNG, C. G. *O Mito do Significado*, p. 135

<sup>317</sup> Cf. FISICHELLA, R. In VIRGILI, R. *et al. Misericórdia Face de Deus e da Nova Humanidade*, p. 97.

<sup>318</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 345



assevera Jung, quando o humano se der conta disso e entregar-se a Deus, retirando a venda que trás em seus olhos e que impede de vê-Lo e abrir seu ouvido para escutar sua fala, que é dirigida a todos, conseguirá entender os murmúrios da “alma”, pois só assim não ficará condenado a viver como Jó (4; 12-13) que não conseguiu compreender a forma sutil que Deus tem de corrigir seus filhos, a fim de evitar o sofrimento humano<sup>319</sup>.

Jung relata as dificuldades que o humano tem, hoje, de aceitar e compreender tudo aquilo que se reporta ao mundo interior, subjetivo, limitando-se a crer naquilo que o ego consegue perceber por meio da consciência. Lembra-nos que a consciência é dominada pelo ego, que frente a um novo princípio psíquico apresenta resistência, desaprovando-o, por temer que este possa vir a substituir as atitudes do antigo ego por uma nova<sup>320</sup>. A propósito, Torres Queiruga aduz que a resistência que o ego tem de aceitar novos princípios psíquicos, que se encontram nas entranhas do inconsciente, é que faz com que o humano não se abra numa condição filial e amorosa para receber o que Deus tem a lhe dar.<sup>321</sup> O teólogo salienta, ainda, que o humano se mostra obstinadamente incapaz de conseguir manter-se no projeto salvífico de Deus sobre ele, levando-o a optar por ficar preso à idolatria e endeusamento do seu próprio eu<sup>322</sup>.

Queiruga sublinha que o valor absoluto do humano, a esperança transcendente com sua “reserva escatológica”, acrescida da concreção de sua memória histórica, reporta-nos a um Deus que está sempre do lado das vítimas. A par desta memória, defende uma racionalidade mais verdadeira. Afinal, Deus é Pai e Mãe de todos, a “todos quer salvar” (1 *Tm*, 2,4) e “faz sair seu sol sobre maus e bons e chover sobre justos e injustos” (*Mt* 5, 45)<sup>323</sup>. Esse despojamento de Deus para com o humano poderá assustá-lo se tiver uma estrutura egóica mais fragilizada, ensina Jung. Justifica, pontuando que um ego imaturo se sentirá ameaçado e inseguro, por ser um conteúdo psíquico que ele não consegue controlar e dominar<sup>324</sup>. O que lhe gera um desconforto, criando a necessidade de negar, como faz o ateu.

Já um ego maduro e esclarecido, como avalia Jung, consegue lidar melhor com os novos conteúdos psíquicos, apesar de se mostrar perplexo ao perceber que existe algo superior

<sup>319</sup> Cf. JAFFE, L. W. *Libertando o Coração: Espiritualidade e Psicologia Junguiana*, p. 50.

<sup>320</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 42-43.

<sup>321</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 312.

<sup>322</sup> Cf. *Ibidem*. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, p. 159.

<sup>323</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 281-312.

<sup>324</sup> Cf. JAFFE, L.W. *Libertando o Coração: Espiritualidade e Psicologia Junguiana*, p. 42.

a ele capaz de provocar uma transformação psíquica, a partir do momento que trás para a consciência, algo que, até então, estava submerso no inconsciente. Isso provoca algumas modificações na forma de agir do humano, no entendimento de Jung. Salienta não ser necessário se preocupar em se identificar com as novas atitudes do ego, visto a sua essência ser superior ao ego<sup>325</sup>. Para Torres Queiruga, no momento em que o ser humano aceita a presença de Deus, compreende e vive esse amor vigoroso, profundo, que Nele existe e que está sempre nos doando, torna-se uno com Ele, passando a conviver com o único ser verdadeiramente divino. Ao conseguir se identificar com o amor de Deus, a par de todas as suas limitações, conforme o teólogo, o humano pode experienciar uma liberdade infinita que lhe proporciona a capacidade de amar e de se entregar, por se sentir perto de Deus. A partir de então, a humanidade atinge a plenitude, por estar em grau máximo perto de Deus<sup>326</sup>.

Deus não age abstratamente, ou “como se”, no entendimento de Torres Queiruga, Ele está sempre em relação única com um “tu” – que pode ser individual ou coletivo – ao qual conhece e chama por um nome. Isso não acontece para determinadas pessoas, mas para todos, que conseguem ouvi-Lo<sup>327</sup>. Jung, valendo-se do evangelho de Lucas (10; 38-42), atribui que para escutar Deus basta que imitemos Maria, sentando tranquilamente a seus pés. Mas nem sempre isso acontece, visto a civilização ocidental agir como Marta, por estar fascinada pela realidade do mundo exterior e envolvida em suas solicitações<sup>328</sup>.

É difícil dizer não a essas solicitações, especialmente numa sociedade em que a correria do dia-a-dia tomou conta da vida, preocupando-se com o cumprimento de metas sem nenhum pejo, acentua Jung<sup>329</sup>, onde o ter passou a ser o ápice da vida do humano, enquanto o ser ficou preso a um passado. Os valores são atribuídos, principalmente, a feitos, ações e façanhas difíceis, onde o olhar para o outro ficou esquecido em face da construção de um ego inflado que não lhe permite mais ver o outro como irmão, mas como rival. Na modernidade, refere o teólogo, o próprio Deus passou a ser visto como rival do ser humano. Acreditar na existência de Deus é, para muitos, negar a existência do ser humano, de sua capacidade, de

---

<sup>325</sup> Cf. JAFFE, L.W. *Libertando o Coração: Espiritualidade e Psicologia Junguiana* p. 43.

<sup>326</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, p. 88.

<sup>327</sup> Cf. Idem, A. *Autocompreensão Cristã*, p. 43.

<sup>328</sup> Cf. JAFFE, L. W. *Op. cit.*, 50.

<sup>329</sup> Cf. *Ibidem*, p. 50.

seu “poder”. E, por isso, o ateu passou a culpá-Lo pelas limitações do humano, que é uma característica deste, em função de sua finitude<sup>330</sup>.

Jung avalia ser difícil para o humano aceitar e atribuir o mais alto valor ao desenvolvimento subjetivo, onde a realidade exterior é percebida de forma enganosa. Apesar disso, reconhece que o Deus que cada um trás em sua alma é o Mesmo que foi pregado a uma cruz e que se refere a Cristo e a nós. Obviamente, não ao eu egoísta, ávido, egocêntrico, do qual temos consciência, mas ao eu secreto que sussurra no silêncio. Silêncio este cada vez mais distante, em função à crescente e frenética extroversão do mundo atual que invade o tempo a ser dedicado para olhar e compreender o que o nosso inconsciente tem a dizer, fazendo-nos esquecer o que o próprio Cristo disse “só uma coisa é necessária” (Lc 10, 42) e essa coisa, nos assegura Jung, é ouvir a voz interior e colocar-se em contato com o Eu subjetivo<sup>331</sup>. Corremos risco ao falarmos no silêncio do Eu subjetivo, porque pode ser confundido com o “silêncio de Deus” que, por muito tempo, foi interpretado como um abandono, no entender de Torres Queiruga. Em alguns Salmos<sup>332</sup>, o silêncio divino foi sentido pelos crentes não só como abandono, como também indiferença. Por consequência, ocorre um equívoco ao se supor que Deus cala voluntariamente, quando poderia falar, mostrando-se com clareza, o que tornaria tudo mais fácil e simples. A toda evidência, não se trata do silêncio de Deus, mas do silêncio do humano para com Deus, apesar de Ele estar presente na vida e na história do ser humano<sup>333</sup>.

Deus, como Pai, por meio da sua compaixão, de sua misericórdia, de seu amor infinito e com a sua ternura acolhe a todos. Ele não criou o ser humano para sofrer e viver de forma miserável. Ele sofre com a dor e o sofrimento de seus filhos, perdoa e salva quando os outros condenam. Essa compreensão não pode ficar apenas em nível de consciência, ela precisa ser refletida, caso contrário, corremos o risco de comparar as atitudes de Deus com as atitudes do pai humano que tem limitações.

---

<sup>330</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, pp. 30-31.

<sup>331</sup> Cf. JAFFE, L. W. *Op cit.*, p. 50.

<sup>332</sup> Sl 83, 2-3; 28, 1; cf. Sl 53,22; 39, 13; 109,1.

<sup>333</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Op cit.*, p.169.

### 3.5 O PAI AMOROSO

***“Deus é amor, eterna doçura, pois está disposto a nos acolher, não se afasta da gente mesmo quando lhe damos as costas”.***

Ressalta desta fala o conceito teológico fundamental que é o amor. Deus é amor-ágape e todas as suas atividades são feitas sempre com amor. No entanto, o ser humano tem dificuldade de compreender esse amor pleno de Deus, por estar muito além da sua capacidade cognoscitiva.

O conceito teológico fundamental do amor, por alguns decênios, foi motivo de discussão, tendo como foco verificar em que sentido ele é tido com tal<sup>334</sup>. Nada disso invalidou a afirmação de que o amor é a quintessência da fé cristã; é o coração da fé cristã, é a lei básica da realidade<sup>335</sup>, pois Deus se revela ao homem como amor, ágape (1 Jo 4,8). Em hebraico, existe uma palavra “muito bela para definir o amor de Deus: *rachamim*, que literalmente significa vísceras maternas”<sup>336</sup>, permitindo-nos dizer que Deus é o Deus dos *rachamim*, do amor forte, fiel, da ternura e da misericórdia, é o Deus visceralmente apaixonado pelo homem (“*per viscera misericórdia Dei nostri*”) <sup>337</sup>. Portanto, Deus é amor, se fez conhecer pelo amor e somente a pregação do amor de Deus em Jesus Cristo pôde e pode formar a base para o conceito teológico do amor<sup>338</sup>. O amor de Deus é sempre um amor ágape. A palavra ágape tem sua origem no grego e significa caridade, tendo como destaque os aspectos comunitários<sup>339</sup>. Conforme Torres Queiruga, o amor ágape de Deus, como o ponto central, o motivo básico cristão por excelência, constitui a concepção original e fundamental do cristianismo, onde o amor de Deus é totalmente diferenciado não por ser de Deus, mas por ser um mistério tão radical, quanto o próprio Deus<sup>340</sup>.

No Antigo Testamento, o amor de Deus pelos homens dá-se por meio da criação, pelo papel que lhe é confiado (*Gn* 1, 26-29), sendo renovado nas alianças que Deus conclui com seu povo ( Noé, *Gn* 2,18; Abraão, *Gn* 12,3; 15;17; Moisés, *Ex*, 19). Deus ama seu povo

<sup>334</sup> Cf. EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, p.2

<sup>335</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>336</sup> Cf. FORTE, B. Deus no amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. *In Teocomunicação*, v.33, nº 142, 2003, p.725.

<sup>337</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>338</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>339</sup> Cf. LACOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 66.

<sup>340</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 110 - 132.

por graça, sem julgar o mérito; socorre-o na aflição e o libera na servidão no Egito (*Dt* 4,37; 8,17; 9, 4-6; 10;15)<sup>341</sup>. Também, no Antigo Testamento, encontramos que a bondade de Deus para com todas as criaturas (*Sl* 33,5; 36, 6;103) é o ponto central da relação fundamental de Deus para com a realidade, devendo ser entendido como uma expressão de amor.

Em outras passagens, a expressão “amor de Deus” refere-se, especialmente, à relação de Deus com o seu povo de Israel, a quem elegeu para lhe permanecer fiel mesmo frente às infidelidades (*Os* 1-3; 2, 2.20.23ss; 3) e, com amor eterno, volta-se para Ele como Pai (*Jr* 31, 9.20; *Os* 11) e como Mãe (*Is* 49, 14s) e por isso o salvará (*Is* 41, 8ss; 43, -14; 44, 1s). Somente bem mais tarde é que o amor de Deus se retrai frente à lei (*Ez* 16), voltando-se para os justos (*Sl* 146, 9; *Pr* 15,9) e sábios (*Sb* 7,28) e se fazendo presente também nos castigos (*Lm* 3,31s; *Pr* 3, 11s)<sup>342</sup>.

Apesar de estar evidenciado o amor de Deus, no Antigo Testamento, Queiruga confessa uma preocupação pela maneira como os textos sagrados são lidos e compreendidos no mundo atual. Isto leva a uma reflexão sobre como falar e pensar a respeito de Deus, num mundo em que o “humano” procura ocupar o espaço do divino. No entendimento do teólogo, encontramos algumas contradições teológicas no Antigo Testamento, como por exemplo, a ideia de que Deus condenaria, exigindo o sacrifício de Isaac. Se entendidas no sentido literal, poderão fazer com que seja construída uma imagem de Deus distorcida, contaminando a consciência pessoal e o imaginário coletivo do humano<sup>343</sup>, pois se trata de conteúdos universais, que durante muitos séculos foram interpretados no sentido literal, mantendo-se presentes nos arquétipos, explica Jung<sup>344</sup>.

Queiruga, ao falar em consciência pessoal e imaginário coletivo, na realidade, está reportando-se aos conceitos de inconsciente pessoal e de inconsciente coletivo propostos por Jung. Como este bem leciona, é no inconsciente pessoal e coletivo que encontramos todas as informações que trazemos como herança em nossos arquétipos, que ajudam a compor o aparelho psíquico. O psicanalista alerta que, no inconsciente coletivo, encontraremos as informações de caráter universal - Deus, pai, mãe, etc.- tornando-se consciente, na medida em que o ego evolui e, por meio de uma potencialização da energia psíquica, torna-se

<sup>341</sup> Cf. LACOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 112.

<sup>342</sup> Cf. EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, p.3

<sup>343</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 14.

<sup>344</sup> Cf. JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*, p. 69

consciente<sup>345</sup>. Como essas informações são milenares, com certeza estão gravadas nas áreas mais profundas do inconsciente que são os arquétipos, sustenta Jung. As informações que trazemos nos arquétipos são vivências experienciadas por nossos ancestrais que se repetem de geração em geração. São manifestações involuntárias do processo inconsciente. E, por isso, podemos dizer que estão presentes no inconsciente coletivo, fazendo parte do conhecimento empírico do humano e passando a ser uma crença popular<sup>346</sup>. Só que estas informações acabam por influenciar na vivência da fé de cada indivíduo, como ainda constatamos na atualidade. Dai a importância de se reforçar a necessidade desse novo olhar hermenêutico sobre os textos sagrados, proposto por Torres Queiruga, permitindo que haja uma compreensão atualizada dos significantes e significados dos fatos relatados.

O Novo Testamento não muda o entendimento do amor de Deus, mas anuncia a sua revelação escatológica. Jesus não verbaliza o amor de Deus de maneira formal, O testemunha em suas palavras e ações, com a ilimitada misericórdia de Deus para com os pecadores (*Mc* 2,15ss; *Mt* 5,45s. 48; 18,23-33)<sup>347</sup>. Sua pregação inscreve-se na tradição judaica que concentra a doutrina da lei em torno de dois mandamentos do amor. O mandamento do amor de Deus (*Dt* 6,5) é o maior e o primeiro. Jesus associa a Ele, posteriormente, o amor ao próximo (*Mt* 22, 36-40; *Mc* 12, 28-31; *Lc* 10, 25-28; cf. *Lv* 19,18)<sup>348</sup>. Entretanto, o ápice dos testemunhos do Novo Testamento encontra-se nos escritos joaninos: “o amor de Deus que cobre o abismo infinito entre Deus e o mundo (*Jo* 3,35; 5 20; 14, 21-23) de tal maneira que na fé em Jesus e no amor fraterno revela-se o próprio Deus como amor (1 *Jo* 3, 1; 4,7-21)”<sup>349</sup>.

A expressão clássica joanina “Deus é amor” (1 *Jo* 4,8.16), exprime por meio de uma linguagem e de uma leitura simples que o núcleo dinâmico do cristianismo é o amor, a ágape. O amor não deve ser entendido como uma atividade a mais de Deus, pois toda sua atividade é sempre amorosa, deixando-nos claro que, ao afirmarmos que Deus é amor, não estamos nos referindo a um enunciado filosófico, mas sim a enunciado histórico-salvífico, na ótica de Torres Queiruga<sup>350</sup>. Na perspectiva do autor, ao falarmos do amor de Deus precisamos tomar consciência de que, por mais que falemos sobre este amor e procuremos aprofundar a nossa

<sup>345</sup> Cf. JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*, p. 69.

<sup>346</sup> Cf. Idem. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, p.155.

<sup>347</sup> Cf. EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, p. 3.

<sup>348</sup> Cf. LACOSTE, J- Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 113.

<sup>349</sup> Cf. EICHER, P. *Op. cit.*, p. 3

<sup>350</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 117-119.

compreensão, não conseguiremos expressar o que realmente ele anuncia<sup>351</sup>. Já Jung, refere ser algo que ultrapassa a capacidade intelectual do humano<sup>352</sup>, por não se tratar de um atributo divino, mas sim o próprio nome de Deus.

O humano tem como uma de suas características a necessidade de nomear e conceituar todas as coisas; porém, quando se refere a Deus, como Deus amor – ágape- torna-se impossível conceituá-lo, por não termos como provar a sua existência e por não ser viável representá-Lo de forma concreta, mesmo tendo consciência que existe algo com um poder superior em nossa alma, assevera Jung.<sup>353</sup> Queiruga complementa dizendo: “Deus por sua infinitude rompe qualquer possibilidade de fecharmos uma definição para Ele”<sup>354</sup>. Desta forma, coloca Jung, seria muito mais inteligente para o humano conscientizar e aceitar a ideia da existência de Deus<sup>355</sup>. Entretanto, para que esta ideia se forme no aparelho psíquico é necessário o desenvolvimento da consciência e este só ocorre à medida que o ego vai amadurecendo. Tudo o que podemos representar e expressar sobre Deus são criações e representações de imagens arquetípicas resultantes de informações que trazemos em nossos arquétipos e que são vivenciadas por todo aquele que tem fé.

Somente a partir desse processo é que o humano conseguirá compreender o amor incondicional de Deus, o seu alento, sua plenitude vital e entender que, em nenhum momento nos desampara, pelo contrário, se faz presente em todas as circunstâncias da vida, até quando temos a impressão de que nos abandonou, sustenta Torres Queiruga. Essa impressão é gerada em relação ao próprio Cristo na cruz, no entanto, sabemos, a partir de Cristo, que isso não é real, pois Deus jamais se esquece de seus Filhos, pelo contrário se faz muito próximo quando a injustiça dos homens ou a violência da vida os cravam na cruz<sup>356</sup>. Para o entendimento humano, mostra-se complicado, no dizer de Jung, devido à dificuldade que encontra de pensar Deus em sua plenitude, de imaginar que Ele existe realmente e de fazer a Sua descrição<sup>357</sup>, não só pelas limitações existentes no intelecto humano, mas também por fugir das explicações racionais e até mesmo do que a ciência pode comprovar.

---

<sup>351</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 109 -129.

<sup>352</sup> Cf. JUNG, C. G. *Psicologia do Inconsciente*, p. 63.

<sup>353</sup> Cf. *Ibidem*, p. 63.

<sup>354</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 127.

<sup>355</sup> Cf. JUNG, C. G. *Psicologia do Inconsciente*, p.63.

<sup>356</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p.100.

<sup>357</sup> Cf. JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, p. 63.

Compreender Deus por meio de seu amor salvador, que tudo criou por amor, que tem um olhar e uma preocupação toda especial e profunda com o pobre, o escravo, o órfão, o estrangeiro e a viúva, como exposto em Gênesis e em Êxodo, só é possível para quem crê, já que, na percepção do ateu, isso é maravilhoso demais para ser verdade<sup>358</sup>. E por superar sua capacidade cognoscitiva, prefere negar não só o amor de Deus, mas a Ele próprio. Com isso, acaba buscando preencher o vazio de seu ego, com qualquer invenção criada pela razão ou até mesmo criando o seu próprio deus. Dessa forma, não irá conseguir preencher a lacuna presente em sua vida, por não se permitir conhecer o real rosto paternal que lhe foi revelado por Jesus.

O amor do Deus *Abbá* revelado em Jesus de Nazaré é o mesmo do Deus que encontramos no Antigo Testamento. Deus é amor, desde a criação. O que nos possibilita um novo paradigma sobre a imagem de Deus e uma compreensão atual dos textos sagrados é o processo hermenêutico, afirma Torres Queiruga. Isso evita as possíveis distorções sobre a figura de Deus que configuraram a tradição bíblica e que estavam em desacordo com o entendimento teológico<sup>359</sup>. De qualquer forma, mesmo com a evolução dos tempos, a imagem distorcida de Deus permanece nos arquétipos da humanidade, como uma automanifestação do inconsciente que se introduz sempre e em toda parte na consciência e no mundo. O arquétipo não tem origem nos fatos físicos, porém descreve como a alma vivencia a realidade física, segundo o entendimento de Jung.

Não é o mundo, tal como conhecemos, que fala a partir do seu inconsciente, mas o mundo desconhecido da psique, do qual sabemos que reflete apenas parte do nosso mundo empírico que é moldado de acordo com o pressuposto psíquico<sup>360</sup>. Confirmamos isso, ao encontrarmos pessoas que acreditam que Deus é o responsável por toda a calamidade que vem acontecendo no mundo atual, dando-nos a impressão de que estão presas a uma leitura literal dos textos sagrados. Deste modo, não conseguem perceber que, num passado não muito longínquo, a interpretação do significado dos mesmos era feita de forma literal e de acordo com o contexto histórico da época. Isso ocorre devido à representação que estes fatos tiveram para a humanidade e pela maneira como foram armazenados em seus arquétipos, devendo ainda perdurar por alguns anos, acarretando-lhes prejuízos na vivência da fé.

---

<sup>358</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp.111 - 138.

<sup>359</sup> Cf. *Ibidem*, p. 78.

<sup>360</sup> Cf. JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, pp. 155-156.



Por mais que tentemos explicar o amor de Deus, não conseguiremos expressar o seu verdadeiro significado, porque não estamos nos referindo a um atributo divino, mas nos reportando ao próprio nome de Deus. Por isso, a dificuldade que o ser humano tem de compreender e de falar em Deus, eis que Ele age exatamente ao oposto do humano. Deus não guarda rancor, Ele oferece o seu amor pleno até para os que O criticam. Nunca desampara seus filhos e está presente em todos os momentos, até mesmo quando lhe damos às costas.

### 3.6 O PAI CUIDADOR

***“Deus é amor, proteção. Está sempre nos cuidando e dando orientação de como devemos nos relacionar, mesmo assim estamos sempre errando e nos esquecendo de seu ensinamento e até mesmo Dele”.***

Deus, como Pai amoroso, está sempre olhando e pensando em todos, buscando a igualdade entre todos, mostrando que o amor é o que deve embasar qualquer relação. Só que o humano, para atender suas necessidades egóicas, acaba por esquecer esse princípio que fundamenta o cristianismo. Nem por isso Deus o abandona. Ele conhece as limitações de seus filhos.

O amor é o que deve conduzir qualquer vivência e experiência cristã, não ficando em nível de teoria, mas sendo vivido na prática, por ser o núcleo vital do cristianismo e o caráter libertador da Boa Nova cristã. É a aceitação de querer o bem dos outros e trabalhar em prol disso<sup>361</sup>, pois é no ato do amor ao próximo que se reúne e se realiza o incompreensível mistério humano<sup>362</sup>. O primeiro gesto de benevolência e do amor de Deus é revelado por meio da criação. Deus reconhece bons os seres humanos e seu mundo; com seu poder divino diz: “Eu quero que vocês existam<sup>363</sup>”. Deus, tendo criado todo o universo por amor e querendo a existência do humano, vive voltado com uma generosidade irrestrita a todas e a cada uma de suas criaturas<sup>364</sup>. A esse amor de Deus para com o seu povo, existe um único mandamento que encerra toda a lei, que é o amor do homem para com Deus (*Dt 6,5*)<sup>365</sup>.

<sup>361</sup> Cf. LATOURELLE, R. e FISICHELLA, R. *Dicionário de Teologia Fundamental*, p. 45.

<sup>362</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 170

<sup>363</sup> Cf. LATOURELLE, R. e FISICHELLA, R. *Op. Cit.*, p.45.

<sup>364</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Um Deus para Hoje*, p. 33.

<sup>365</sup> Cf. LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p.112.

Para que esse amor de Deus possa ser vivido, na prática, faz-se necessário que o humano acredite na sua existência e conscientize-se de que Ele não se encontra em um local distante, onde não temos como alcançá-Lo, mas sim, que está vivo dentro de cada um dando-nos a sua própria vida, o mundo e até o nosso próprio ser. Segundo Jung, não basta o humano crer em Deus e sentir a sua presença, pois isto não é garantia de uma resposta para sua existência, visto a relação e o entendimento que cada pessoa tem de Deus ser algo subjetivo e estar relacionado com a experiência de vida de cada um e da sua vivência na fé<sup>366</sup>. Porque, a presença ativa de Deus, reitera Torres Queiruga, não é um estar apático ou inerte, é sempre um acontecimento vivo, principalmente onde sua presença é acolhida e prolongada na liberdade humana. E, complementa seu pensamento dizendo: “Deus nunca acontece de forma profunda e intensa como o humano, quando corre em ajuda do outro, mas podemos ver sua presença quando alguém ama”<sup>367</sup>.

O auge da comunicação de Deus com o humano concretiza-se por meio de Jesus Cristo e os eventos de sua vida morte e ressurreição. A Encíclica *Redemptor Hominis* (1979), juntamente com a Encíclica *Dives in Misericórdia* (1980), muito ensinam sobre a Revelação. João Paulo II, ao escrever sobre a revelação do amor de Deus, também a descreve como misericórdia e acrescenta: “na história humana, esta revelação do amor e da misericórdia assumiu uma forma e um nome, o de Jesus Cristo”<sup>368</sup>. Em Jesus, a vivência do Pai – a vivência do *Abbá* – é o centro mais íntimo e original de sua personalidade. Ao reportar-se a Deus como o *Abba*, utilizava-se de uma palavra que significa papaizinho demonstrando que a sua relação com Deus era única. E, como homem filial, apresenta-se um novo tempo por ter a segurança de que Deus na sua profundeza abissal é um Deus paternal<sup>369</sup>.

Torres Queiruga, afirma que Deus, com seu amor incondicional, olha para todos os seus filhos, é o Grande Companheiro que sofre conosco e nos compreende sem fazer nenhuma intervenção. Pelo contrário, respeita a autonomia do mundo e de seus filhos, é solidário. Deus se oferece com a dignidade, a coragem e a esperança: “a pessoa humana sabe que pode estar em pé sobre a terra, que tem sempre direito a lutar, e que, ainda que seja derrotada, pode esperar com Jó e com Jesus de Nazaré, que, na carne transpassada pela cruz verá o Deus da

<sup>366</sup> Cf. JUNG, C. G. *Psicologia do Inconsciente*, p. 63.

<sup>367</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 165.

<sup>368</sup> Cf. LATOURELLE, R. e FISICHELLA, R. *Dicionário de Teologia Fundamental*, p. 46.

<sup>369</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: o Deus: o Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, pp.96-97.

Ressurreição”<sup>370</sup>. Para Jung, Deus é uma experiência primordial do ser humano, é uma confissão pessoal<sup>371</sup>. Refere, ainda, que se o humano tiver não só a clareza, mas se sentir realmente um Filho de Deus, será portador de uma imensa coragem para viver a vida<sup>372</sup>.

De acordo com Jung, esta experiência só poderá ser vivida por meio da função transcendente, que é um fenômeno natural e espontâneo presente no processo de individuação. Esse processo acontece a partir do momento em que o ego consegue se desprender do *self* (si-mesmo), podendo retornar quando necessário. Em seu entendimento, “a relação do homem com Deus, tem que ser vivida de maneira responsável e permitindo que a vontade divina se cumpra em nós, pois esta é a forma de adoração e de intercâmbio que temos com Deus”<sup>373</sup>. Quando coloca que é fundamental para o humano estabelecer essa relação com Deus, Torres Queiruga reforça dizendo que é um ser de natureza carente e que está sempre em busca da plenitude. Deus, tendo criado tudo, com vistas à realização máxima da criatura, coloca sempre toda sua força para ajudá-la. Está sempre lutando nela e com ela, contra todas as coisas que possam a vir lhe ferir, oprimir, distorcer.<sup>374</sup>

Deus, por sua plenitude, não tem carências, é totalmente dom: “consiste em ser ágape” (1Jo 4, 4.8.16), atuando em nossa história única e exclusivamente por amor. Não criou o humano para ser “religioso”, criou simplesmente para ser humano, afirma Torres Queiruga, que ousa também dizer de forma paradoxal que “Deus não é nada religioso”. E complementa: “se a religião é pensar em Deus e servir a Deus, o *Abbá* de Jesus não pensa em si mesmo e não espera ser servido. Pensa apenas em seus filhos e busca constantemente o bem destes”<sup>375</sup>. Segundo Jung, a única forma existente para que o humano consiga sentir, conhecer e até mesmo compreender o amor de Deus, é escutar o que Ele tem a falar e segui-Lo. Somente, a partir dessa experiência é que conseguirá entender a relação entre Deus e a criatura, dando-se conta que o Deus revelado por Jesus Cristo é diferente daquele que muitas vezes escolhemos para nosso Deus. Jung aponta como sendo o grande desafio para o homem moderno a “entrega da consciência humana ao indefinido e o indefinível” e coloca ser esse um dos motivos para o humano criar o seu deus<sup>376</sup>. Só que, o deus que escolhemos, está muito longe

<sup>370</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, *Um Deus para Hoje*, pp. 18-23.

<sup>371</sup> Cf. JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, p. 59.

<sup>372</sup> Cf. Idem. *Libertando o Coração: Espiritualidade e Psicologia Junguiana*, p.23.

<sup>373</sup> Cf. *Ibidem*, p. 46.

<sup>374</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, pp. 137-138.

<sup>375</sup> Cf. Idem. *Um Deus para Hoje*, pp. 26-28.

<sup>376</sup> Cf. JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, p. 57-58.

da imagem do Deus que vem se revelando ao longo da história e atuando nas profundezas da alma, como uma grandeza infinita.

Jung aponta que o grande perigo ocorre, quando nos afastamos de Deus, querendo gerenciar nossas vidas sozinhos e sem nenhuma interferência, perdendo a capacidade de escutá-Lo e de aceitá-Lo. E acrescenta: mesmo que o humano sinta necessidade de negar a existência de Deus, “chamado ou não chamado, negado ou não negado, Deus está presente (*Vocatus atque non vocatus Deus aderit*)<sup>377</sup>, até mesmo quando não O vemos”. Torres Queiruga, nessa esteira, refere que Deus está sempre sustentando o nosso ser a partir de nossa raiz, não existindo nenhuma distância entre Ele e seus filhos. Não precisamos ir até Deus ou buscá-Lo, pelo fato de estar sempre conosco. A única coisa que precisamos fazer é nos darmos conta de sua existência abrindo nossos olhos, precavendo-nos, entregando-nos a Ele e deixando-O agir em nossas vidas, com a sua misericórdia<sup>378</sup>.

O amor de Deus perde sua essência ao ser apenas teorizado, ele precisa ser vivido. Deus quer que esse amor permeie as relações e que o humano consiga ver o outro como irmão. Para que isso aconteça, o ser humano precisa acreditar na Sua existência e ter claro que Deus está vivo dentro de si e que, todas às vezes que descumpre seus mandamentos, Ele sofre, pois o seu único desejo é que amemos uns aos outros.

---

<sup>377</sup> Cf. JUNG, C. G. *Psicologia e Religião*. p. 93.

<sup>378</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: O Deus de Jesus como Afirmação Plena do Humano*, pp. 178-179

## CONCLUSÃO

Ao final desta pesquisa qualitativa, realizada com os fiéis de uma Paróquia na região central da cidade de Porto Alegre/RS, e, tendo seguido os critérios que a metodologia de pesquisa exige, pode-se afirmar que o conceito de Deus utilizado pelos cristãos católicos nem sempre coincide com a expressão evangélica do *Abbá* de Jesus.

Percebe-se que os avanços da ciência e da tecnologia vêm ocupando um espaço importante na vida. Cada vez mais se buscam novas técnicas que possam aperfeiçoar os inventos, levando-nos, às vezes, a ter uma visão reducionista e positivista sobre o mundo, não deixando espaço para o divino. O ser humano coloca-se no centro do universo, em função de ter desenvolvido um ego grandioso. No entanto, quando se fala sobre algo que transcende à razão, percebe-se sua fragilidade.

Poder falar e pensar sobre Deus é algo difícil, por ser superior à capacidade intelectual do humano. Isso provoca uma insegurança, fazendo com que ele fique preso ao entendimento literal dos fatos narrados nos textos bíblicos. Prescinde-se da razão para analisar o paradoxo que encontramos ao ler, de forma crítica, o Antigo Testamento, por exemplo, onde é mostrado o sacrifício de Isaac, filho de Abrão. Por que Deus mandaria matar Isaac, se tudo criou por amor, ensinando fielmente a verdade para nossa salvação, arguindo e corrigindo para que o homem de Deus fosse perfeito e preparado para boa obra (2 *Tm* 3,16-17)?

Queiruga sustenta sua linha de pensamento nas contradições que encontramos ao lermos e ouvirmos a Palavra de Deus, de forma acrítica. Mostra-nos a necessidade de uma nova compreensão e interpretação dos textos bíblicos. As pessoas ainda encontram-se presas às percepções fundamentalista do texto, por fazerem parte do inconsciente coletivo. Para que o humano consiga desfazer a imagem de Deus que foi implantada no seu inconsciente, é necessário que haja uma nova evangelização, dando um novo significado para os textos bíblicos, mostrando que os conceitos teológicos que ali encontramos estavam embasados no contexto em que nasceram e que tinham um significado justo.

A mudança de paradigma, proposta pelo teólogo, envolve um processo lento, pois não se limita apenas à nova evangelização. O primeiro passo, a ser dado é a assimilação

dessas informações, que deverão ser vivenciadas pelo inconsciente pessoal, a fim de poderem repercutir no inconsciente coletivo, quando então, começará acontecer o processo de mudança. É importante transmitir para as pessoas, uma interpretação teológica que sustente o seu significado, caso contrário, correr-se-á o risco de reforçar a pseudo imagem de Deus que muitos carregam em seus inconscientes, abstraindo a real imagem do Deus de amor revelado ao longo da história, que atingiu o ápice em Jesus de Nazaré.

Como podemos concluir na pesquisa, alguns católicos têm uma visão ambivalente da imagem de Deus; ao mesmo tempo em que reconhecem o amor e a misericórdia de Deus, acreditam que ele é capaz de punir e de se apresentar como um Pai rigoroso, frente às nossas fragilidades e limitações. Isto mostra que a compreensão que muitos fazem de Deus, não tem o mesmo significado do Deus *Abbá* revelado por Jesus, o que vem confirmar a ideia de Torres Queiruga, de que grande parte da credibilidade do cristianismo está reportada a um entendimento acrítico dos textos sagrados.

O Deus revelado por Jesus, o *Abbá*, é o Deus que tudo criou por amor e que encontramos nas revelações bíblicas no decorrer da história. É Aquele que, por meio de seu amor, tem o olhar de baixo para cima. Ele liberta primeiramente da escravidão coletiva e depois mostra a sua preocupação com os discriminados: órfãos, viúvas, prostitutas, escravos e estrangeiros. Em decorrência, vislumbramos que o amor é a causa da criação e da relação de Deus com o mundo. Assim, podemos afirmar que o amor é o núcleo da fé cristã.

Deus, ao criar o ser humano, o fez por amor. Quis que este fosse o fundamento de sua vida e que esse amor não fosse apenas dirigido para Ele, mas também para o irmão, dando a sustentabilidade da aliança. Infelizmente, esta não é a realidade que vivemos no mundo moderno. Hoje, para algumas pessoas, os assuntos referentes a Deus são coisas do passado, não tendo tempo para escutar o que Ele tem para lhe dizer. Outras, até conseguem escutar, mas não assimilam, sob a justificativa que não é para elas, mas sim, para os outros. As pessoas procuram viver uma vida de projeções. A felicidade, o amor, a alegria e o perdão sempre estão no outro e isto pode ser compreendido pela falta de conhecimento de seu próprio interior. Jung afirmava que o conhecimento do mundo interior é de suma importância para vida da pessoa, eis que só assim conseguirá transcender a consciência ou o “grande homem”, no entanto, percebe que isso já havia se perdido.

Não basta o católico dizer que Deus é amor e que está sempre disposto a nos acolher, até mesmo quando nos esquecemos Dele. A teoria só tem validade, quando colocada em prática. O amor, no cristianismo tem que ser vivido. E vivê-lo é poder olhar para o outro sem fazer discriminações e sem julgamentos. É ser humilde, é ser tolerante, é suportar a dor do outro e compadecer-se, é ter complacência. Só assim, cumpre-se a vontade de Deus, segundo revelou Jesus de Nazaré. A partir do momento em que o humano aceitar que Deus está presente em sua vida, preenchendo-a com seu amor incondicional, não haverá mais o vazio que o ego busca preencher com coisas que não satisfazem o desejo da completude.

É importante que o humano tenha claro que Deus, como Pai/Mãe está sempre ao lado de seus filhos, nunca os abandona, até mesmo quando não é aceito. Que Ele, quer apenas o bem, está sempre lhes mostrando a verdade e os acolhendo nos momentos de dor. Revela-se constantemente, sem fazer distinções; não tem limites, supera qualquer barreira. Tem o amor como o seu ponto mais autêntico e significativo, pois tudo o que faz é por amor. Deus está sempre pronto para servir o humano, perdoadando, de forma incansável, suas faltas, reparando seus erros, fazendo-se presente até mesmo quando não é chamado. No entanto, atualmente, o ser humano, não consegue ver o verdadeiro rosto de Deus, devido às limitações e também pela estrutura de ego que desenvolveu. E isto pôde ser verificado na pesquisa. As pessoas, não conhecem o *Abbá* de Jesus. Elas conhecem Deus como Pai e sabem que este Deus é amor, mas não conseguem compreendê-Lo em toda sua expansão; Ele é algo que transcende à consciência.

Por isso, a dificuldade que têm de compreender que Deus atinge à subjetividade humana e que a sua revelação não é algo que vem de fora, mas de dentro. Daí a importância de ficar em silêncio, de entrar em contato consigo mesmo, e de poder escutar o que a voz interior tem a dizer. Só assim, conseguiremos compreender que a revelação do *Abbá* de Jesus se realiza no humano e pelo humano e que, portanto, Ela se faz sempre presente, para aqueles que se dispõem a conhecê-Lo.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Quando eu lhe digo Deus, qual a palavra, sensação ou lembrança que lhe vem à cabeça? Por quê?
  
- Como você percebia seus pais na infância? E hoje como você os percebe?
  
- Que papel Deus desempenha na sua vida hoje? Se Ele fosse alguém de sua família, quem seria? Por quê?
  
- Como você entende a relação de Deus Pai e Deus Filho?
  
- Você acha que à vontade de Deus interfere diretamente em sua vida?



## ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DORIOGRANDE DO SUL PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP –PUCRS**

#### **Orientações quanto:**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Para que o Consentimento Informado, atendendo as diretrizes e normas de Resolução 196/96 do CNS/MS, se considere existente o indivíduo objeto da pesquisa ou seu representante legal deverá receber uma explicação clara e completa, de tal forma que possa compreendê-la.

**Título da Pesquisa: Deus Pai: o diálogo entre o conceito de Deus em Torres Queiruga e a noção de paternidade no pensamento de Carl Jung.**

#### **I. A Justificativa e objetivo da pesquisa**

Sendo conhecedor da visão que as pessoas ainda têm em relação a Deus, Torre Queiruga através de suas obras propõe um novo paradigma para a imagem de Deus, uma vez que a visão atual que temos Dele ainda estar muito marcada pelas experiências e pelos conceitos de um mundo que deixou de ser o nosso. Torres Queiruga acentua a nova visão da imagem de Deus Pai, através da relação estabelecida de Jesus com o seu *Abbá*.

Para Jung, a imagem de pai está relacionada à representação psíquica que cada indivíduo tem do pai histórico e real e que se encontra na parte mais profunda da psique, ou seja, no arquétipo.

A essência deste diálogo se dá em verificar se o entendimento que os cristãos têm hoje da imagem de Deus Pai é o mesmo que Jesus tinha de seu *Abbá*, bem como, se o conceito que as pessoas têm da imagem de pai na sociedade moderna, pode ser relacionado à compreensão que Jung fazia de pai.

**O objetivo deste trabalho** é investigar o entendimento que a comunidade católica tem de Deus Pai e como é entendido o termo pai na experiência de suas vidas.

#### **II. Procedimentos a serem utilizados**

Para realização desta pesquisa, escolheremos pessoas católicas praticantes e não praticantes. A entrevista com a comunidade católica praticante será realizada com os fiéis de uma paróquia central da cidade de porto Alegre (RS), onde a prevalência de fiéis é da

terceira idade, com formação superior e classe social média/alta. Os católicos não praticantes serão escolhidos aleatoriamente.

**III. Garantia de resposta a qualquer pergunta**

**IV. Liberdade de abandonar a pesquisa sem prejuízos para si**

**V. Garantia de privacidade**

Eu, \_\_\_\_\_ (participante) fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. Recebi todas as informações sobre o desenvolvimento da pesquisa e sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim desejar. Foi-me certificado pelo **pesquisador responsável Prof. Dr. Pe. Leomar Antonio Brustolin** e sua **mestranda Anissis Moura Ramos**, de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e terei a liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa, face a estas informações.

Caso tiver novas perguntas sobre este estudo, posso chamar o **Prof. Dr. Pe. Leomar Antonio Brustolin (pesquisador responsável) no telefone (51) 3320.3572**; a **mestranda Anissis Moura Ramos (51)9987.7258** e o **Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – PUCRS (51) 3320.3345**. Para qualquer pergunta sobre os meus direitos como participante deste estudo ou se penso que fui prejudicado pela minha participação, posso chamar a Direção da Faculdade de Teologia.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

_____	_____	_____
Assinatura do Participante	Nome	Data

_____	_____	_____
Assinatura do Pesquisador	Nome	Data

Este formulário foi lido para \_\_\_\_\_ em / /2009 por  
**Anissis Moura Ramos**, enquanto eu estava presente.

_____	_____	_____
Assinatura da Testemunha	Nome	Data

## ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

*Quando eu lhe digo DEUS, qual palavra, sensação ou lembrança que lhe vem à cabeça? Por quê?*

- “Deus como Pai está sempre julgando nossos pecados. Quando acha que ultrapassamos o limite, nos põem de castigo, mandando o mal, para que possamos refletir sobre nossas atitudes”.

- “Deus é amor, eterna doçura, pois está disposto a nos acolher, não se afasta da gente, mesmo quando lhe damos as costas”.

- “Deus é amor, proteção. Está sempre nos cuidando e dando orientações de como devemos nos relacionar, mesmo assim estamos sempre errando e nos esquecendo de seu ensinamento e até mesmo Dele”.

- “Deus é misericórdia, porque independente da situação que for Deus está sempre com a gente”.

- “Deus é compaixão, criação, bondade e tolerância. Só Ele para agüentar as nossas falhas e continuar com a gente”.

- “Deus é um Pai rigoroso, mas um Pai”.

- “Deus é Pai e como todo pai, procura nos mostrar o caminho que temos que seguir, nos dando as regras”.

- “Deus para mim é algo tão distante, acho que Deus só está comigo quando O chamo, em outros momentos não”.

- “Deus é o mundo, a vida, é o universo. Deus nos dá a paz quando oramos para Ele”.

- “Deus é Pai infinito, Estou sempre conversando com Ele, procuro não fazer nada para desagradá-lo, não sou ninguém sem Deus”.
- “Deus é o Pai de todos nós, bondade, amor. Porque nada existira e nem ninguém se não fosse Deus. Deus é tudo na minha vida”.
- “Deus é o ar, o oxigênio da humanidade. Ele é tudo”.
- “Deus é o sabor, é a vida, a alegria. Deus é tudo na minha vida, não vivo sem Deus”.
- “Deus é o princípio de Tudo. Porque Ele foi quem criou tudo. Só Ele tem o Poder.
- “Deus é uma simbologia do poder, da sabedoria, de uma força espiritual. Esta palavra é muito forte para mim é, uma pessoa que está muito próxima e agente está permanentemente junto a Ele”.
- “Deus é amor, porque Ele é a fonte do bem mais precioso da humanidade. Deus se manifestou em Jesus para que este se tornasse Deus, tendo uma relação de amor”.
- “Deus é tudo, sempre deu liberdade para todos fazerem o que quisessem, mas sempre mostrou o caminho para todos. Sem Deus a gente não é nada”.
- “Deus é alegria, satisfação, plenitude. Ele caminha junto comigo”.
- “Deus é amor, sabedoria, paz, tudo de bom. Está sempre conosco e por isso nos adverte quando fazemos algo errado para o outro”.
- “Deus é um espírito de luz e de bondade, que está sempre nos ajudando e nos iluminando”.
- “Deus é um Pai poderoso e harmonioso que quer o bem de todos os seus filhos, corrigindo quando eles estão errados”.

***Como você percebia seus pais na infância? E hoje como você os percebe?***

- Meu pai não deixava faltar nada em casa, era um pouco brincalhão. Minha mãe era rígida, muito autoritária e rigorosa. Na fase adulta, continuei percebendo a mãe muito rigorosa e o pai aquela pessoa que acolhia e reunia mais os filhos.

- Meu pai não foi uma figura importante na minha vida, pois mesmo quando casado era um pai ausente. A pessoa que sempre esteve presente em minha vida foi a minha avó. Minha mãe também tinha as atividades dela, os compromissos e não se fazia muito presente, claro que bem mais presente que o pai. Hoje com a mãe tenho mais proximidade, convivo bem mais com o meu pai hoje, mas o sinto muito distante.

- Meu pai sempre foi uma pessoa muito ausente, não se envolvia com os filhos. A mãe apesar de ser muito braba, era quem nos dava atenção. Continuei com a mesma visão dos meus pais na vida adulta, não consegui ver nenhuma mudança neles.

- Meus pais foram pessoas boas, nos davam aquilo que tinham condições. Não falavam muito, só nos olhavam e a gente já sabia o que era para fazer. Com a idade, foram se tornando mais frágeis, mas mesmo assim, o que eles diziam era uma ordem.

- Sempre muito preocupados em prover tudo para os filhos, em dar, dar e dar, não deixando faltar nada. Davam carinho do jeito deles, através das coisas materiais. Só fui compreender essa maneira que tinham de expressar carinho depois de adulta, pois quando criança os via como pessoas preocupadas.

- Meus pais brigavam muito. O pai bebia, mas não era por causa da bebida que ele brigava. Brigava quando estava sóbrio. Ele estava sempre de mal com o mundo e minha mãe acabava perdendo a paciência. Isso foi até morrer.

- Meus pais eram heróis, sabiam tudo. Depois que a gente vai crescendo, a gente vai vendo os defeitos. Hoje percebo que eles são meios perdidos. O meu pai não é bem resolvido e minha mãe foi sempre atrás dele e por isso, faltou planejamento e organização. Sempre cada um fez o que quis e isso continua até hoje.

- Meu pai era um pouco autoridade, provia e tinha o jeito dele de demonstrar o afeto e o do jeito dele, participava das coisas dos filhos. A mãe era mais próxima, fazia o meio de campo, amenizava as coisas que aconteciam. Mesmo na vida adulta, continuei percebendo meus pais assim.

- Meus pais tinham a preocupação de nos educar, de dar estudo. Tanto o pai como a mãe eram carinhosos, mas bastante rígidos. Mesmo depois de adultos, nos tratavam como quando éramos criança.

- Meus pais se separaram quando eu ainda era muito pequena. Não tive contato com o pai. Minha mãe sempre falou muito mal dele. A mãe sempre se mostrou sofrida, rígida e sem paciência com os filhos e até hoje é assim. Ela é a coitada e os filhos têm que fazer suas vontades, porque sofreu por nossa causa. Responsabiliza os filhos pelas coisas erradas que aconteceu em sua vida.

- Tive pais maravilhosos, que sempre me acolheram, me perdoaram e me ensinaram o que eu podia ou não fazer, mas sem interferirem em nossas vidas. O meu pai foi um super pai, era acolhedor, carinhoso, afetivo, ao mesmo tempo em que tinha muita autoridade, cobria as lacunas que a mãe deixava. Do pai, nunca apanhei, da mãe levei algumas palmadas. Meu pai sempre mostrava o caminho que devia seguir, mas dizia, eu acho que tu deverias fazer isso, mas nunca impôs, sempre deu a liberdade para que escolhesse o que eu queria fazer. Emociono-me ao falar deles.

- Meus pais foram pessoas muito simples, que não tinham cultura, que trabalhavam na roça e que nos educaram com muita rigidez. Tinha muito medo deles. Depois de adulta consegui compreender a maneira de eles agirem e recompensar pelo que fizeram por mim.

- Meu pai foi uma pessoa muito ríspida, vivia bêbado, não se preocupava com a família. Minha mãe é que cuidava da casa, dos filhos e trabalhava para nos sustentar. Da maneira dela era carinhosa, mas nunca sentou para conversar com um filho, para dar um colo ou saber como estávamos no colégio. Compreendo a vida deles, mas sinto muita falta de ter tido uns pais mais presentes e carinhosos.

- Meu pai não tinha paradeiro, estava sempre trocando de emprego, mudando de cidade. Não se preocupava se isso iria atrapalhar nossos estudos, até porque para ele, criança não tinha vez. Minha mãe sempre foi muito submissa e ainda é. Fazia o que ele queria, a atenção tinha que ser para o meu pai e os filhos ficava sempre em segundo plano. Isso é até hoje.

- Meu pai era o provedor, quem dava as regras e o que ele dizia era lei. Aí que alguém desobedecesse. Minha mãe parecia ter medo dele, fazia tudo o que ele determinava e cuidava para que não incomodássemos para que não brigasse. Quando ele estava em casa, ninguém podia falar. Era um horror. Mesmo depois de os filhos adultos, se manteve distante. Não dava muito assunto.

- Tanto o pai quanto a mãe se fizeram presentes em nossas vidas. Gostavam de fazer almoços e ver os filhos (8) todos sentados à mesa. Ali nos davam conselhos, ouviam nossas reclamações, nos advertiam. Quando crescemos, sempre que precisávamos de alguma orientação, era a eles que recorriamos.

- Meu pai nos abandonou quando meu irmão nasceu. Minha mãe não tinha muito tempo para nos dar carinho, pois tinha que trabalhar para nos sustentar. Isso fez com que ficasse mais distante de nós. Fomos criados um pouco em casa, outro na casa da avó ou da tia. Não chegávamos a criar vínculo com as pessoas. Fui saber o que era uma família quando conheci meu marido, que tem realmente uma família.

- Quando eu tinha dois anos meu pai morreu num acidente. Ele sempre foi e é até hoje uma estrela que brilha no céu. Quando estou com problema, triste olho para o céu, pois sei que ele me orientará. Minha mãe era uma super mãe. Fez tudo o que podia e o que não podia por nós. Procurou suprir a falta do pai. Nunca brigou, dava tudo o que queríamos, mas carinho, afeto não teve para nos dar. Hoje eu percebo o quanto isso faz falta, mas ela fez o melhor por nós.

- Os meus pais sempre foram muito simples. Procurava nos educar baseado na

educação que tiveram e por isso, não podíamos fazer nada, porque tudo era feio. Quando crescemos e que começamos a fazer aquilo que tínhamos vontade, os conflitos se estabeleceram, pois não aceitavam.

- Meu pai sempre foi um homem muito bem relacionado, tinha vários amigos, era querido por todos. No entanto, em casa era um horror, brigava , batia na minha mãe e em nós. Eu tinha horror dele. Ficava com pena da mãe e ao mesmo tempo com raiva, porque não se separava dele. Assim que pode, sai de casa e fui morar num pensionato, trabalhar e fazer a minha vida, pois não suportava viver daquele jeito.

- Até hoje a vontade do meu pai prevalece. Ele sempre foi muito autoritário, o dono da verdade e não aceita a opinião dos outros. Minha mãe não tinha opinião própria. Acho que morreu de tanto sofrer nas mãos dele.

***Que papel Deus desempenha na sua vida hoje? Se Ele fosse alguém da sua família, quem seria? Por quê?***

- Deus é tudo na minha vida, ele é quem me dá força para viver, ele está presente nas mínimas coisas. O meu pai, que foi puro amor, foi doçura, foi complacente, perdoava sempre, que mesmo tendo muita autoridade era muito meigo.
- Nas minhas decisões, escolhas, com os amigos. Meu pai, porque Ele é que rege uma família.
- Deus é meu chefe, meu irmão, meu amigo. Minha mãe, pela doçura.
- Pelo respeito que tenho por ele, ele desempenha o papel máximo. A minha esposa, porque ela para mim é tudo.
- Todos não têm um papel específico. Meu pai, porque ele sabia escutar, dar conselho e estava sempre disposto a ajudar.
- Deus na minha vida hoje é tudo. Minha avó, que sempre esteve presente em minha vida.
- O papel de Pai. Meu pai, porque ele foi uma pessoa boa.
- Deus é tudo, Ele ocupa todos os lugares da minha vida. Meu padrasto.
- Deus é a minha luz. O papel de irmão, daquele que chega para agregar, para participar, para distribuir amor, que une quem ama. Irmão no sentido amplo da palavra.
- Todos os papéis, Ele é tudo para mim. Meu pai, só o pai que nos mostra os caminhos.
- Ele é tudo, não consigo me imaginar sem Deus. Minha mãe, que foi uma pessoa compreensiva.
- O papel do irmão mais velho, que nos defende e nos salva quando estamos em perigo. Meu marido porque é uma pessoa maravilhosa.
- Deus é tudo na minha vida. Meu filho, que é uma pessoa bastante sensata e justa.
- Deus é tudo, dependo sempre Dele para que as coisas aconteçam em minha vida. A minha avó, que é um exemplo de pessoa.
- O papel de Deus é me mostrar os caminhos. Meu pai, porque é protetor. O pai é quem nos mostra o que podemos ou não fazer.
- Todos, porque Deus é tudo. Não existo sem Deus, Ele é o preenchimento de tudo, é o significado, o sabor e a energia de tudo. Minha filha mais velha, porque ela tem uma percepção de amor muito intensa.



- Pode parecer uma heresia, mas Deus tem o papel de “Pronto Socorro”, sempre que estou no sufoco, lembro Dele. Seria minha avó, que foi um exemplo de pessoa.

- Deus é tudo, é a vida. Minha esposa, porque ela sempre me apóia.

- Deus tem o papel de meu guia. Meu marido, que sempre está comigo quando preciso e me compreende.

- Deus tem vários papéis em minha vida. É o meu amigo, meu irmão, meu vizinho, meu pai, meus filhos, meus colegas. Ele é todo aquele que me cerca. Meu pai, porque foi a minha referência.

- É difícil dizer qual o papel de Deus, até porque nunca pensei sobre isso. Diria que tem o papel do espírito protetor. Que ilumina meu caminho quando me encontro nas trevas. Minha mãe, por ter sido uma mulher muito sofrida, mas de muita fibra.

***Como você entende a relação de Deus e Deus Filho?***

- Deus é um só, uma única pessoa.
  
- Deus se manifestou através de Jesus para que este se tornasse Deus.
  
- Deus precisou de Jesus para poder se revelar. Jesus adotou Deus como seu Pai e aproveitava para tentar mudar o mundo.
  
- Deus se realizou através do Filho, fez todas as suas vontades por meio de Jesus.
  
- Para te ser bem sincero, não sei explicar esta relação. Sei que Deus é Jesus e que Jesus é Deus.
  
- O Filho é Deus assim como o Pai. Só que na condição de Filho, Lhe deve obediência.
  
- Só sei te dizer que Deus é Jesus.
  
- Vejo essa relação como uma fusão. Porque Deus e Jesus são um só. Isto nunca foi uma coisa muito clara para mim, mas hoje entendo que Deus e Jesus se uniram para se tornarem o Pai de todos. Vejo Jesus como uma luz. Existe toda essa história que vemos na bíblia, como uma maneira de explicar melhor para as pessoas essa fusão de Deus e Jesus. Jesus fazia as coisas porque na realidade Jesus era Deus, só que como ele não queria dizer que era Deus, ele usava uma “figura” para se fazer entender.
  
- Deus se manifestou através de Jesus para que este se tornasse Deus.
  
- Deus e Deus Filho são um só uma pessoa. Deus se manifestou na pessoa de Jesus.
  
- Deus e Jesus são um só.
  
- Isso é muito complicado, prefiro não responder.
  
- Deus mandou o Filho para que Ele sentisse o que a gente sente. Não vejo Cristo como humano, mas como uma luz, pois os pecados não foi Cristo que cometeu, mas nós os cometemos.
  
- Deus e Jesus são um só. Deus é o Pai que deu as ordens a Jesus do que deveria fazer aqui na terra. Como Ele não obedeceu, Deus deixou que O levassem para cruz, pois assim ficaria claro que à vontade do Pai é que prevalece.
  
- Deus é o Pai que se revela por meio do Filho, a fim de salvar a humanidade.
  
- A relação entre Deus e Jesus é uma relação muito estreita e muito profunda. É intensa e muito próxima, pois Deus e Jesus são duas pessoas em uma só.
  
- Deus se revelou por meio de Jesus.
  
- Deus precisou escolher uma pessoa para que divulgasse a sua obra. Escolheu Jesus como seu filho.

- Deus se revelou em seu Filho Jesus Cristo.
- Não consigo explicar muito bem esta relação. Sei que Deus como Pai se revela em Jesus Cristo que apresenta o plano salvífico de Deus para nós humanos. Dizem que Jesus era um homem, mas eu acredito que Ele tenha sido apenas um espírito.
- Deus e Deus Filho são uma só pessoa.

***Você acha que à vontade de Deus interfere diretamente em sua vida?***

- Sim, não só na minha, mas na de todas as pessoas. Só Ele tem o Poder de atender ou de satisfazer qualquer necessidade do ser humano.

- Sim. Tive prova disso quando sofri um acidente em Natal. Estava longe de casa e quando questionei porque isso havia acontecido meu amigo disse que não fizesse essa pergunta, porque logo, logo iria compreender. Foi em função do acidente que voltei para casa, para junto da minha família.

- Deus interfere na minha vida através das atitudes que tenho, das coisas que falo e das coisas que faço.

- Não, acho que Deus só está comigo quando O chamo, em outros momentos não.

- Sim, eu sinto que ao comungar com Deus eu sou conduzido pela vontade Dele.

- Não. Acho que já nascemos com as coisas que temos que passar. Não adianta ficar pedindo que Deus mude o nosso destino. Deus tem coisas mais importantes do que ficar se preocupando com as coisas do nosso dia-a-dia.

- Sim, nas coisas do dia-a-dia, nas minhas decisões. Penso que as decisões que preciso tomar sempre são orientadas por Ele.

- Deus está sempre agindo em nossa vida, até mesmo quando nos esquecemos Dele.

- Sim, Deus está presente em todos os momentos de minha vida.

- Sim, são inúmeras graças que recebo todos os dias. Tenho uma fé muito grande e Deus sempre me protege. Nas horas de maior aflição, Ele sempre me mostrou a Sua presença. Sei que não preciso me desesperar, porque Deus não me deixa sofrer.

- Acho que Deus interfere na tua vida, só se tu te permitires. Porque tu tens a liberdade para escolher o que tu queres, a não ser que tu te coloques a disposição dele.

- Sim, nos relacionamentos, na vida, na casa da gente, no trabalho.

- Sim, em tudo. Se não fosse Deus não sei o que teria sido a minha vida, pois passei por momentos muito difíceis.

- Com certeza, Deus está 24 horas na minha vida não viveria e não seria o que sou se não fosse Ele.

- Sim. Na minha vida, nas finanças, nas crises conjugais, que sempre tem, pois estou casada quase 30 anos. Tenho certeza que foi Deus quem seguiu meu casamento. Tudo na minha vida é orientado por Deus.

- Até pode interferir, mas Ele deixa que a gente escolha o que julga melhor. Penso que Deus interfere nos casos mais graves.

- Sim, Deus está sempre me orientando e mostrando como eu devo agir. Apesar de que às vezes não sigo à vontade Dele.

- Não acredito que Deus interfira na minha vida. Como vemos na Bíblia, Deus não obriga ninguém a nada, portanto as coisas que acontecem na minha família, no meu trabalho são decisões que tomamos. Não podemos querer dar este atributo a Deus.

- Sim, Deus sempre se faz presente em minha vida. Já tive inúmeras provas disso e me entrego sempre a Ele.

- Não acredito. Acho que somos responsáveis pela nossa vida. Deus nos protege, mas não fica nos cuidando o tempo todo.

- Mesmo tendo me criado dentro da Igreja católica, vindo à missa todas as semanas, não consigo acreditar que as coisas que acontecem em minha vida são por vontade de Deus. Acho uma falta de responsabilidade e de respeito dizer isso. Eu sou a única responsável por tudo que faço e que deixo acontecer em minha vida. Não podemos usar Deus em nossas coisas, em nossas decisões, Ele é sagrado e não uma brincadeira do ser humano.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BELL, Judith. *Projeto de Pesquisa*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BÍBLIA. Português. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.
- BROECHAT, Walter. *Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BRAGA, Humberto, BOECHAT, Walter et Al. *Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRENNAN, Anne & BREWI, Janice. *Arquétipos Junguianos. A Espiritualidade na Meia-Idade*. São Paulo: Madras, 2004.
- CANCIAN, Domenico. In VIRGILI, Rosanna et al. *Misericórdia: Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- CASTRO, Emilio Silva de. *Revue/journal Title*, 1988, v.43, n° 167-168, Issn 0036-470.
- CHARDIN, Pierre Teilhard. *El porvenir Del hombre*. Madrid: Taurus, 5ªed., 1965.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CRETELLA, José e CINTRA, Geraldo de Ulhôa. *Dicionário Latino- Português*. São Paulo: Nacional, 1953.
- DUPUIS, Jacques. *Em Nome do Pai – Uma História da Paternidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- EDINGER, Edward F. *A Criação do Consciente: o mito de Jung para o homem moderno*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O Encontro com o Self: um comentário junguiano sobre as ilustrações do livro de Jô de William Blake*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Ego e Arquétipo-Individuação e Função Religiosa da Psique*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Bíblia e psique: simbolismo da individuação no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1990.

- EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª Ed. Curitiba: Positiva, 2008.
- FISICHELLA, Rino. In VIRGILI, Rosanna et al. *Misericórdia Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006
- FORTE, Bruno. Deus no amor quer todos salvos em Cristo, o Filho Amado. Teocomunicação. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 33, nº 142, 2003.
- FRANZ, Marie-Louise Von & HILLMAN, James. *A Tipologia de Jung*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- GILL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HESÍODO. *La Teogonia*. Valencia: Prometeo, 1930.
- HUMBERT, Elie G. *Jung*. São Paulo: Summus, 1985.
- < <http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 20/11/2009.
- JAFFE, Laurence W. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- \_\_\_\_\_. *A Dinâmica do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. *AION – Estudo sobre o simbolismo do Si - mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a Psicologia de Carl Gustav Jung*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O Mito do Significado na obra de C.G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Libertando o Coração – Espiritualidade e Psicologia Junguiana*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- JUNG, Carl Gustav. *Civilização em Transição*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Memórias, Sonhos, reflexões/ Carl Gustav Jung*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os Arquétipos do Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Resposta a Jó*. Petrópolis: Vozes, 2001
- \_\_\_\_\_. *Cartas*. v.I. Petrópolis: Vozes, 2ªed., 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cartas*. v. II. Petrópolis: Vozes, 2002.

- \_\_\_\_\_. *A Energia Psíquica*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cartas*. v. III. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Madrid: Trotta. v. IX, 1ªed., 2009.
- KAST, Verena. *A Dinâmica dos Símbolos – Fundamentos da Psicoterapia Junguiana*. São Paulo: Loyola, 1997.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.
- LATOURELLE, René e FISICHELLA, Rino. *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MAGO, Salette Verônica Dal. *Lugares Teológicos da Revelação Divina no Pensamento de Andres Torres Queiruga*. Porto Alegre, 2009. Disponível em <<http://tede.pucrs.br/tde.busca/arquivo.php?codArquivo=2305>>. Acessado em 31.10.2009.
- MARONI, Amnérís. *Jung – Individualização e Coletividade*. São Paulo: Moderna. 1999.
- MENDITTI, Alfonso Garcia. *Deus e o Ser Humano*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <<http://www2.dbd.puc-rio.br>>. Acessado em 31 de out. de 2009.
- NETTO, João Paixão, MACHADO, Alda da Anunciação, PACOMIO, Luciano, MANCUSO, Vitor. *Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.
- NEUMAN, Erich. *A história da origem da Consciência*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminhar para o Reino com as vem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PIERI, Paolo Francisco. *Dicionário Junguiano*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ROGROFF, Ira. *Jung, Sincronicidade e Destino humano: A Teroira da coincidência Significativa de C.G.Jung*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ROBLES, Carlos Moreno. *Uma respuesta a La crisis de fin de siglo/tesis doctoral*. Madrid, 2002. Disponível em: <<http://www.cisne.sim.ucm.es/search>>. Acesso em 06 de out. de 2009.
- RUIBAL, A. A. Enciclopédia Microsoft@Encarta@Online 2009. Disponível em <[http://www.mx.encarta.msn.com/encyclopedia\\_761588333/%C3%81\\_Amor\\_Ruibal.html](http://www.mx.encarta.msn.com/encyclopedia_761588333/%C3%81_Amor_Ruibal.html)>. Acesso em 05 de out. de 2009.
- SAMUELES, Andrew, SHORTER, Bani, PLAUT, Fred. *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SILVA, José Maria da. *Proximidades Teológicas à Pós-Modernidade em Hans Küng e Andres Torres Queiruga*. *Revista de Estudos da Religião*, nº2. São Paulo: 2006.
- SILVEIRA, Nise da. *Jung Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- SPINELLI, Miguel. *Caminhos de Epicuro*. São Paulo: Loyola, 2009.



- TORRES QUEIRUGA, Andres. *O Cristianismo no Mundo de Hoje*. São Paulo: Paulus, 1994
- \_\_\_\_\_. *A Revelação de Deus na Realização Humana*. São Paulo: Paulus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Que Queremos Dizer Quando Dizemos Inferno?* São Paulo: Paulus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Donde está Dios? La pregunta em El mundo actual*. Madrid, 1977. Disponível em <<http://www.iglesiaviva.org/223/223-12Torres>>. Acessado em 16 de nov. de 2009.
- \_\_\_\_\_. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *El hombre de Dios em La Modernidad*. Estella: Verbo Divino, 1998.
- \_\_\_\_\_. Revista IHU on-line, n. 29/98. Acessada em 1.11.2009.
- \_\_\_\_\_. De uma religião de escravos a uma religião de filhos in *Theologica*, II série, v XXXIV, fasc.1, 1999 (19-30).
- \_\_\_\_\_. *Recuperar a Criação*. São Paulo: Paulus, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Do Terror de Isaac ao Abba de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Um Deus para Hoje*. 2ªed. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Pelo Deus do Mundo no Mundo de Deus*. São Paulo: Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Fim do Cristianismo Pré-moderno- Desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Repensar a Ressurreição – A Diferença Cristã na Continuidade das Religiões e da Cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Recuperar a Salvação. Por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. São Paulo: Paulus, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Creio em Deus*. 2ªed. São Paulo: Paulus, 2005.
- \_\_\_\_\_. Ressurreição e liturgia funerária. *Concilium – Revista Internacional de Teologia*. Fasc. 318, 2006/5.
- \_\_\_\_\_. El Dios de Jesús em El nuevo contexto de las religiones in *Iglesia Viva*, 180, PP.565-569.
- \_\_\_\_\_. *Esperança apesar do mal- A ressurreição como horizonte*. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. *Repensar o Pluralismo: da inculturação à inreligiosação. Concilium- Revista Internacional de Teologia*. Fasc. 319, 2007/1.

\_\_\_\_\_. *Noción, Religión, Transcendencia – O conhecimento de Deus em Amor Ruibal e Xavier Zubiri*. Fundación Pedro Barrie de La Maza, Conde de Fenosa “Colección Galicia Viva”.

\_\_\_\_\_. *Autocompreensão Cristã- Diálogo das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. Qué significa afirmar que Dios habla? Disponível em <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/243.htm>>. Acesso em 15 de nov. de 2009.

\_\_\_\_\_. *La Fe em Dios Creador y Salvador*. Braga, 2000. Faculdade de Filosofia. Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <<http://ccatalogo.facfil.ucp.pt>>. Acesso em 16 de nov. de 2009.

XAVIER, Marlon. O conceito de religiosidade em C.G. Jung. *In Psico*, v. 37, n.2, 2006, pp.183-189.

ZUBÍRI, Xavier. *Naturaleza, Historia, Dios*. Buenos Aires: Poblet, 1948.

\_\_\_\_\_. *Inteligência Y Logos*. Madrid: Alianza, 1982.

\_\_\_\_\_. *El Hombre Y Dios*. Madrid: Alianza, 1985.

\_\_\_\_\_. *Sobre el Hombre*. Madrid: Alianza, 1986.

ZUBERI, Xavier. <<http://www.zubiri.net/>>. Acessado em 1.11.2009.

## GLOSSÁRIO

**Anima** – é psicologicamente a contrapartida feminina da consciência masculina, tem um aspecto decididamente dual, baseada na maioria de genes femininos no corpo masculino. Ela funciona, como um elo de ligação entre o inconsciente coletivo e a consciência<sup>379</sup>.

**Animus** – é psicologicamente a contrapartida masculina na consciência feminina<sup>380</sup>.

**Arquétipo** – é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas ideias míticas; se não as mesmas, pelo menos parecida. É possível supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pela repetição de reações subjetivas<sup>381</sup>.

**Complexo** – o termo aparece em Jung na expressão complexo de tonalidade afetiva, o qual indica uma estrutura psíquica mínima dotada justamente de forte carga afetiva, que liga entre si representações, pensamentos e lembranças. Os elementos da vida psíquica, sentimentos, ideias e sensações apresentam-se à consciência sob a forma de certas unidades<sup>382</sup>.

**Ego** – termo usado por Jung no significado específico de complexo funcional de representações que constituem o centro da consciência e que o sujeito experimenta como idêntico e contínuo consigo mesmo. O ego contém tudo aquilo que o sujeito sabe de si próprio, todas as características do seu modo de ser<sup>383</sup>. Encontramos nas obras de Jung às vezes, ao invés de ego a palavra eu, que tem o mesmo significado.

**Energia Psíquica** – o termo utilizado na psicologia junguiana para definir a energia psíquica é libido. É tudo aquilo que assume forma de *appetitus* ou “tendência para”. A energia psíquica é em particular, um movimento que conhece, sendo-lhe atribuído um caráter cognitivo além do afetivo<sup>384</sup>. A energia é um conceito que não existe objetivamente como tal,

---

<sup>379</sup> JUNG, C. G. *Cartas, v. II*, p. 91.

<sup>380</sup> PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, 37

<sup>381</sup> JUNG, C.G. *Psicologia do Inconsciente*, p. 61.

<sup>382</sup> PIERI, P. F. *Op cit.*, p. 101.

<sup>383</sup> Cf. PIERI, P. F. *Dicionário Junguiano*, p. 187.

<sup>384</sup> *Ibidem*, p. 293.

mas se acha presente no fundamento da experiência específica, manifestando no momento como movimento e força; virtualmente é situação, é condição. Quando em ato, a energia psíquica manifesta-se nos fenômenos dinâmicos da alma, tais como as tendências, os desvios, o querer, os afetos, a atuação, o trabalho, etc., que são justamente forças psíquicas. Quando virtual, a energia aparece nas aquisições, possibilidades, aptidões que são condições<sup>385</sup>.

**Entrevista Semi- estruturada** – é uma entrevista livre que permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este desvia do foco, o entrevistador o conduz a retomar<sup>386</sup>.

**Grande homem** – entendido como *self*, um “super homem”, o que é um perigo, visto o poder sobre-humano que foi concedido ao homem<sup>387</sup>

**Imaginação Ativa** – é uma técnica psicoterapêutica que propicia o rebaixamento natural da consciência, permitindo ao paciente explorar as imagens-fantasia que por ventura emergem, bem como a compreensão de seu desdobramento, permitindo-lhe o desvendamento de curtos enredos<sup>388</sup>.

**Imago**- imagem. A imago dos pais nasce tanto da experiência pessoal como do arquétipo, isto é, da imagem dos pais que se encontra na psique e que é preexistente a consciência<sup>389</sup>.

**Instinto** – na psicanálise o termo indica o rígido esquema de comportamento herdado por todo indivíduo. Refere-se a um comportamento originariamente fixado pela hereditariedade característica da espécie à qual o indivíduo pertence<sup>390</sup>.

**Significante** - mediador do material do significado. É imotivado, ou seja, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade<sup>391</sup>.

<sup>385</sup> JUNG, C. G. *A energia Psíquica*, p. 24.

<sup>386</sup> GIL, A.C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, p. 114.

<sup>387</sup> JAFFÉ, A. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*, p. 58

<sup>388</sup> Cf. MARONI. Jung – Individualização e Coletividade, p.45.

<sup>389</sup> JUNG, C.G. *Cartas*, v.I, p.63.

<sup>390</sup> PIERI, P.F. *Dicionário Junguiano*, p. 279.

<sup>391</sup> SAUSSURE, F. *Curso de lingüística Geral*, p. 83.

**Significado** – é a representação psíquica da “coisa”<sup>392</sup>

**Si-mesmo** – o termo denota o conjunto complexo dos fenômenos psíquicos de um indivíduo. O si- mesmo, de um lado, reúne os objetos da experiência, ou seja, os fenômenos da consciência, os conteúdos e fatores conscientes, do outro, pressupõe aquilo que ainda não se encontra no âmbito da consciência, portanto, os fatores e os conteúdos do inconsciente, ou seja, os fenômenos daquela outra parte da psique que permanece ainda incognoscível e não delimitável<sup>393</sup>.

**Uroboro** – expressão mitológica que representa o redondo que contém, isto é, o ventre primal materno e o útero, mas também a união do antagonismo masculino-feminino, os ancestrais, pai e mãe unidos em coabitação permanente. No desenvolvimento psíquico corresponde a um estágio pré-ego, antecedendo a história humana bem como a história do desenvolvimento individual, pertencendo ao estágio da mais tenra infância, aonde só existe o germe do ego<sup>394</sup>.

---

<sup>392</sup> SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*, p. 83

<sup>393</sup> *Idem*, p.462.

<sup>394</sup> NEUMANN, E. *História da origem da Consciência*, 29.